



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

EDI CRISTINA MANFROI

**O QUE PENSAM E O QUE FAZEM MÃES NA CRIAÇÃO DE
FILHOS DE 1 A 3 ANOS EM FUNÇÃO DO AMBIENTE FAMILIAR
E DA HISTÓRIA REPRODUTIVA MATERNA**

FLORIANÓPOLIS

2009

EDI CRISTINA MANFROI

**O QUE PENSAM E O QUE FAZEM MÃES NA CRIAÇÃO DE
FILHOS DE 1 A 3 ANOS EM FUNÇÃO DO AMBIENTE FAMILIAR
E DA HISTÓRIA REPRODUTIVA MATERNA**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Luis Vieira.

FLORIANÓPOLIS

2009

Edi Cristina Manfroi

O que pensam e o que fazem mães na criação de filhos de 1 a 3 anos em função do ambiente familiar e da história reprodutiva materna

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Curso de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, pela seguinte banca examinadora:

Florianópolis, 09 de fevereiro de 2009.

Dr. Narbal Silva
(Coordenador PPGP/CFH/UFSC)

Dr. Mauro Luis Vieira
(PPGP/UFSC – Orientador)

Dra. Eulina Rocha Lordelo
(UFBA – Examinadora)

Dra. Ariane Kuhnen
(PPGP/UFSC – Examinadora)

Dedico este trabalho ao Célio, meu amor, que sempre esteve
presente nos momentos mais difíceis.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Mauro Luís Vieira, pela confiança e oportunidade.

A minha mãe, Lourdes pelo incentivo.

A Gabriela Martins, pela assessoria estatística e organização dos dados.

A Samira Macarini, pelas sugestões e ajuda prestada.

A Alessandra Prado, pela disponibilidade, dedicação e colaboração na construção do trabalho.

Ao grupo NEPeDI (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil).

Às professoras Dra. Ariane Kuhnen e Dra. Ana Maria Faraco de Oliveira pela participação na banca de qualificação.

Às instituições e aos participantes que permitiram a realização da pesquisa.

As acadêmicas do curso de psicologia da FADEP que auxiliaram na coleta de dados.

Ao meu amor Célio Tibes, que sempre esteve presente me auxiliando em todas as etapas.

MANFROI, E. C. **O que pensam e o que fazem mães na criação de filhos de 1 a 3 anos em função do ambiente familiar e da história reprodutiva materna.** Florianópolis, 2009. 120 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Mauro Luis Vieira

Defesa: 09/02/2009

RESUMO

O cuidado parental engloba fatores complexos da história evolutiva da espécie humana. Dentre eles está o sistema de crenças parentais e a história reprodutiva das mães. Nesse sentido, a presente pesquisa teve como objetivo estudar a relação entre as crenças e práticas de cuidado e a história reprodutiva das mães através da perspectiva evolucionista e da noção de nicho de desenvolvimento. Participaram 47 mães, maiores de 18 anos e com filhos (as) de 1 a 3 anos. Para a coleta de dados foram utilizados um questionário socioeconômico, entrevista semi-estruturada, HOME e uma escala de crenças e práticas de cuidado maternas. Foram utilizados testes não paramétricos para apreciação dos dados. A análise dos dados mostrou que: a) a escolaridade e a renda dos pais influenciam na qualidade geral do ambiente familiar; b) a maioria das famílias foi classificada como ambiente de risco; c) as mães valorizam e realizam mais práticas de apresentação apropriada do que de estimulação em seus filhos e d) a maior idade da mãe no primeiro casamento e no nascimento do primeiro filho repercute na melhora total e na organização do ambiente. Conclui-se que a escolaridade dos pais, renda familiar e idade da mãe no nascimento do primeiro filho são fatores que interferem de modo positivo na qualidade geral do ambiente familiar.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil; Psicologia Evolucionista; Nicho de desenvolvimento; Crenças e práticas maternas

MANFROI, E.C. **What think and do mothers in the childrearing from 1 to 3 years in function to the family environment and maternal reproductive histories.** Florianópolis, 2009. 120 f. (Dissertation in Psychology) - Graduate Program in Psychology, Universidade Federal de Santa Catarina, Brazil.

ABSTRACT

The parental care includes complex factors of the evolutionary history of the mankind. Among them there is the system of parental beliefs and the reproductive history of the mothers. In this sense, the present study had as purpose to investigate the relationship between the beliefs and practices of care and reproductive history of mothers through the evolutionary perspective and the concept of the niche of development niche. Forty-seven mothers, older than 18 years and that had children from 1 to 3 years. For the collection of data a social and an economic questionnaires, a semi-structured interview and a scale of beliefs and mother's practices of care were used. Tests not parametric for appreciation of the data were used. The analysis of the data has indicated that: a) the schooling and the income of the parents influence the general quality of the familiar environment; b) most of the families were classified as environment of risk; c) the mothers value and carry out more practices of proper presentation than stimulation with theirs children and, d) the biggest age of the mother in the first marriage and the birth of the first children result in the total improvement and in the organization of the environment. It has been concluded that the level of parental education, familiar income and mother's age at birth of the first child, are factors which they have positive effect about the general quality of the familiar environment.

Key words: Child Development; Evolutionary Psychology; Developmental Niche;
Childrearing beliefs and practices

SUMÁRIO

RESUMO	6
ABSTRACT	7
1. INTRODUÇÃO	13
2. OBJETIVOS	17
2.1 Geral	17
2.2 Específicos	17
3. REFERENCIAL TEÓRICO	18
3.1 Perspectiva evolucionista	18
3.2 O modelo de nicho de desenvolvimento	28
3.2.1 Crenças ou Etnoteorias Parentais.....	30
3.2.2 Práticas de cuidado e de criação.....	34
4. MÉTODO	38
4.1 Caracterização da Pesquisa	38
4.2 Participantes	38
4.3 Local	41
4.4 Instrumentos	41
4.5 Procedimentos	45
4.6 Análise dos Dados	51
5. RESULTADOS	58
5.1 Ambiente físico e social	59
5.1.1 Qualidade do ambiente familiar (HOME).....	59
5.1.2 Percepção da qualidade do ambiente familiar atual.....	68
5.2 Costumes de cuidado	69
5.2.1 Práticas de criação.....	69
5.3 História reprodutiva da mãe	70
5.4 Etnoteorias parentais – crenças e práticas maternas	73
5.5 Relações entre o Nicho de Desenvolvimento e a História Reprodutiva da mãe.. 78	
5.5.1 Relações entre crenças e práticas maternas, práticas de criação e história reprodutiva da mãe.....	78
5.5.2 Relações entre Qualidade do Ambiente Familiar, Práticas de Criação e História Reprodutiva da mãe.....	80

5.5.3	Relações entre crenças e práticas maternas e qualidade do ambiente familiar..	81
5.6	Síntese dos Resultados	84
6.	DISCUSSÃO	86
6.1	Descrição da qualidade do ambiente familiar.....	86
6.1.1	Percepção da qualidade do ambiente familiar atual	91
6.2	Caracterização das crenças e práticas de cuidados maternas.....	92
6.3	Costumes de cuidado	95
6.3.1	Práticas de criação das mães com seus filhos	95
6.4	Caracterização da história reprodutiva da mãe	97
6.5	Relações entre os subsistemas do Nicho de Desenvolvimento e destes com a História Reprodutiva da mãe	101
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
8.	REFERÊNCIAS	109
9.	ANEXOS.....	116
10.	APÊNDICE.....	120

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Modelo sobre cultura e nichos de desenvolvimento sintetizado por Vieira, Martins & Macarini (comunicação pessoal).....	30
Figura 2. Fenômenos selecionados para avaliar os elementos do Nicho de Desenvolvimento e respectivos instrumentos utilizados.	58
Figura 3: Síntese dos principais resultados.....	85

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Faixa salarial das participantes no momento da entrevista	39
Tabela 2. Escolaridade das participantes e respectivos parceiros no momento da entrevista	40
Tabela 3. Frequência de participantes em cada quartil nas diferentes sub-escalas e no escore total do HOME.....	59
Tabela 4. Frequência de participantes na <i>dimensão responsividade</i> do HOME (f=frequencia/ SIM=fator de proteção/NÃO=fator de risco).....	61
Tabela 5. Frequência de participantes na dimensão <i>punição e restrição</i> do HOME (f=frequencia/ SIM=fator de proteção/NÃO=fator de risco).....	62
Tabela 6. Frequência de participantes na dimensão <i>Organização do ambiente físico e temporal</i> do HOME (f=frequencia/ SIM=fator de proteção/NÃO=fator de risco).....	63
Tabela 7. Frequência de participantes na dimensão <i>disponibilidade de materiais de brinquedos e jogos apropriados à idade da criança</i> do HOME (f=frequencia/ SIM=fator de proteção/NÃO=fator de risco)	64
Tabela 8. Frequência de participantes na dimensão <i>envolvimento materno com a criança observada</i> do HOME (f=frequencia/ SIM=fator de proteção/NÃO=fator de risco).....	65
Tabela 9. Frequência de participantes na dimensão <i>oportunidade de variação na estimulação diária</i> do HOME (f=frequencia/ SIM=fator de proteção/NÃO=fator de risco)	66
Tabela 10. Relações entre as variáveis sociodemográficas das participantes e as dimensões do HOME.....	67
Tabela 11. Médias e desvios-padrão da avaliação da qualidade do ambiente familiar atual pelas participantes	68
Tabela 12. Correlações entre as variáveis da história reprodutiva das participantes	72
Tabela 13. Frequência de realização das práticas de cuidado (FRP) e grau de importância atribuído às mesmas (GRP) pelas participantes.....	74
Tabela 14. Frequência de realização (FRP) e grau de importância atribuído às práticas (GAP) na dimensão <i>Estimulação</i>	75

Tabela 15. Frequência de realização (FRP) e grau de importância atribuído às práticas (GAP) na dimensão <i>Apresentação Apropriada</i>	76
Tabela 16. Frequência de realização (FRP) e Grau de importância atribuído às práticas (GAP) na dimensão <i>Responsividade e vínculo</i>	77
Tabela 17. Correlação entre as dimensões das crenças e práticas de cuidado das respondentes com variáveis da História Reprodutiva.	79
Tabela 18. Correlações entre as dimensões do HOME e variáveis da História Reprodutiva da respondente.	81
Tabela 19. Relação entre classificação dos escores totais das famílias no HOME e dimensões de crenças e práticas maternas.	82
Tabela 20. Relação entre as dimensões do HOME com as dimensões das crenças e práticas de cuidado.	84

1. INTRODUÇÃO¹

O modo como os pais cuidam de seus filhos, com destaque para o ambiente familiar e o comportamento parental, entendido este como a relação que os cuidadores estabelecem com a criança, desde sua concepção até a vida adulta, com vista ao seu desenvolvimento cognitivo, social e afetivo, tem sido foco de estudos em Psicologia do Desenvolvimento (Lordelo, Fonseca & Araújo, 2000; Ruela & Seidl de Moura, 2007). O objetivo do estudo do desenvolvimento infantil é descrever e adquirir conhecimento sistemático do desenvolvimento da criança na sequência de mudanças físicas, cognitivas e psicossociais que ela experimenta desde a concepção até a vida adulta. Este interesse baseia-se na ideia de que, se conseguirmos entender as raízes e a história das mudanças pelas quais passamos até o presente momento, é possível compreender melhor a nós mesmos e, assim, prever questões presentes e futuras e nos prepararmos para elas (Cole & Cole, 2003).

A família é o primeiro ambiente de desenvolvimento com o qual a criança terá contato após o nascimento e onde passará a maior parte do seu tempo como bebê, na infância e adolescência, com repercussões importantes para o seu desenvolvimento. No desenvolvimento inicial e primeira infância, o começo das relações afetivas e assim, os cuidados e estímulos necessários ao crescimento e desenvolvimento, são fornecidos pela família. Desta forma, a maneira pela qual os pais organizam o ambiente físico e interagem com os filhos, ou seja, estabelecem as contingências familiares, tem influência sobre o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo das crianças. Para a abordagem evolucionista, a função central do cuidado parental e da família humana é promover um contexto propício ao desenvolvimento de habilidades sociais complexas e, conseqüentemente, a transformação da criança em um adulto capaz de enfrentar as adversidades da fase adulta (Prado, 2005). A psicologia evolucionista, reconhecida pelos estudos sobre investimento parental, procura

¹ O presente trabalho está escrito de acordo com a reforma ortográfica da Língua Portuguesa, válida a partir de 2009.

relacionar variáveis biológicas e condições ambientais prevalentes, na medida em que diferencia causas próximas e últimas do comportamento e atribui a organização de cuidado aos interesses reprodutivos da espécie (Sachetti, 2007).

A história pessoal dos indivíduos está relacionada às condições ecológicas em que eles vivem e que afetam possíveis estratégias de sobrevivência e reprodução. Essa última, segundo a perspectiva evolucionista, é organizada na dimensão quantidade/qualidade de investimento parental. Em princípio, enquanto espécie, o ser humano é caracterizado por um alto investimento no cuidado parental, contudo diferenças entre os indivíduos permitem caracterizar dois “padrões prototípicos” ou estratégia reprodutiva do percurso do desenvolvimento: o primeiro estilo (quantitativo) caracteriza o indivíduo que, na infância, experimenta um ambiente de escassez de recursos, com baixo investimento parental e clima familiar insatisfatório; o segundo (qualitativo) descreve o indivíduo que, vivendo uma situação de abundância de recursos, experimenta um alto investimento parental e um clima familiar positivo (Lordelo, Franca & Lopes, 2006). Desta forma, a estratégia reprodutiva das mães pode ser compreendida como um dos possíveis eliciadores do investimento parental despendido aos filhos, refletindo na qualidade do ambiente familiar. A perspectiva evolucionista é também evidente ao assumir que sistemas de crenças funcionam como orientadores de práticas de cuidado destinadas à criança.

Segundo Harkness e Super (1994) para se estudar o desenvolvimento infantil é importante caracterizar um sistema que inclua como subsistemas o ambiente físico e social da criança e as crenças e práticas de seus cuidadores. Para isto, os autores cunharam a noção de Nicho de Desenvolvimento. Eles consideram a moradia da família como o centro da vida humana inicial e a família como o primeiro núcleo social do bebê. Atribuem a ela a função de capacitá-lo a viver dentro de sua cultura e veem o ambiente doméstico como o local adequado para o cuidado dele. Os autores descrevem três componentes importantes para o entendimento de seus pressupostos: a) o ambiente físico e social da criança considerando o

ambiente em seus aspectos micro (como o grupo familiar, grupos ligados a movimentos religiosos e políticos) e macro (como o contexto cultural amplo da comunidade local); b) as práticas de cuidado e educação de crianças que são utilizadas pelos pais e cuidadores de determinada cultura, as quais são prescritas socialmente e (c) as crenças e valores (etnoteorias parentais) dos cuidadores de crianças, suas concepções de infância, desenvolvimento e educação, as quais podem ser ditadas pela cultura do grupo ao qual pertencem. Esse conjunto de elementos em interação poderá conseqüentemente ter influências na direção, tempo e qualidade do ambiente físico e social da criança. Daí a importância da compreensão do ambiente e seus elementos, bem como das crenças parentais e práticas de cuidado como elementos essenciais para uma melhor análise e compreensão do desenvolvimento infantil.

Desta forma, os cuidados que os pais dedicam aos seus filhos, sejam estes materiais ou socioafetivos, são entendidos como parte do ambiente da criança, os quais são culturalmente regulados e dependentes das crenças ou psicologia dos cuidadores. Investigar as crenças dos pais e o comportamento em relação aos seus filhos constitui formas de analisar o contexto de desenvolvimento infantil.

Ainda, a discussão crítica e a pesquisa sobre crenças parentais apresentadas por Harkness e Super (1992) são relevantes para a compreensão de como as crenças parentais contribuem para a organização das atividades cotidianas das crianças e como se expressam nas práticas de cuidado. Os conhecimentos produzidos nessa área podem ser úteis para auxiliar profissionais que trabalham com crianças e também os cuidadores de crianças pequenas.

A discussão de aspectos biológicos e culturais do desenvolvimento e sua relação com a interação mãe-criança tem recebido a atenção de diversos campos de investigação, como a psicologia, a antropologia, a biologia, pediatria e, especialmente, de pesquisadores de desenvolvimento infantil. Esta tendência em assumir a mãe como foco de investigação e

mediadora entre a criança e o meio é relacionada à preocupação em descrever a interação da criança com o cuidador primário e o efeito desta sobre o desenvolvimento infantil; soma-se a isso, o fato de este papel ser atribuído, frequentemente, à mãe, em termos históricos e culturais. (Badinter, 1985; Keller, 2002a). Isto não exclui a importância do pai para o desenvolvimento infantil (Bandeira, Vieira & Pontes, 2005; Lamb, 1997; Prado & Vieira, 2003; Rohner & Veneziano, 2001). Segundo estes autores, o pai, ao longo da história evolutiva, assumiu diferentes papéis associados com um ou mais modos distintos de influência sobre a criança. Atualmente, estudos neste âmbito apontam que o pai pode atuar em múltiplos papéis significativos para a criança, assim como para o sistema familiar por meio de funções como: companheiro, cuidador, provedor financeiro, cônjuge, modelo, guia moral e professor (Bandeira et al. 2005) Neste sentido, a descrição do comportamento de mães, que se volta à sua adaptação em contextos adversos e de risco para criar seus filhos, poderá fornecer evidências empíricas que auxiliem na elaboração de intervenções conectadas às dificuldades potenciais destas mulheres para o seu desenvolvimento individual e de seus filhos.

Considerando o exposto, a presente pesquisa busca contribuir com o estudo do nicho de desenvolvimento e a psicologia evolucionista investigando:

Quais as relações entre crenças e práticas de cuidados maternos em função do ambiente familiar e da história reprodutiva das mães com filhos de 1 a 3 anos de idade?

2. OBJETIVOS

2.1 Geral

Investigar a relação entre o que pensam e o que fazem mães na criação de filhos de 1 a 3 anos em função do ambiente familiar e de sua história reprodutiva.

2.2 Específicos

- Descrever o ambiente físico e social das mães e seus filhos de 1 a 3 anos;
- Caracterizar a estratégia reprodutiva das mães;
- Caracterizar as crenças de cuidado em relação aos seus filhos valorizadas pelas mães;
- Identificar as diferentes práticas de cuidados e de criação utilizadas pelas mães com seus filhos;
- Identificar as possíveis relações existentes entre os ambientes físico e social, crenças e práticas de cuidado e de criação, bem como as relações destes elementos com a história reprodutiva das mães;

3. REFERENCIAL TEÓRICO

A mente humana pode ser compreendida, pelo modo como utilizamos a experiência sensorial de maneira específica, a partir da formação desta pela história evolutiva da espécie. Esta propicia o desenvolvimento de características que identificamos como humanas: um ser social, cultural, que respeita e transmite padrões de comportamento específicos de sua comunidade (Yamamoto & Lopes, 2004).

Neste sentido, a modulação cultural permanece, porque os seres humanos estão sujeitos a pressões ambientais para a sobrevivência, uma vez que um sistema biológico extremamente plástico é capaz de absorver experiências em um ambiente ricamente diversificado, o que resulta na diversidade humana. Expressa esta variedade a estruturação das crenças e práticas de criação de filhos nos diferentes contextos. Contudo ela deve acompanhar as condições biológicas e ecológicas prevalentes, dado o pressuposto de continuidade biocultural presente nos sistemas comportamentais (Yamamoto & Lopes, 2004) O ambiente familiar será organizado, em termos de oportunidades de interação, em função da cognição dos pais e de sua história reprodutiva.

Com base nessas colocações iniciais, serão apresentados nessa seção os pressupostos teóricos que sustentam epistemologicamente a presente pesquisa, com base na perspectiva evolucionista e a noção de nicho de desenvolvimento.

3.1 Perspectiva evolucionista

A ciência do desenvolvimento humano, ao descrever princípios gerais do desenvolvimento, tem debatido a extensão em que estamos sujeitos às mesmas leis naturais que as outras formas de vida, ou se possuímos aspectos distintos. Esta questão se refere à maneira como os psicólogos compreendem a continuidade e descontinuidade entre os homens e outros animais. A ideia de continuidade entre espécies é proveniente da teoria da

evolução das espécies de Charles Darwin. Ao ser considerada, contribui por assumir que o estudo de outros animais pode proporcionar evidências sobre o processo de desenvolvimento humano na identificação de variáveis que modulam o comportamento. Os cientistas que assumem tal perspectiva buscam evidências de elos evolucionários, ao comparar nossa composição genética e nosso comportamento com aqueles de outros organismos. Nosso elo evolucionário mais próximo identificado são os primatas não humanos. Em especial, o chimpanzé, que compartilha 99% da carga genética do homem. Contudo, entre as várias características que distinguem os seres humanos dos primatas não-humanos, destacam-se o apontar objetos, mostrá-los a outros, tentar levar outros a lugares onde possam observar eventos, oferecer ativamente objetos e ensinar intencionalmente, comportamentos estes conectados à capacidade humana de modulação e transmissão cultural – comportamento cultural (Cole & Cole, 2003).

A construção e transmissão cultural conduzem a outra questão que tem permanecido no estudo do desenvolvimento e que se refere à maneira pela qual os fatores biológicos geneticamente determinados interagem com os fatores ambientais para produzir resultados desenvolvimentais. Este debate é constantemente colocado na área de conhecimento da Psicologia do Desenvolvimento e diz sobre a importância atribuída à “natureza” (nature) e à “educação” (nurture), sendo a primeira referente às predisposições biológicas herdadas do indivíduo, e a segunda, às influências do ambiente social e cultural sobre o indivíduo, particularmente aquelas advindas da família e da comunidade (Cole & Cole, 2003). Contudo, segundo Bussab (2000), pensar na evolução cultural como causa de ruptura com a seleção natural é colocar mal a questão, uma vez que a análise da evolução humana com base em dados filogenéticos e comparativos mostra uma inseparabilidade entre a evolução natural e a evolução cultural.

A escolha de uma perspectiva interacionista mais completa poderia ser heurística, sugerindo novas formas de pesquisa, maior rigor metodológico na interpretação dos

resultados e conduzindo à tentativa de integração de dados aparentemente incompatíveis. A admissão de tal perspectiva não seria uma questão de preferência de área de investigação, uma vez que, em qualquer das áreas de interesse no estudo do desenvolvimento, a natureza do fenômeno exige uma perspectiva interacionista ampla, que proponha a compreensão integrada dos efeitos dos fatores hereditários e ambientais, com reconhecimento da complexidade e inseparabilidade entre eles (Bussab, 2000).

A Psicologia do Desenvolvimento Evolucionista é uma perspectiva que utiliza os princípios apresentados na *teoria da evolução das espécies* para explicar estruturas físicas, processos ou fenômenos comportamentais, ou seja, que afirma existir continuidade entre os seres humanos e outras espécies. Isto não significa reduzir o comportamento humano ao animal: o objetivo é uma análise comparativa, uma vez que existem diferenças significativas entre o homem e os outros animais e, também, entre eles. Cada espécie evolui de modo específico, e a finalidade é conhecer como ocorre o processo de evolução das características físicas e comportamentais (Vieira & Prado, 2004). A seleção natural é um processo de evolução essencial à vida, que permite explicar a adaptação e especialização dos seres vivos em determinados ambientes. Propõe que a “natureza” seleciona as características básicas de um organismo, ajudando-o na sobrevivência e na sua reprodução. À medida que as condições ambientais tendem a se estabilizarem, as características permanecem e as espécies poderão ser mais comuns dentro da própria natureza. O pressuposto da seleção natural afirma que um animal, por exemplo, que sofre uma variação específica, por meio da qual se manifesta mais apto à sobrevivência e também a uma reprodução bem-sucedida, levará os seus descendentes a terem mais chances de sobrevivência do que os descendentes de um animal sem esta variação.

Outro aspecto postulado por Darwin é a chamada seleção sexual. A visão darwiniana não é especificamente uma luta pela existência, mas um combate pelo prolongamento da existência individual por meio da descendência. Esta espécie de seleção não depende da luta

pela sobrevivência com outros seres organizados, ou com as condições do ambiente, mas da luta entre os indivíduos de um mesmo sexo, machos, para assegurar a posse da fêmea, sendo que este duelo não cessa com a morte do vencido, mas pela falta ou pela pequena quantidade de descendentes (Darwin, 1871).

Ainda em relação à seleção sexual, Darwin argumenta que ela é menos rigorosa que a seleção natural: os machos diferem das fêmeas de sua espécie pelos caracteres sexuais primários - órgãos de reprodução, mas também por caracteres sexuais secundários, como, por exemplo, a cauda do pavão. É a seleção sexual a responsável, segundo Darwin, por esses atributos que servem para combater e afastar os possíveis rivais, impedindo-os assim de fecundar as fêmeas, enquanto os ornamentos, as cores, os odores teriam a função de atrair as fêmeas para o acasalamento (Darwin, 1871). Assim, a referida perspectiva teórica argumenta que as características físicas e comportamentais do ser humano evoluíram simultaneamente, na busca de um equilíbrio entre as pressões ambientais e as estratégias do organismo para aumentar sua boa forma/aptidão biológica ou “*fitness*”.

Aptidão biológica é um termo utilizado para descrever a capacidade que um indivíduo de uma espécie possui para sobreviver e transmitir seus genes adiante, em competição com outros indivíduos. Para seleção de tal característica física ou comportamental, é necessária uma variação genética (um genótipo) que, em competição com outros indivíduos, seja mais vantajosa em um determinado ambiente (Baum, 2006). A ideia de aptidão traz consigo a de sobrevivência do mais adaptado ao ambiente e de sucesso reprodutivo.

A perspectiva evolucionista procura, por meio de seus estudos empíricos, demonstrar que o comportamento não é determinado exclusivamente por fatores sociais ou biológicos, mas que existe uma relação entre essas duas dimensões. Com esta finalidade, lança mão de dois conceitos básicos para explicar os determinantes comportamentais: *explicações próximas* e *últimas* dos comportamentos. As explicações próximas seriam fatores imediatos

que modulam as respostas comportamentais, tais como, estímulos fisiológicos, condições ambientais atuais, período sociohistórico e estados psicológicos. Por sua vez, as explicações últimas consistem em características da espécie, presentes no organismo (sensibilidade diferencial aos estímulos, tendências motivacionais específicas, períodos sensíveis e pré-organização de processos de aprendizagem), que surgiram em um determinado momento da história evolutiva e serviram para a melhor adaptação do organismo ao ambiente em que ele estava inserido, e, por esse motivo, se mantiveram dentro do repertório comportamental da espécie (Bussab, 2000).

Uma causa próxima do comportamento pode ser entendida, segundo Pinker (2004), como um mecanismo que aperta um dispositivo em tempo real do comportamento e ativa um estímulo específico (fome, sexualidade), tendo como consequência a ação das pessoas frente a este estímulo, ou seja, o indivíduo não discrimina o estímulo, apenas a ação. Já a causa última é entendida como o fundamento lógico adaptativo que levou a causa próxima a evoluir, como a necessidade de nutrição e reprodução, que nos dão impulsos, respectivamente, de fome e desejo sexual.

O sucesso reprodutivo, para a perspectiva evolucionista, segundo Keller e Chasiotis (no prelo), é a meta última das estratégias de vida humana, nas quais os indivíduos necessitam selecionar a alternativa comportamental que promova melhor resultado reprodutivo dentro das condições ecológicas presentes. As autoras argumentam que a reprodução individual não é o “produto final” da evolução, mas reflete o padrão específico da espécie quanto às fases distintas de desenvolvimento, ou seja, ao período de vida que corresponde à fase bebê, infância, adolescência, idade adulta e velhice. Deste modo, o desenvolvimento humano é diferente de todos os outros primatas em termos quantitativos, porque ele é lento e prolongado, e, também, em termos qualitativos, devido às diferentes fases de desenvolvimento e criação, com início na fase bebê, sucedida de uma fase de infância e adolescência, com um rápido crescimento antes da idade adulta. Esta estrutura

para o crescimento, sobrevivência e reprodução diz respeito à decisão sobre a alocação de recursos frequentemente restritos. Os recursos podem ser colocados no crescimento e desenvolvimento ou na reprodução, e podem ser físicos (comida), sociais (acasalamento) ou emocionais (cuidado parental).

A *teoria da história da vida*, ou história reprodutiva, oferece uma explanação evolucionista, identificando e descrevendo aspectos que indicariam qual estratégia o organismo estaria priorizando (dentre estes estão tempo de gestação, menarca, mortalidade infantil, idade da maturação, tamanho do corpo adulto, fertilidade, menopausa), quanto ao desenvolvimento em termos de decisões feitas pelo organismo para maximizar sua aptidão abrangente (Hill & Kaplan, 1999).

A estratégia reprodutiva de um indivíduo e o modo como este procura sobreviver às pressões ambientais envolvem, ambos, diferentes elementos que devem estar em equilíbrio. Para compreender este equilíbrio, é necessário, segundo os teóricos evolucionistas, buscar os fundamentos na teoria da evolução. Estes consistem em: a) ganhar acesso a recursos que sustentam a vida e, também, o seu controle, ou seja, garantir a integridade física por meio do *esforço somático* que compreende todo investimento de um organismo para seu crescimento, desenvolvimento e manutenção, acumulando, deste modo, potencial reprodutivo; b) procurar e disputar parceiros reprodutivos aptos a procriar, em um *esforço no acasalamento*; e ainda, c) despender o *esforço parental* necessário para a progênie atingir a maturidade e se reproduzir, o que se relaciona também com o tamanho da prole.

Nesse sentido, deve-se considerar aspectos relacionados com sobrevivência, estratégia reprodutiva e condições ambientais para compreender a dinâmica da seleção natural. Por exemplo, Moffit, Caspi, Belsky e Silva (1992), com base na teoria de história de vida, têm identificado que experiências estressantes vivenciadas na infância, principalmente a ausência do pai e conflitos familiares, estariam influenciando no início da puberdade. Entretanto não há hipótese que demonstre a influência da ausência da mãe com o

início da menarca. Na análise dos autores, aspectos genéticos associados a conflitos familiares contribuem para o início mais cedo da menarca.

Lordelo et al. (2006), seguindo a mesma perspectiva do estudo anterior, realizaram uma pesquisa com o objetivo de verificar a relação entre condições de criação da mãe e sua carreira reprodutiva e, por consequência, seus padrões de cuidado dispensado aos filhos, com repercussões no desenvolvimento infantil. Os resultados mostraram correlações entre condições de criação da mãe e sua carreira reprodutiva e, conseqüentemente, uma relação (tendência) ao desenvolvimento cognitivo dos filhos. Os autores encontram associações positivas entre a idade da primeira união conjugal e do primeiro filho com os resultados de desenvolvimento cognitivo da criança. A idade da menarca mostrou-se associada a dois indicadores de padrão de história reprodutiva, às idades do primeiro casamento e do nascimento do primeiro filho. Também a idade da primeira união conjugal mostrou-se positivamente relacionada com a idade da mãe quando do nascimento do primeiro filho. Assim, segundo os autores, condições favoráveis nos primeiros anos de vida, particularmente a presença de pai e mãe no ambiente de criação da mãe, parecem estar ligadas aos padrões reprodutivos da mulher. Estes padrões, por sua vez, ligam-se a resultados no desenvolvimento das crianças. A partir dos estudos citados anteriormente, é possível perceber que condições ecológicas favoráveis e, principalmente, a presença do pai no ambiente de criação, repercutem nos padrões reprodutivos das mães.

Também Schor (1990), estudando uma amostra de 2.588 mulheres da região de Santo André (Grande São Paulo), encontrou correlações positivas entre idades da menarca, primeira relação sexual e primeira gravidez. A média de idade na menarca girou em torno de 13,4 anos e 77% das mulheres pesquisadas tiveram a menarca antes dos 14 anos. A idade na primeira relação sexual, o maior índice percentual (81,4%) incidiu sobre a faixa dos 16 aos 17 anos. Nessa população, o que se constatou foi um início de vida sexual próximo da menarca. O estudo não pesquisou a renda e escolaridade das mulheres, mas devido a

informação de que todas as mulheres pesquisadas desempenhavam funções ligadas a trabalhos domésticos, algumas remuneradas e outras donas de casa, pode-se inferir que se tratava de população de baixa renda e baixa escolaridade. Os resultados do estudo corroboram dados da literatura sobre a relação entre o início mais cedo da menarca e a primeira relação sexual e primeira gravidez. São confirmados também dados quanto ao início da vida reprodutiva e as relações decorrentes de dados sociodemográficos.

Outro estudo brasileiro, desenvolvido por Vieira, Silveira, Vieira & Prado (submetido a publicação), objetivou verificar as relações entre as condições de vida das participantes, investimento parental e estratégias reprodutivas, bem como comparar dados obtidos entre três contextos de Santa Catarina (urbano, interior e oeste). Os resultados encontrados indicaram uma forte relação da estratégia sexual quantitativa com o ambiente estressante e com poucos recursos no contexto Oeste. Entretanto, as variáveis escolaridade e renda apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre os três contextos, principalmente no Oeste, além de forte correlação com os núcleos reprodutivos. Em todas as correlações, verifica-se que o estresse na vida familiar infantil da respondente está diretamente associado com a estratégia de reprodução adotada pela mãe. Seja essa estratégia qualitativa (mais relacionada com maiores níveis de escolaridade e renda, e baixo nível de estresse familiar na infância) ou quantitativa (mais relacionadas com baixa escolaridade e renda, e alto nível de estresse na vida familiar infantil).

Com base nos resultados do estudo citado anteriormente, percebe-se uma forte relação entre a baixa escolaridade, baixa renda familiar e a existência de conflitos familiares com estratégia reprodutiva quantitativa. No Brasil estudos realizados sobre idade da menarca têm encontrado uma tendência à antecipação da idade, conforme a melhora de condições de vida da população.

Lordelo et al. (2006) chamam a atenção para os aspectos genéticos ligados a antecipação da menarca: “não se pode eliminar a possibilidade de que as diferenças no

calendário maturacional sejam geneticamente determinadas e que a precocidade da vida sexual afete o relacionamento conjugal. Este, por sua vez, gera um ambiente familiar instável, com resultados negativos sobre o desenvolvimento da criança”. No entanto, existem evidências empíricas que mostram o efeito de antecipação da vida reprodutiva devido a fatores psicossociais, como mencionado anteriormente.

A teoria evolucionista se destaca no estudo do *investimento parental*, que indaga como o ciclo vital dos indivíduos como um todo está ligado aos seus interesses reprodutivos e às condições ecológicas (seu ambiente imediato) em que eles vivem. E, ainda: como afeta suas estratégias para alocar seu investimento de energia (recursos), concebidas na dimensão quantidade/qualidade. O investimento parental pode ser definido pela quantidade de cuidado biológico e/ou psicológico dispensado à prole. Destarte, as decisões de investimento parental são baseadas nas condições ecológicas que os pais vivenciam no seu ambiente, incluindo a ordem de nascimento da criança, sexo, recursos físicos e sociais, entre outros (Lordelo et al., 2006).

A função central do investimento parental e da família humana, para os autores que assumem a perspectiva evolucionista, é promover um contexto propício à aquisição de competências sociais e, conseqüentemente, o desenvolvimento infantil e sua socialização. Contexto este responsável pela transformação da criança em um adulto hábil para enfrentar a adversidades da fase adulta (Davis & Daly, 1997; Geary & Flinn, 2001). Segundo Bussab (2000), o modo de vida cultural criou um contexto específico de seleção dentro do qual exerceu sistemática pressão seletiva, favorecendo o comportamento cultural. Os efeitos desta pressão podem ser constatados em aspectos físicos, como o crescimento do cérebro, longo período de desenvolvimento, ou neotenia, e em aspectos comportamentais, como intensificação de comportamentos lúdicos, padrões de comportamento de apego, cuidado parental por ambos os progenitores, aspectos estes que estão muito presentes no estudo do desenvolvimento humano.

A família desempenha o papel de mediadora entre a criança e a sociedade, possibilitando a sua socialização, elemento essencial para o desenvolvimento cognitivo infantil. Na primeira infância, os principais vínculos, bem como os cuidados e estímulos necessários ao crescimento e desenvolvimento, são fornecidos pela família, em especial pela mãe, passando em seguida para o pai e outros membros da família (parentes, irmãos, etc.). De acordo com Bussab (2000), o ambiente familiar funciona como “palco” essencial do desenvolvimento humano, assim como representou elemento determinante sobre o qual ocorreu pressão seletiva na evolução natural do homem. Este contexto seria o “pré-requisito” para a evolução cultural, uma vez que a família humana pode ser compreendida como núcleo da sociedade e situação em que irá ocorrer a socialização do ser humano, como mencionado.

Em discussão sobre “o desenvolvimento humano”, Dessen (2005, p. 279) ainda destacam que “mesmo quando se tornam independentes, as crianças continuam a viver no grupo familiar, adquirindo importantes características de suas culturas, pois, mesmo superando as necessidades físicas, os indivíduos continuam adquirindo necessidades sociais, como as de intimidade, amor, interação social, apoio e reconhecimento”. Deste modo, o período de dependência e imaturidade do ser humano implica e possibilita a construção e a transmissão cultural. Implica, uma vez que um ser imaturo necessita desenvolver competências para enfrentar as dificuldades de uma sociedade complexa e, por viver em grupo organizado, desenvolve uma série de ideias e interesses comuns que são verificados nos comportamentos recíprocos e habituais que os membros de um grupo manifestam.

A cultura, segundo Suizzo (2002), refere-se às ideias, crenças, objetivos e estratégias que são compartilhados pelos membros de uma comunidade cultural em particular, os quais orientam as ações e avaliações das diferentes situações que um indivíduo vivencia. Os estudos sobre o desenvolvimento tem intensificado o interesse para compreender qual a influência dos padrões culturalmente estabelecidos sobre o comportamento parental e, por

consequente, no desenvolvimento infantil (Bornstein et al., 1996, Leyendecker, Lamb, Harwood & Shölmerich, 2002; Miller & Harwood, 2001; Suizzo, 2002), e, ainda, como os fatores de crescimento biológico e maturacional influenciam o processo e aprendizagem do conteúdo cultural (Keller & Greenfield, 2000). O ponto central no conceito de cultura, referente ao comportamento parental, segundo Bornstein et al. (1996), é a expectativa que pessoas diferentes possuam ideias e ações diferentes em relação a como criar e educar seus filhos e que parte destas divergências surgiu, porque estes indivíduos se depararam com ambientes, recursos, contextos distintos ao qual tiveram de se adaptar.

3.2 O modelo de nicho de desenvolvimento

A modulação cultural existe porque os seres humanos estão sujeitos a pressões ambientais para a sobrevivência da espécie. Estas pressões fariam com que o homem desenvolvesse um contexto específico da espécie, que é o seu ambiente cultural, e que consiste de artefatos (como instrumentos, roupas, palavras), conhecimento sobre como construir e usar estes artefatos, crenças sobre o mundo e valores (ideias sobre o que vale a pena), e tudo o que guia as interações dos indivíduos com o mundo físico, um com o outro e com seus filhos (Cole & Cole, 2003). Neste sentido, a construção cultural pode ser explicada pelo mesmo princípio de variação e seleção do mais adaptado, uma vez que um determinado artefato, conhecimento, crença ou valor surgiu em um contexto social para solucionar problemas dos indivíduos com seu ambiente. Assim, a estruturação das crenças e práticas de criação de filhos, embora apresente um claro componente cultural, deve acompanhar as condições ecológicas prevalentes, especialmente em sociedades estáveis, dado o pressuposto de continuidade biocultural presente nos sistemas comportamentais (Yamamoto & Lopes, 2004).

Partindo do pressuposto de que o contexto cultural no qual os sujeitos estão inseridos se constitui em importante fonte de informações que podem variar significativamente de um grupo cultural para outro e entre diferentes épocas na mesma sociedade, torna-se essencial a compreensão desse contexto como fonte de subsídios para formação de crenças e valores parentais e a repercussão destes nas estratégias de criação de seus filhos, podendo exercer influencia no desenvolvimento infantil. Na tentativa de explicitar interfaces entre a criança e a cultura, Harkness e Super (1994), através de estudos sobre desenvolvimento infantil e relacionamento familiar, compreendem que o ambiente, em relação com a criança, é um sistema interativo, sendo a família o mediador focal dessa relação através de mecanismos construídos culturalmente.

Os autores anteriormente citados descrevem este modelo para explicar como o desenvolvimento da criança é modelado culturalmente, e nos auxiliam, assim, na compreensão da relação entre ideias e comportamentos. Para isso desenvolvem o conceito de nicho ecológico, com a elaboração do conceito de *nicho de desenvolvimento*, que é uma estrutura para compreender a regulação cultural do microambiente da criança e é conceituado em termos de três componentes: o ambiente físico e social no qual a criança vive, os costumes de cuidado e criação de crianças que são regulados culturalmente e a *psicologia dos cuidadores* ou conjunto de crenças parentais, denominadas de “*etnoteorias dos pais*”, tendo suas origens na estrutura cultural e socioeconômica da vida dos pais.

No entanto os autores afirmam que, sobre esta estrutura, os pais tomam, individualmente, as decisões a respeito de como socializar sua criança. O modelo desenvolvido por Harkness e Super (1992; 1996) propõe que a partir da análise dos elementos que compõem o nicho de desenvolvimento da criança, é possível compreender tanto o que pode ser observado (comportamento dos pais, práticas de cuidado e desenvolvimento da criança) quanto o que não é possível observar (ideias, crenças e valores

dos pais, que orientam ações). O modelo a seguir (Figura 1) apresenta o Nicho de Desenvolvimento.

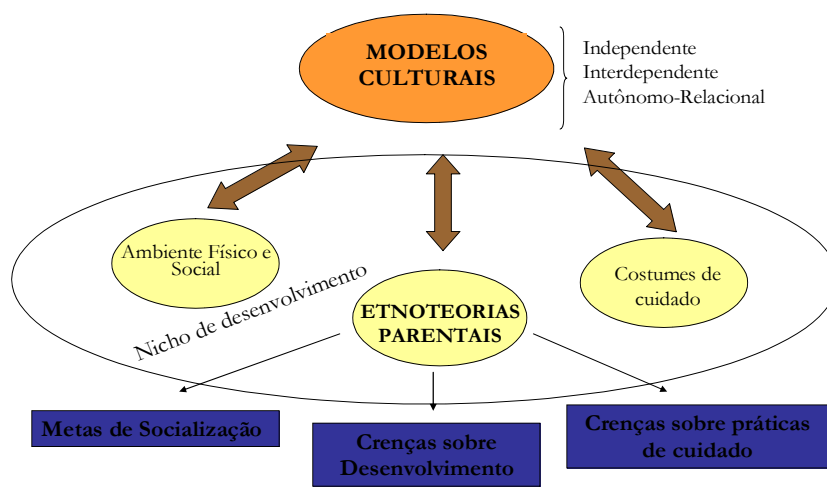


Figura 1. Modelo sobre cultura e nichos de desenvolvimento sintetizado por Vieira, Martins & Macarini (comunicação pessoal).

3.2.1 Crenças ou Etnoteorias Parentais

O sistema de crenças parentais a partir do modelo de nicho de desenvolvimento é definido pelo conceito de *etnoteorias parentais*, conjunto de ideais que são compartilhados entre os membros de uma comunidade, e que tem como objetivo organizar a compreensão dos pais a respeito (Harkness & Super, 1996):

- 1) da forma dos progenitores compreenderem a personalidade e inteligência da criança (as crenças), estas que, por sua vez, possuem propriedades motivacionais as quais funcionam como metas e interpretações da realidade para os pais (metas de socialização);
- 2) da natureza do desenvolvimento infantil (crenças sobre desenvolvimento);
- 3) das crenças de como os pais devem cuidar de seus filhos (crenças sobre práticas de cuidado).

Segundo Harkness e Super (1996), as *etnoteorias* estão implícitas na experiência da vida diária que os pais tem com sua própria criança e resultam da sua história de interação e

da cultura acumulada na comunidade ou grupo de referência. Os padrões e valores culturais constituem, deste modo, um elemento essencial do ambiente, no qual os pais criam seus filhos e se manifestam tanto nos comportamentos e costumes da interação social, quanto nas representações, metas e crenças parentais (Suizzo, 2002). As crenças, por serem parte da psicologia dos cuidadores, afetarão as práticas de cuidado dos pais com seus filhos, e as práticas de cuidados irão exercer influência nas crenças, que, por sua vez, serão transformadas e reelaboradas no ambiente físico e social, conseqüentemente afetando a dinâmica que envolve o complexo desenvolvimento infantil (Seidl de Moura et al., 2004).

Estudos procuram verificar as crenças parentais e sua influência na forma como os pais criam seus filhos. Como exemplo, pode-se citar a pesquisa sobre *crenças e práticas de cuidado parental de Piovantti (2007)*, com 50 mães de crianças de 0 a 3 anos de idade, residentes na cidade de Florianópolis, de diferentes níveis socioeconômicos. O objetivo foi identificar quais são as metas de socialização em longo prazo e classificar as estratégias parentais de ação. Verificou-se que existe correlação significativa entre a escolaridade da mãe e as práticas valorizadas por ela. A correlação foi positiva no fator Estimulação, indicando que as mães mais escolarizadas passam a valorizar mais intensamente a estimulação cognitiva e motora da criança. Por outro lado, foi negativa nos fatores Apresentação e Disciplina, mostrando que as práticas voltadas para a dimensão social, tais como ensinar a criança a cumprimentar e agradecer; e as voltadas para a dimensão disciplinar, como criar a criança com crenças religiosas, ficam mais flexíveis à medida que as mães passam a ter um nível maior de escolaridade. Um dado interessante é que não há correlação significativa para o fator Responsividade, ou seja, as mães de diferentes níveis de escolaridade valorizam de maneira semelhante as práticas voltadas à disponibilidade da mãe em responder prontamente às necessidades da criança e em criar vínculo com ela.

Miller e Harwood (2001), em seu estudo transcultural realizado com mães porto-riquenhas e anglo-americanas, encontraram prevalência da categoria Expectativas Sociais e

Bom Comportamento nas mães porto-riquenhas e metas tipicamente individualistas nas mães anglo-americanas. Estes estudos demonstram as diferenças das crenças de mães de diferentes culturas sobre desenvolvimento infantil.

Da mesma forma, por Leyendecker et al. (2002), com o objetivo de investigar as crenças parentais e a conseqüente influência que podem gerar nas práticas de cuidados. Segundo os autores, as mães da América Latina tendem a desejar que seus filhos aprendam a se comportar adequadamente (crenças sobre metas de socialização), ou seja, características voltadas para o grupo social (sociocêntricas), valorizando, por exemplo, as expectativas sociais e o bom comportamento de seus filhos. Pode-se pensar, a partir deste estudo e com base no conceito de crenças parentais, que os pais que valorizam o bom comportamento dos filhos, com o objetivo de que eles sejam admirados pelo meio social, tenderam a emitir práticas de cuidados no sentido de garantir que seus filhos sejam educados no futuro.

Também Piovanotti (2007) em seu estudo sobre crenças parentais encontrou correlação negativa entre os fatores Estimulação e Disciplina e positiva entre os fatores Apresentação e Responsividade. Os resultados demonstraram que quanto mais se valoriza a estimulação cognitiva e motora, menos valor é dado ao controle rígido disciplinar, sendo que, quanto maior é a valorização de práticas voltadas para a responsividade à criança e para criar um vínculo positivo com ela, mais se valorizam as práticas as quais garantam a sua apresentação apropriada no contexto de interações sociais.

Considerando que o contexto cultural no qual os sujeitos estão inseridos, percebe-se que este, organiza o modo do indivíduo pensar o mundo, é possível afirmar que as pessoas relacionam-se com o mundo conforme as crenças e expectativas que tem acerca do mesmo e que desse modo transformam-no e são transformadas por ele. Portanto, no que se refere às relações dos pais com seus filhos, sugere-se que as crianças são tratadas pelos seus genitores de acordo com aquilo que estes acreditam ser apropriado para elas em sua fase de

desenvolvimento atual tendendo a se modificar com o crescimento dos filhos (Silva, Vieira, Seidl de Moura & Ribas Jr., 2005)

Desta forma, entende-se que as crenças parentais tem o objetivo de direcionar as escolhas dos pais sobre o tipo de criação a ser dada aos filhos, mediante valores e padrões culturais transmitidos no contexto social. Assim, a partir do modelo de nicho de desenvolvimento, estudos sobre o sistema de crenças parentais e práticas de cuidados são considerados relevantes ao entendimento da construção do ambiente de desenvolvimento infantil, já que se entende poderem as crenças parentais afetar as práticas de cuidado e, conseqüentemente, o desenvolvimento das crianças. A pesquisa com mães possibilita o entendimento das relações existentes nos diferentes aspectos do desenvolvimento infantil, ou seja, como as crenças podem afetar a escolha das práticas de cuidados que elas selecionam em seu ambiente.

A pesquisadora Heidi Keller tem tido destaque no estudo transcultural sobre o desenvolvimento humano. Ela busca conceitualizar as práticas de cuidados parentais em sistemas de interação, contribuindo, assim, para o entendimento desse fenômeno. Este modelo também tem sido muito utilizado em estudos sobre desenvolvimento e tem como objetivo atentar para a interação entre fatores biológicos e culturais para a expressão de um determinado comportamento (Ruela & Seidl de Moura, 2007). Keller (1998) procura apresentar uma articulação teórica que considere aspectos evolutivos para o estudo do desenvolvimento humano e do comportamento parental. A herança genética e a cultura são fatores interconectados e, deste modo, não é possível aventar determinismos biológico ou cultural. Segundo a autora, a organização pela qual o desenvolvimento segue, depende da interação do sujeito com o ambiente, e a alocação de recursos para o crescimento, sobrevivência e reprodução expressam tal composição. Assim, os sistemas de interação para o comportamento parental serão expressos de forma conectada às necessidades ambientais e às variações culturais.

3.2.2 Práticas de cuidado e de criação

As crenças parentais de como cuidar das crianças tendem a se ajustarem às crenças da sociedade, sujeitas a mudanças históricas, de modo que as famílias procuram integrar sua forma de cuidar dos filhos a essas crenças (Bastos & Almeida, 1990). As práticas de cuidado parental, segundo Keller e Chasiostis (no prelo), evoluíram filogeneticamente, em um repertório universal, para sistemas de cuidado parental (cuidado primário, contato corporal, estimulação corporal, estimulação com objetos, trocas face a face e envolvimento narrativo). Contudo os estilos reprodutivos dos indivíduos são principalmente não-intencionais, não-conscientes e implícitos, sendo regulados por uma psicologia complexa, capaz de processar e integrar informação, motivações, desejos, crenças, atitudes e comportamentos referentes ao sucesso reprodutivo.

Baseando-se na teoria evolucionista para estudar o desenvolvimento infantil, Keller (2002a, 2002b, 2005) adota a perspectiva de que a herança biológica e a presença cultural são componentes do processo de desenvolvimento humano, ou seja, a autora adota uma visão interacionista do comportamento, que entende as relações como transações contínuas entre organismo e meio ambiente. Desta forma, a autora adota o conceito de desenvolvimento humano como um processo único, caracterizado por aquisições individuais da história ontogenética, mais a predisposição para adquirir cultura, a qual caracteriza e favorece o desenvolvimento e pode ser considerada uma herança evolutiva, ou seja, os indivíduos se desenvolvem por meio de sua participação nas atividades socioculturais das comunidades onde se encontram inseridos. Estas também se transformam com base em comportamentos selecionados da espécie, em sua história filogenética.

De acordo com autora anteriormente citada, o desenvolvimento pode seguir formas diferenciadas, dependendo da interação do sujeito com o contexto onde ele vive. Ainda, considera ser o desenvolvimento influenciado pelas ideias, valores e crenças dos indivíduos

que participam das mesmas interações sociais, inclui o papel ativo das predisposições biológicas na interação entre ambiente, contexto e desenvolvimento humano, defendendo que qualquer análise dessa relação necessita considerar esse último elemento.

Outros estudos buscam descrever e explicar semelhanças e diferenças nos cuidados parentais em grupos culturais distintos (como Keller, Abels et al., 2007; Keller, Hentschel et al., 2004; Keller, Papaligoura et al., 2003). Os referidos estudos produziram grande quantidade de conhecimento sobre as interações e as formas que pais cuidam de seus filhos, propondo que há diretrizes culturais, implícitas, ou não, as quais guiam o comportamento considerado aceitável em cada cultura. Tais estudos também puderam afirmar que os adultos, ao cuidar das crianças, criam contextos de socialização, promovendo a aquisição da matriz social e aprendizagem de modelos específicos de interações sociais, ou seja, novos contextos de socialização são criados a partir da forma como os adultos criam seus filhos, promovendo novos modelos de práticas de cuidados. De acordo com Keller, para compreender as regularidades, similaridades e diferenças dos processos culturais do desenvolvimento humano em comunidades distintas, é necessário investigar e examinar os processos culturais e sua relação com o desenvolvimento individual.

Os cuidados que os pais dispensam aos filhos foram organizados por Keller (2007) em seis categorias, denominadas de sistemas parentais. Um sistema parental pode ser caracterizado como um conjunto de comportamentos geneticamente preparados e ativados pelas demandas ambientais com o objetivo de promover proximidade e conforto quando a criança está em risco real ou potencial. Esses comportamentos parentais são entendidos pela autora como intuitivos, no entanto são compartilhados e avaliados culturalmente sobre o que é positivo ou negativo para a criança no sentido de formas de expressão, fazendo parte do contexto de investimento parental.

Os seis sistemas parentais estão resumidos a seguir.

- **Cuidado primário:** representa a parte filogenética mais antiga do cuidado parental, envolvendo abrigo, alimentação, higiene. A função psicológica básica deste sistema consiste em reduzir a estimulação estressante.
- **Contato corporal:** definido pela proximidade corporal e por carregar a criança no colo, com a função básica de promover calor emocional, ou seja, tem a função psicológica de se experienciar o calor emocional, o qual é associado com a coesão social e sentimentos de pertencimento. Mães chegam a ficar 8 horas diárias carregando seus filhos.
- **Estimulação corporal:** são toques e movimentos que estimulam o desenvolvimento da coordenação motora e da percepção do corpo em relação ao ambiente. Permitem a percepção de contingências emocionais e compartilhamentos afetivos, ou seja, baseada na comunicação corporal, objetiva proporcionar aos bebês desafios motores através do toque e movimento. Tem a função psicológica de intensificar a percepção do corpo para o bebê e descobrir sua relação com o ambiente e, conseqüentemente, seu próprio *self*.
- **Estimulação com objetos:** são atividades mediadas por objetos que ligam a criança ao mundo físico para promover, principalmente, desenvolvimento cognitivo, ou seja, objetiva vincular a criança ao mundo não-pessoal (dos objetos e do ambiente físico em geral), atenção extradiádica compartilhada proporciona o desenvolvimento da metacognição, tem a função psicológica de desenvolver o sistema da cognição e liberar o bebê da dependência social.
- **Trocas face a face:** são interações que envolvem contato do olhar, acompanhado, frequentemente, pelo uso da linguagem, ou seja: caracterizado pelo contato visual mútuo, exclusiva devoção de tempo e atenção numa troca comportamental diádica, permite ao bebê perceber contingências (percebe-se como causa da ação parental) e facilita diálogos verbais e autorregulação.
- **Envelope Narrativo:** em um trabalho recente, a autora acrescentou mais um sistema parental denominado vocalização/verbalização, que compreende as interações entre os pais e

a criança envolvendo sons ou palavras. A autora afirma que todos os sistemas possuem uma dimensão universal, porque são encontrados nos mais diferentes ambientes culturais; e, também, uma dimensão diferenciada, porque há correlações entre orientações culturais e estilo parental.

De acordo com Keller e Chasiostis (no prelo), os humanos são primatas não típicos em seu comportamento reprodutivo, cuidado parental, devido ao fato de exibirem algumas características que são únicas, como pequeno número de filhos por nascimento, longo período de gestação, longa infância, aspectos estes que são adaptativos, para preparar a prole para uma sociedade complexa, mas que necessita de grande investimento parental. A expressão do investimento parental será, segundo as autoras, coerente com a história reprodutiva e o ambiente do qual o indivíduo faz parte, e que não pode ser descrito qualitativamente em termos de quanto ou de tempo, uma vez que irá diferir qualitativamente, pois expressa uma forma de “psicologia para o cuidado parental” competente a um ambiente particular.

Os resultados de pesquisas e ideias expostas até então indicam que as etnoteorias parentais, ou a psicologia dos cuidadores, apresentam-se de maneira diferenciada, dependendo do contexto ecológico e cultural em que se inserem, podem ser moduladas por diferentes variáveis e ainda ser expressas no comportamento parental e no ambiente familiar. Portanto, pesquisar as crenças e o comportamento dos pais para investir em aspectos físicos e sociais do ambiente domiciliar e, ainda, pesquisar as diferentes variáveis psicossociais e biológicas que podem interferir neste comportamento são formas de investigar a qualidade e quantidade de estimulação e apoio disponível à criança no ambiente domiciliar. (Andraca, Pino, La Parra, Rivera & Castilo, 1998; Bradley & Corwyn, 2002; Keller, 2002a; Leyendecker et al., 2002; Miller & Harwood, 2001; Seifer et al., 1996; Suizzo, 2002)

4. MÉTODO

4.1 Caracterização da Pesquisa

A presente pesquisa é caracterizada por um levantamento de dados com finalidade descritiva e exploratória que pretende identificar, relacionar e determinar a natureza dos fatores investigados (Gil, 1991). A finalidade exploratória é demonstrada por permitir maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito. Dada essa importância, foi realizado um levantamento de vários fatores que envolvem o problema de pesquisa (levantamento sociodemográfico, práticas e crenças de cuidado, qualidade do ambiente familiar e história reprodutiva). De forma concorrente, a finalidade descritiva manifesta-se por ter como objetivo a descrição das características da população ou fenômeno estudado, estabelecendo relações entre elas.

Caracteriza-se, também, como correlacional, pois observa a natureza dos fenômenos envolvidos e busca verificar, quantitativamente, a influência recíproca desses fenômenos, estabelecendo a relação entre as variáveis pesquisadas.

4.2 Participantes

Participaram desta pesquisa 47 (quarenta e sete) mães, com pelo menos um filho entre 1 e 3 anos de idade, de nível socioeconômico baixo sendo que 40,4% encontram-se na faixa salarial de R\$ 300,00 a R\$ 500,00.

Tabela 1. Faixa salarial das participantes no momento da entrevista

Renda Familiar Mensal	Frequência	%
Menos de R\$ 100,00	3	6,4
R\$ 201,00 a R\$ 500,00	22	46,8
R\$ 501,00 a R\$ 800,00	12	25,5
R\$ 801,00 a R\$ 2.000,00	10	21,3
Total	47	100,0

As mães tinham idade média de 27 anos e seis meses ($M= 27,6$; $m= 27$; $\text{moda}= 18$)² e 2,72 filhos ($DP= 1,76$; $M=2$; $\text{moda}=1$). Além da criança observada (1 a 3 anos) 14 (quatorze) mães tinham pelo menos um filho de 5 a 8 anos; 15 (quinze) mães tinham um filho de 9 a 12 anos, 7 (sete) mães tinham um filho de 13 a 16 anos e 9 (nove) mães tinham um filho com mais de 16 acima. A criança observada tinha em média 24,7 meses, sendo que o filho mais novo tinha 12 (doze) meses e o mais velho 36 (trinta) meses ($DP= 8,81$ $m=24$ $\text{moda}= 36$). Quanto ao sexo da criança observada 23 (vinte e três) eram meninos e 24 (vinte e quatro) meninas.

Com relação à escolaridade, a maioria das mães possui o primário incompleto ($M= 3,17$; $DP= 1,58$). Por outro lado, os parceiros tem nível de escolaridade um pouco acima ($M= 3,79$; $DP= 1,84$) como se apresenta na tabela a seguir:

² Por se tratar de dados não paramétricos, para as análises descritivas foram calculadas média (M), mediana (m) e moda.

Tabela 2. Escolaridade das participantes e respectivos parceiros no momento da entrevista

Escolaridade	Parceiro^a	%	Mãe	%
1 - Não-alfabetizado	0	0,0	4	8,5
2 - Ensino Fundamental incompleto	23	48,9	27	57,5
4 - Ensino fundamental completo	3	6,4	3	6,4
5 - Ensino médio incompleto	5	10,6	6	12,8
6 - Ensino médio completo	6	12,8	6	12,8
7 – Não sabe/ Não se aplica ^b	10	21,3	1	2,0
Total	47	100,0	47	100,0

^a Parceiro da mãe no momento da entrevista, não se referindo apenas ao pai da criança observada.

^b Considerou-se “não se aplica” sempre que a mãe não possuía parceiro no momento da entrevista.

Quanto ao estado civil, 39 mães (83%) informaram que viviam com o companheiro, em união legal estável (ULE) ou formalizada (matrimônio civil e ou religioso); 4 (8,5%) participantes estavam solteiras, vivendo com seus pais; 3 (6,4%) participantes estavam separadas, e 1 (2,1%) participante estava viúva. No aspecto da composição familiar, 24 respondentes (51,1%) constituem família nuclear, 5 respondentes (10,6%) família nuclear estendida, 5 respondentes (10,6%) família mononuclear, e 3 respondentes (6,4%) família mononuclear. As características da população indicam que em 8 casos não havia a presença de um companheiro na casa. O item número de pessoas que moram na casa, apontou média de 4,72 (DP=1,8) com um mínimo de 3 (três) pessoas e máximo de 11 (onze) pessoas. Quanto às pessoas que moram na casa, com exceção das famílias nucleares, 10 (dez) mães relataram que há pelo menos 1 (um) parente adulto que mora junto. As residências possuíam em média 4,94 (DP=1,97) cômodos, sendo o mínimo de 1 cômodo e o máximo de 11 cômodos.

A amostra pode ser considerada homogênea pela semelhança na caracterização dos participantes.

4.3 Local

A presente pesquisa foi realizada em uma cidade do sudoeste do Paraná em uma comunidade de baixa renda. O bairro dista 8 km do centro da cidade e apresenta problemas sociais e de exclusão. No início de sua construção, destinava-se a andarilhos e à população que vivia em “barracos” ao longo da rodovia. A referida comunidade conta com o suporte social de um Posto de Saúde local destinado à atenção primária e secundária da comunidade, uma Escola Estadual, Escola Básica Municipal e uma Creche Pública Municipal que funcionam em período diurno. No momento da coleta de dados, havia em média 220 famílias morando no bairro.

A maioria dos moradores do bairro possui renda informal proveniente de trabalhos temporários (colheita de feijão) na região e bolsa família. Em quase todas as residências visitadas para a entrevista, havia um membro que estava preso (por roubo, drogas, violência doméstica, homicídio, etc.). Todas as crianças (exceto as observadas) frequentam a escola municipal ou estadual do bairro.

4.4 Instrumentos

Os instrumentos utilizados neste estudo, com exceção do HOME, e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, fazem parte de um dos Projetos do Instituto Milênio sob coordenação da Prof. Dra. Maria Lucia Seidl de Moura (UERJ). Os estudos são desenvolvidos por um grupo de pesquisadores de seis estados do Brasil. Os coordenadores dessas equipes são: Maria Lucia Seidl de Moura e Ângela Donato Oliva (UERJ) – RJ; Eulina Lordelo (UFBA) – BA; Mauro Luís Vieira (UFSC) – SC; Regina Célia S. Brito (UFPA) – PA; Rosana Suemi Tokumaru (UFES) – ES e Vera Sílvia Bussab (USP) – SP. O interesse do referido projeto é investigar aspectos selecionados dos sistemas parentais de crenças e práticas de criação de

filhos, buscando conectá-los, simultaneamente, às condições ecológicas relevantes para o sucesso reprodutivo e aos sistemas culturais e, posteriormente comparar os resultados entre a população urbana e rural dos seis estados.

a) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A) – Documento assinado pelas mães declarando concordância em participar da pesquisa e permitindo a utilização dos dados para os fins propostos.

b) Questionário sociodemográfico - O inquérito socioeconômico foi utilizado para identificação da composição sociodemográfica. Os dados obtidos foram referentes à mãe e ao seu companheiro (idade, escolaridade, número de filhos por idade, números de pessoas que residem na mesma casa, número de cômodos da residência e renda familiar, etc.).

c) Questionário de crenças e práticas de cuidados parentais - Foi utilizada uma adaptação do instrumento desenvolvido por Suizzo (2002): *Croyances es idées sur les nourissons et petits enfants* (CINPE). O questionário original foi construído para avaliar o grau de importância atribuído por pais parisienses a 50 práticas relacionadas ao cuidado diário de crianças, sendo 25 relacionados a bebês até 1 ano de idade e 25 para crianças entre 1 e 3 anos. Após uma análise fatorial dos itens e cálculo da consistência interna da escala, a autora identificou a presença de três dimensões de crenças sobre práticas: 1) Estimulação - Exposição da criança a diferentes estímulos; 2) Apresentação – Garantir a apresentação apropriada da criança em público; e 3) Responsividade – Responder a criança e criar vínculo com ela.

O instrumento foi traduzido e validado para o Brasil, havendo uma reorganização e exclusão de alguns itens, mas mantendo-se as mesmas dimensões obtidas na escala original. No estudo brasileiro, os dois primeiros fatores, denominados Estimulação e Apresentação,

obtiveram um alpha de 0,70 e o fator Responsividade obteve um alpha de 0,60 (Vieira et al., no prelo).

d) História Reprodutiva - Questionário com a finalidade de avaliar a história reprodutiva das mães, composto por 11 perguntas que investigam planejamento de filhos, sexualidade e relacionamentos amorosos, idade da menarca, relação sexual e primeiro casamento, etc.

e) Práticas de criação - Questionário que caracteriza as práticas de criação e cuidado parental, composto por 20 perguntas que avaliam questões relacionadas à história da criança observada (peso ao nascer, exames médico realizados, onde dormiu até completar seis meses e onde dorme atualmente, se frequenta creche, etc.) e questões que abordam a rotina atual da criança. As respostas são com opção de sim e não e com a possibilidade da mãe descrever aspectos específicos quanto ao assunto investigado.

f) Percepção da qualidade do ambiente familiar atual - Para avaliar a percepção da qualidade do ambiente familiar atual (entre a mãe e seu companheiro, com a criança observada e com o restante dos filhos, companheiro e a criança observada) foram utilizadas algumas perguntas que a mãe destacava a qualidade de acordo com a intensidade descrita no instrumento em uma escala (1=nada conflituoso até 5=extremamente conflituoso). Por exemplo, uma das questões era sobre como a mãe avalia a qualidade do relacionamento conjugal. Após a escolha da opção pela mãe, era solicitado que ela exemplificasse sua escolha, o objetivo do exemplo descrito pela mãe foi de entender como ela percebe os conflitos na vida familiar.

g) Qualidade do ambiente familiar (Anexo B) – Foi utilizado o *Inventário Home para Observação e Medida do Ambiente*. Segundo Caldwell e Bradley (1984) o Inventário

HOME avalia comportamentos dos pais e outros aspectos físicos e sociais do ambiente domiciliar, visando pontuar a qualidade e quantidade de estimulação e apoio disponível à criança no ambiente domiciliar. O HOME utiliza observação da interação entre a mãe e a criança e entrevista realizadas durante visitas domiciliares. O pesquisador age de forma a permitir interações naturais entre a mãe e a criança. Cada item é avaliado quanto a sua presença (SIM) ou ausência (NÃO) durante essas visitas domiciliares. Quanto maior (soma total das respostas que pontuam SIM) o escore total do HOME, melhor a qualidade e quantidade de estimulação oferecida à criança (ambiente de baixo risco). O Inventário é constituído por 45 itens divididos em seis sub-escalas (responsividade emocional e verbal da mãe, restrição e punição, organização do ambiente físico e temporal, disponibilidade de materiais e jogos apropriados para a idade da criança, envolvimento materno com criança e oportunidade de variação na estimulação diária) onde pontua os escores individuais de cada sub-escala. Ao final, o instrumento possui uma classificação que corresponde o total de cada sub-escala da família pesquisada que informa a pontuação e o indicativo da qualidade do ambiente familiar classificando em ambiente de risco, ambiente de médio risco e ambiente de baixo risco. Esta classificação é representada pelas sub-escalas abaixo identificadas:

- I - Responsividade – Avalia a qualidade da comunicação verbal e da interação didática da mãe com a criança. Os quartis para fins de classificação das famílias podem variar – alto risco (0 - 6), médio risco (7 - 9) e baixo risco (10 - 11).
- II - Aceitação – Identifica a ocorrência de punição física e verbal, a disponibilidade de livros e a presença de animal de estimação na casa. Os quartis para fins de classificação das famílias podem variar – alto risco (0 - 4), médio risco (5 - 6) e baixo risco (7 - 8).
- III- Organização – Avalia os locais de brincadeira, os cuidadores e as saídas da criança de casa. Os quartis para fins de classificação das famílias podem variar – alto risco (0 - 3), médio risco (4 - 5) e baixo risco (6 - 7).

- IV- Materiais – Identifica a disponibilidade de brinquedos e jogos apropriados a idade da criança que estimule a cognição e a motricidade. Os quartis para fins de classificação das famílias podem variar – alto risco (0 - 4), médio risco (5 - 7) e baixo risco (8 - 9)
- V- Envolvimento – Avalia o envolvimento físico e emocional da mãe com a criança durante a entrevista. Os quartis para fins de classificação das famílias podem variar – alto risco (0 - 2), médio risco (3 - 4) e baixo risco (5 - 6).
- VI- Variedade – Avalia a interação da criança com a família e a participação do pai nos cuidados diários. Os quartis para fins de classificação das famílias podem variar – alto risco (0 - 1), médio risco (2 - 3) e baixo risco (4 - 5).

4.5 Procedimentos

A pesquisa foi desenvolvida em cinco fases sequenciais: aprovação do projeto pelo Comitê de Ética, organização dos instrumentos de coleta de dados, seleção e treinamento de discentes de graduação em Psicologia para atuarem como pesquisadores participantes, seleção da amostra e coleta dos dados.

Fase I = Aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no mês de Dezembro de 2007, e recebeu o parecer “aprovado” (Projeto nº 297/07).

Fase II = Organização dos instrumentos

Com o objetivo de facilitar a coleta de dados, foram elaborados dois instrumentos. O primeiro continha perguntas dirigidas à mãe, e o segundo era composto pelas questões do

HOME que se referiam apenas ao dados da observação. Dessa forma, a coleta pôde ser realizada por dois pesquisadores.

Fase III = Seleção e treinamento de discentes:

Para seleção das discentes que participariam da etapa de coleta de dados, foi encaminhado, à faculdade de psicologia da cidade, um projeto de extensão que daria às alunas horas em atividades complementares.

Após a organização dos instrumentos realizou-se o treinamento com uma equipe de doze discentes a fim de habilitá-las para o uso preciso dos instrumentos da pesquisa. Inicialmente foram realizadas reuniões para apresentação dos instrumentos e posteriormente as alunas realizaram entrevistas piloto, em duplas, aplicando os instrumentos em um grupo de participantes no local da coleta de dados da pesquisa. As duplas foram organizadas com a finalidade de atender os objetivos da pesquisa, para isso, em cada visita uma discente realizava as perguntas dirigidas à mãe e a outra a observação do HOME. Todas as discentes participaram apenas da coleta de dados.

Fase IV - Seleção da amostra de participantes

Para seleção da amostra participante do estudo foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: a) mães com idade a partir dos 18 anos, e b) mães com pelo menos 1 (um) filho (a) biológico entre 1 e 3 anos de idade morando com elas.

A faixa etária das crianças foi estabelecida como um critério para atender os objetivos da pesquisa e para aplicação do instrumento HOME, que avalia as variáveis do ambiente e observação da interação da mãe e da criança. Ficou estabelecido o critério da utilização dos dados do filho mais novo quando havia mais de um filho (com a idade entre 1 e 3 anos) na casa no momento da visita.

O contato com as mães foi realizado a partir da escola estadual situado no Bairro onde foram realizadas as entrevistas. Primeiramente foi realizado um levantamento junto aos alunos da escola com o objetivo de identificar as famílias que possuíam filhos de 1 a 3 anos de idade. Em seguida foi enviado um convite às mães explicando os objetivos da pesquisa e o método empregado. Solicitou-se que as interessadas em participar enviassem para a escola a disponibilidade de dias e horários para a visita.

A partir da disponibilidade das mães, o pesquisador visitava a família. Na ocasião do contato com as participantes o pesquisador se apresentava e falava brevemente sobre a pesquisa que estava realizando. Após verificar se a família atendia às características de inclusão na pesquisa era feito o convite para que participasse do estudo. A partir da resposta afirmativa da mãe, solicitava-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e dava-se início à entrevista.

Fase V - Coleta de dados

A última etapa constitui na coleta de dados. Cada dupla realizou em média dez entrevistas cada, com início em Março-2008 e término em Julho-2008. De acordo com as especificações de aplicação dos instrumentos, para realização da coleta de dados foram aplicados os seguintes critérios de inclusão: a) A entrevista deveria ser realizada na casa das mães, b) A entrevista era efetuada com a mãe da criança, e c) a criança de idade entre 1 e 3 anos deveria estar em casa e acordada na hora da entrevista.

Antes de ir ao encontro com as mães os pesquisadores organizavam os instrumentos e materiais necessários à realização da entrevista, a saber: caneta, prancheta, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e os instrumentos de aplicação. No encontro com as mães o pesquisador apresentava os objetivos da pesquisa explicando a importância da realização da mesma. Em seguida, informava que a entrevista teria em média duração de uma hora e trinta minutos e só então apresentava os instrumentos, explicando a sua

finalidade e o tipo de informação que deveria ser fornecido a cada um deles. Após, solicitava-se à mãe que assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Em seguida, o pesquisador iniciava a aplicação dos instrumentos em duas etapas que aconteciam simultaneamente com aplicação por dois pesquisadores (entrevista e a observação).

1ª Etapa – Questões dirigidas à mãe: Houve o cuidado metodológico de garantir ao participante o entendimento adequado de cada item do instrumento, diminuindo a possibilidade de erros de interpretação. A aplicação do questionário foi padronizada e cada participante foi submetido aos mesmos procedimentos, tendo suas dúvidas sanadas assim que necessário. Também a mãe foi informada que poderia se recusar a responder quaisquer perguntas que não a deixassem à vontade (principalmente as que se referem à história reprodutiva). Segue abaixo, a descrição da realização da coleta de dados em cada instrumento.

a) Dados sociodemográficos: O pesquisador solicitava à mãe que fornecesse informações referentes a si, ao companheiro e a criança observada. O instrumento não foi identificado pelo nome das participantes, apenas suas iniciais.

b) Crenças e práticas de cuidado: O pesquisador sentava-se ao lado da participante com o instrumento em mãos, explicava que primeiramente seria feita a leitura de 27 afirmações que a mãe deveria avaliar em termos de atividades que efetivamente realiza com a criança observada. Explicava-se, igualmente, que ela deveria atribuir nota de “um” a “cinco” para cada uma das afirmações, de acordo com o seu nível de concordância com a afirmação, onde um significava ‘não é importante’, dois ‘é pouco importante’, três é ‘razoavelmente importante’, quatro ‘é muito importante’ e cinco ‘é extremamente importante’. Depois de concluída a primeira etapa o pesquisador informava à mãe que iria repetir todos os itens

anteriores e que da mesma forma ela deveria atribuir uma nota de um a cinco, avaliando a importância que ela atribui a cada item, independentemente se ela realiza ou não com seus filhos. Para facilitar a interpretação dos níveis de mensuração da escala pela mãe, na aplicação dos dois momentos do instrumento foi utilizada a figura (Apêndice A) de uma escada que era mostrada a mãe com objetivo de ela visualizar a possibilidade de escolha crescente do número a ser apontado (1 a 5).

c) História reprodutiva: O pesquisador iniciava as questões explicando para a mãe que seriam feitas perguntas relacionadas aos seus filhos e outras sobre sua sexualidade. Nas perguntas sobre os filhos informava-se à mãe que a cada questão que o pesquisador fazia, a mãe deveria responder pensando primeiramente na criança que estava sendo observada e os demais filhos, em ordem de nascimento, começando pelo primeiro filho. Dessa forma, a criança número um destinava-se às informações da criança observada, a número dois ao primeiro filho na ordem de nascimento (mais velho) consecutivamente até a descrição de todos os filhos. No segundo momento, o pesquisador informava à mãe que as próximas perguntas, tratariam de sua sexualidade. Procurou-se aqui deixar a mãe o mais tranquila possível, já que algumas questões relacionavam-se a sua vida íntima.

d) Práticas de criação: As perguntas tinham como foco a história de nascimento e desenvolvimento da criança observada, bem como a rotina atual de cuidados que a mãe estabelece com ela. No primeiro momento, foram realizadas as perguntas destinadas à rotina atual. Antes de iniciar, com o objetivo de obter fidelidade nas informações da rotina da criança, o pesquisador falava à mãe que as questões deveriam ser respondidas pensando na rotina, de um dia da semana anterior, da criança que estava com ela no momento da entrevista. No segundo momento, eram realizadas as perguntas sobre o desenvolvimento da criança.

e) Percepção da qualidade do ambiente familiar atual: Solicitava-se a mãe que ela avaliasse cada item escolhendo a melhor opção que na opinião dela caracterizasse a qualidade geral das relações familiares atuais, de acordo com o seu nível de concordância com a afirmação. Os critérios traziam as seguintes especificações: “um” significava “nada conflituoso” e “cinco”, “extremamente conflituoso”. Para auxiliar a mãe na escolha da melhor opção, foi utilizada novamente a figura da escada.

f) Inventário HOME: Como mencionado no item 4.5 etapa II deste trabalho, as questões do instrumento que avalia a qualidade e quantidade do ambiente familiar (HOME), foram divididas em duas partes. Todas as questões que deveriam ser perguntadas à mãe, foram incluídas ao longo do instrumento utilizado para a entrevista e posteriormente repassadas para o instrumento original apenas com as afirmativas positivas ou negativas.

2ª Etapa – Observação: A segunda etapa destinava-se a observação dos itens do HOME. Um dos pesquisadores permanecia o tempo da entrevista observando a interação entre a mãe e a criança. Em alguns momentos, por indicação do instrumento e com o objetivo de avaliar a reação da mãe, o pesquisador fazia algum comentário relacionado à criança observada (“Como é bonito seu filho”). Quando a criança se ausentava por muito tempo do local, o pesquisador solicitava à mãe que buscasse a criança. Todas as observações foram indicadas no instrumento como positivas ‘sim’ (favoráveis à mãe) e negativas ‘não’ (desfavoráveis à mãe).

4.6 Análise dos Dados

Os dados foram padronizados e comparados utilizando o pacote estatístico SPSS-11, onde se estabeleceu escores em cada um dos fatores de análise.

A associação entre os dados sociodemográficos, crenças e práticas de cuidado e criação e história reprodutiva foi analisada mediante aplicação de testes não-paramétricos de correlação. A utilização da estatística não-paramétrica foi utilizada em função da homogeneidade do grupo, ou seja, os dados não se distribuíram de forma normal. Além do valor do coeficiente de correlação, foi verificado o nível de significância (p), sendo significativo quando $p \leq 0,05$. Quando o p apresentou-se menor que 0,1 considerou-se uma tendência estatística.

Recomenda-se o uso de técnicas estatísticas não-paramétricas nos casos em que não é possível cumprir com todos os supostos paramétricos e nos quais se trabalha com variáveis ordinais. Segundo Moraes (2007), as técnicas não-paramétricas de provas de hipóteses são particularmente adaptáveis aos dados das ciências do comportamento. Um de seus méritos é que, ao aplicá-las, não é necessário fazer suposições sobre a distribuição da população da qual tenham sido extraídos os dados para análise, por exemplo, se a distribuição é normal.

Também podem ser aplicadas a dados que não sejam exatos do ponto de vista numérico, mas que se disponham simplesmente em 'postos', ou números de ordem. Além disso, segundo Moraes (2007), as provas estatísticas não-paramétricas prestam-se não só ao tratamento de dados apresentados em postos, como também àqueles cujos escores aparentemente numéricos tem, na realidade, a força de postos. Isto é, o pesquisador pode apenas determinar se um indivíduo possui maior ou menor quantidade de característica que está estudando, sem, entretanto, poder dizer realmente quanto mais ou quanto menos. Outra vantagem das provas não-paramétricas é sua aplicabilidade a pequenas amostras.

Segue a descrição da análise estatística realizada em cada instrumento. Para atender aos objetivos da pesquisa, todos os itens foram submetidos a análises descritivas e de correlação.

a) Dados sociodemográficos: Os dados sociodemográficos passaram por um processo de pré-análise que consistiu na verificação da possibilidade de agrupamento e/ou categorização das informações referentes a algumas variáveis, bem como da codificação dos níveis ou categorias para aquelas que se mostraram passíveis de categorização. Algumas variáveis como a idade da mãe, do companheiro e das crianças foi transformada de anos em meses para o procedimento de análise, para que desse modo fosse possível verificar com mais precisão o efeito destas variáveis sobre as crenças e práticas de cuidados. Outras variáveis como número de filhos, quantidade de pessoas que moram na casa e quantidade de cômodos na residência foi considerada os seus valores absolutos para o procedimento de análise. O sexo das crianças foi agrupado em masculino e feminino.

O nível educacional das mães e do seu companheiro foi classificado a partir de uma escala de 11 níveis como segue: 1, não alfabetizado; 2, ensino fundamental incompleto: primário incompleto; 3, ensino fundamental incompleto: primário completo e ginásio incompleto; 4, ensino fundamental completo; 5, ensino médio incompleto; 6, ensino médio completo; 7, ensino superior incompleto; 8, ensino superior completo; 9, pós-graduação; 10, não sabe; 11, não tem marido / companheiro na casa. A renda familiar foi agrupada a partir de 8 níveis sendo: 1, menos de R\$ 100,00 a R\$ 200,00; 2, R\$ 201,00 a R\$ 300,00; 3, R\$ 301,00 a R\$ 400,00; 4 R\$ 401,00 a R\$ 500,00; 5, R\$ 501,00 a R\$ 600,00; 6, R\$ 601,00 a R\$ 800,00; 7,R\$ 801,00 a R\$ 1.000,00; 8, R\$ 1.001,00 a R\$ 1.300,00 e 9,R\$ 1.601,00 a R\$ 2.000,00.

A composição familiar foi agrupada em 7 níveis: 1, família nuclear; 2, família nuclear estendida; 3, família mononuclear; 4, família mononuclear estendida; 5, família

nuclear modificada; 6, família nuclear estendida modificada. O estado civil da mãe em 4 níveis: 1, solteira; 2, casada; 3, separada e 4, viúva. Foram consideradas casadas todas as mães que se declararam no momento da entrevista vivendo em união estável. De acordo com os ditames do Novo Código Civil de 2002, tem-se por igual a relação de casamento civil ou morando junto.

Após os passos da pré-análise, os dados foram lançados em uma planilha do SPSS a fim de se proceder a aplicação do teste de *Spearman* para verificar a existência de relações significativas entre as variáveis do instrumento sociodemográfico. Por último os dados deste instrumento foram relacionados com os dados provenientes do Questionário de Crenças e práticas sobre cuidados, práticas de criação, história reprodutiva e HOME.

b) Crenças e práticas de cuidado: Os itens do questionário desenvolvido por Suizzo (2002) e revalidado para a população brasileira, como descrito no método item 4.4 letra 'c', correspondem a crenças e práticas de cuidado pertencentes a três dimensões: 1) Estimulação; 2) Apresentação e 3) Responsividade. Foi obtido um escore em cada item mediante seu somatório para obtenção de média e também um escore para cada fator, possibilitando a verificação da tendência de resposta das mães e a comparação entre os fatores. Como critério de análise e apresentação dos dados, as três dimensões previamente estabelecidas foram chamadas respectivamente de: 1) Estimulação, 2) Apresentação, 3) Responsividade e vínculo, esta última como forma de diferenciação da dimensão Responsividade no instrumento HOME, foi acrescida da palavra vínculo. Primeiramente, para comparar médias dos itens, foi utilizado o teste *Wilcoxon (Z)*, o qual consiste de um teste não paramétrico para comparação de duas medidas relacionadas e o teste de *Friedman* para comparar mais de duas medidas relacionadas.

Após buscou-se determinar o grau de correlação utilizando o teste de *Spearman* entre os dados sociodemográficos e as três dimensões contemplados pelo instrumento em duas

etapas. Primeiramente quais práticas são mais valorizadas pelas mães, e quais parâmetros sociodemográficas apontam tendências diferentes de valorização de práticas. Posteriormente buscaram-se, da mesma forma, correlacionar os dados sociodemográficos com as práticas efetivamente realizadas pelas mães. Outras variáveis dos dados sociodemográficos também foram comparadas a fim de verificar possíveis correlações. Para comparar o sexo da criança observada com as dimensões do instrumento (crenças e práticas) foi utilizado o teste não paramétrico *Mann-Whitney* (U) que compara duas medidas independentes. Da mesma forma, a composição familiar foi comparada utilizando o teste não paramétrico de *Kruskal Wallis* que compara as médias nas diferentes dimensões (teste para mais de 2 medidas independentes). Foi também realizado análise de correlação de *Spearman* entre as dimensões do instrumento (crenças e práticas) com os dados da criança observada.

Por último, buscou-se determinar o grau de correlação utilizando o teste de *Spearman* entre as duas etapas do instrumento de crenças e práticas de cuidado com os instrumentos de práticas de criação, o HOME e história reprodutiva das mães.

c) História Reprodutiva: As variáveis como a idade da mãe e do pai no nascimento do primeiro filho, tempo de relacionamento dos pais até a gravidez, idade da menarca, idade da mãe na primeira relação sexual, idade da mãe quando começou a namorar e idade da mãe no primeiro casamento foram transformadas de anos em meses para o procedimento de análise, para que desse modo fosse possível verificar com mais precisão o efeito destas variáveis sobre as crenças e práticas de cuidados. Para outras variáveis como filhos que a mãe deseja ter e que planeja ter, quantidade de parceiros sexuais e número de casamentos; foram considerados os seus valores absolutos para o procedimento de análise.

Outras variáveis do estudo foram assim classificadas: “A respondente teve outras gestações?” com opção de respostas “sim” ou “não” e pergunta aberta para informações sobre o que havia acontecido quando a resposta era “sim”. Neste caso não houve análise

estatística. “Duração do primeiro namoro”, as respostas foram classificadas em 4 níveis: 1, poucos dias; 2, poucos meses; 3, um ano e 4, alguns anos.

Posteriormente aos agrupamentos foram realizadas análises descritivas de todas as variáveis e de correlação de *Spearman* entre idade no primeiro casamento, número de filhos, idade da menarca, número de casamentos, idade no nascimento do primeiro filho e quantidade de parceiros. Posteriormente foram realizadas análises de correlação entre as variáveis acima e escolaridade e renda da mãe. Por último os dados deste instrumento foram relacionados com os dados provenientes do Questionário de Crenças e práticas sobre cuidados, práticas de criação e o HOME.

d) Práticas de criação: Apenas a variável “quantidade de horas que a mãe fica com a criança do momento que ela acorda até dormir” foi transformada em minutos para o procedimento de análise, a variável “peso da criança ao nascer” manteve-se com seu número inteiro declarado. As respostas de outras perguntas, como as que seguem a seguir, foram classificadas em duas opções “sim” ou “não”: “Enquanto estava em casa, a criança brincou com outras crianças?”, “Enquanto a criança brincava, algum adulto ficou tomando conta?”, “Foi planejado?”, “Foi desejado pelos pais?”, “Fez exames pré-natais durante a gestação”, “Tem sua própria cama, berço, esteira ou rede?”, “Frequenta ou frequentou creche ou escolinha?” e “Seu filho recebeu todas as vacinas”. A pergunta “teve assistência no parto da criança observada” poderia ser respondida pela mãe com a opção “não” ou “sim”, neste caso, se a assistência foi em hospital. O tempo que a criança foi amamentada, as respostas foram classificadas em 3 níveis: 1, mais de 6 meses; 2, menos de 6 meses e 3, não foi amamentada. Para análise das perguntas “Nos primeiros 6 meses, quem mais dormia no mesmo cômodo do filho?”, “Entre 6 meses e 1 ano, quem mais dormia no mesmo cômodo do filho?” e “Atualmente, quem mais dorme no mesmo cômodo do filho?”, as respostas

foram classificadas em 5 níveis: 1, ninguém; 2, outros irmãos ou crianças; 3, toda a família; 4, apenas os pais e 5, mãe.

Posteriormente aos agrupamentos foram realizadas análises descritivas e de correlação de *Spearman* entre os dados deste instrumento com os dados provenientes do Questionário de Crenças e práticas sobre cuidados, história reprodutiva e o HOME.

e) Percepção da qualidade do ambiente familiar atual: As respondentes avaliavam as questões segundo uma escala que variava de 1 (nada conflituosa) a 5 (extremamente conflituosa). As perguntas eram: “Qualidade da vida familiar atual”, “Qualidade da vida conjugal atual”, “Conflitos entre a respondente e a criança observada”, “Atitude do pai ou padrasto em relação à criança”. Foram realizadas análises descritivas das questões descritas anteriormente. Também, cada questão havia a possibilidade da mãe descrever um exemplo ou falar um pouco mais em relação a sua escolha. Neste caso, não foram realizadas análises qualitativas. Após os agrupamentos, foram realizadas análises descritivas, com o objetivo de auxiliar na caracterização do nicho de desenvolvimento da criança.

f) Qualidade do ambiente familiar – HOME: Primeiramente foram agrupadas as respostas das mães em cada item de cada dimensão do HOME. Posteriormente, foram realizadas análises de correlação de *Spearman* entre as subescalas e o escore geral do HOME e entre as subescalas e os dados sociodemográficos. Também foram realizadas análises de correlação entre o HOME e os dados da criança observada utilizando o teste não paramétrico *Mann-Whitney* (U) para comparar duas medidas independentes. Para comparar os resultados das subescalas do HOME com a composição familiar foi utilizado o teste não-paramétrico *Kruskal Wallis* que compara as médias nas diferentes dimensões (teste para mais de 2 medidas independentes).

E por fim, foram realizadas análises descritivas e de correlação de *Spearman* entre os dados deste instrumento com os dados provenientes do questionário de crenças e práticas sobre cuidados, práticas de criação e história reprodutiva.

5. RESULTADOS

As crenças e práticas parentais agrupadas ao ambiente físico e social compõem o nicho de desenvolvimento da criança. No entanto, além desses, outro elemento que pode influenciar as ações da mãe direcionadas à criação de seus filhos e que repercute no desenvolvimento infantil, é a história reprodutiva da mãe. A partir disso, para o alcance do objetivo deste estudo, buscou-se relacionar as crenças e práticas maternas com aspectos do ambiente físico e social e a história reprodutiva da mãe, caracterizando assim, o nicho de desenvolvimento e a estratégia reprodutiva.

A Figura 2 apresenta o modelo de nicho, os respectivos fenômenos escolhidos para avaliar cada um dos seus elementos e os diferentes instrumentos utilizados. Este esquema orientará também a exposição dos resultados. Num primeiro momento, os resultados de cada subsistema serão apresentados separadamente. Após isso, serão apresentadas as relações verificadas entre os três subsistemas, ou seja, entre as dimensões do ambiente familiar, as dimensões de crenças e práticas maternas e aspectos da história reprodutiva materna procurando caracterizar qual estratégia reprodutiva adotada.

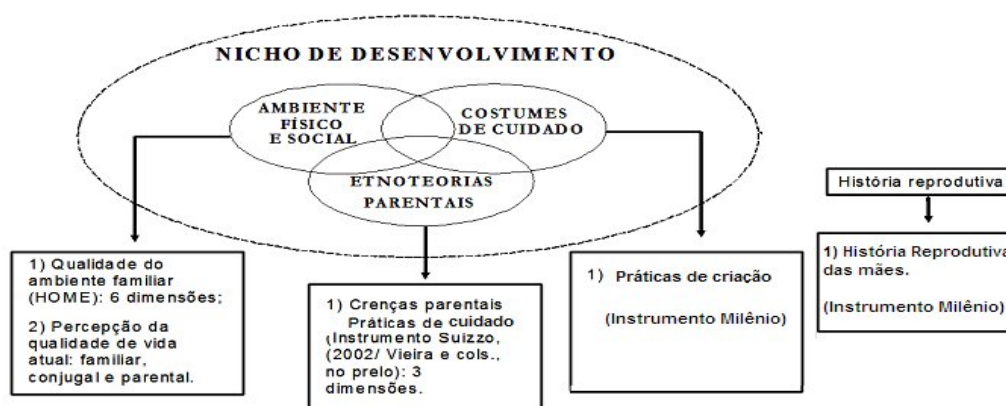


Figura 2. Fenômenos selecionados para avaliar os elementos do Nicho de Desenvolvimento e respectivos instrumentos utilizados.

5.1 Ambiente físico e social

Inicialmente, serão apresentadas as estatísticas descritivas dos dados e, em seguida, os dados relacionais com as outras variáveis do estudo (dados sociodemográficos, crenças e práticas de cuidados e história reprodutiva materna) separadamente.

Como a coleta de dados exigiu que a mãe respondesse as questões pensando sempre no filho que estava presente no momento da entrevista, este recebeu a identificação de criança observada para fins de descrição, análise e discussão dos resultados.

5.1.1 Qualidade do ambiente familiar (HOME)

Do total de famílias avaliadas (Tabela 3), 28 foram classificadas como de alto risco, 19 como de médio risco e nenhuma família como de baixo risco. A média do escore numérico geral, que poderia variar entre 0 e 45, foi de 23,62 (DP=7,01; m= 24; Min=4/Max=36).

Tabela 3. Frequência de participantes em cada quartil nas diferentes sub-escalas e no escore total do HOME.

	Menor que a quarta parte (<i>alto risco</i>)	Médio (<i>médio risco</i>)	Superior à quarta parte (<i>proteção</i>)
Responsividade	20	16	11
Punição e Restrição	7	32	8
Organização do ambiente	14	28	4
Materiais	41	6	-
Envolvimento	30	13	4
Variedade	5	30	12
Escore total	28	19	-

Com relação à dimensão *Responsividade* (RESP), 20 mães foram classificadas como de alto risco, 16 como de médio risco e 11 de baixo risco. A média deste sub-escore, que poderia variar de 0 e 11, foi de 6,69 (DP=3,36; m=8; Min=0/Max=11). Na dimensão *Punição e Restrição* (PR), 7 mães foram classificadas como de alto risco, 32 como de médio risco e 8 de baixo risco. A média deste sub-escore, que poderia variar de 0 e 8, foi de 5,4 (DP=1,48; m=6; Min=1/Max=8). Já na dimensão *Organização do ambiente* (ORG), 14 mães foram classificadas como de alto risco, 28 como de médio risco e 4 de baixo risco. A média deste sub-escore foi de 3,91 (DP=1,21; m=4/Min=0/Max=6), podendo variar de 0 e 6. Na dimensão *Materiais* (MAT), 41 mães foram classificadas como de alto risco e 6 como de médio risco. A média deste sub-escore que poderia variar de 0 e 9, foi de 2,43 (DP=2,06; m=2/Min=0/Max=7). Na dimensão *Envolvimento* (ENVOLV), 30 mães foram classificadas como de alto risco, 13 como de médio risco e 4 de baixo risco. A média deste sub-escore que poderia variar de 0 e 6, foi de 2,13 (DP=1,29; m=2/Min=0/Max=5). E por último, na dimensão *Variedade da estimulação* (VAR), 5 mães foram classificadas como de alto risco, 30 como de médio risco e 12 como de baixo risco. A média deste sub-escore que poderia variar de 0 e 5, foi de 2,91 (DP=0,1; Min=1/Max=5).

A partir dos resultados descritos, verificou-se que as dimensões que apresentaram menores escores e que, conseqüentemente, tiveram maior contribuição na constituição de um ambiente familiar de risco foram: *Materiais*, seguida das dimensões *Envolvimento* e *Responsividade*. Já as dimensões que apresentaram maiores escores e, conseqüentemente, menor risco foram: *Variedade* da estimulação diária e *Punição* e restrição. Com base nisso, o fator que pode ser considerado mecanismo de proteção na amostra estudada é a dimensão *Variedade* que obteve menor escore no fator de risco e maior no de proteção.

Além da classificação por quartis e do cálculo dos escores por dimensão do HOME, foram também calculadas as frequências totais de respostas das entrevistadas “sim” e “não”

para cada item. Quando os observadores marcavam “sim” para o item, indicava um aspecto favorável do ambiente familiar.

Conforme a Tabela 4, o item que obteve maior número de respostas “não” na dimensão *Responsividade* foi o item 3, o que indica que foi verificada pouca interação didática da mãe com a criança durante a observação. Já a o item 4 obteve maior número de respostas “sim”, demonstrando que as mães, ao falarem com seus filhos, foram claras em suas verbalizações.

Tabela 4. Frequência de participantes na *dimensão responsividade* do HOME (f=frequencia/ SIM=fator de proteção/NÃO=fator de risco)

Responsividade emocional e verbal da mãe	SIM (f)	NÃO (f)
<i>Itens HOME</i>		
1. A mãe vocaliza espontaneamente em relação à criança pelo menos duas vezes durante a visita (exclui-se chamar atenção ou passar “pito”).	32	15
2. A mãe responde as vocalizações da criança com uma resposta vocal ou verbal.	35	12
3. A mãe diz a criança o nome de algum objeto durante a visita ou diz o nome de uma pessoa ou objeto num estilo “didático”.	10	37
4. A fala da mãe é distinta, clara e audível para o entrevistador-observador.	40	7
5. A mãe inicia intercâmbio verbal com o observador - faz perguntas ou comentários espontâneos.	29	18
6. A mãe expressa ideias livre e facilmente, e usa frases de tamanho adequado para conversar (por exemplo; apresenta mais do que meras e breves respostas).	28	19
7. A mãe permite à criança ocasionalmente envolver-se em jogos e brincadeiras que sujam o ambiente ou a própria criança.	30	17
8. A mãe espontaneamente elogia as qualidades ou comportamentos da criança pelo menos duas vezes durante a visita.	22	25
9. Quando falando sobre ou para a criança a voz da mãe transmite um sentimento positivo.	32	15
10. A mãe acaricia ou beija a criança pelo menos uma vez durante a visita.	32	15
11. A mãe mostra alguma resposta emocional positiva frente a elogios feitos à criança pelo observador.	29	18

Na Tabela 5, referente à dimensão *Restrição* e punição, o item 18 foi o que obteve o maior número de respostas “não”. Este resultado indica que a maioria das famílias não possui livros em casa, o que também pressupõe que a leitura não é incentivada pelos pais. O item 14 obteve o maior número de respostas “sim”, sendo possível perceber que não é comum o uso de punição física ou verbal nos filhos. No entanto, esse resultado refere-se apenas a observação durante a entrevista, sendo que 20 mães relataram no item 15 mais de uma ocorrência de punição física durante a semana anterior à entrevista.

Tabela 5. Frequência de participantes na dimensão *punição e restrição* do HOME (f=frequência/ SIM=fator de proteção/NÃO=fator de risco)

Restrição e punição	SIM (f)	NÃO (f)
<i>Itens HOME</i>		
12. A mãe não grita com a criança durante a visita.	39	8
13. A mãe não expressa irritação aborrecimento ou hostilidade aberta em relação à criança.	37	10
14. A mãe não esbofeteia a criança durante a visita.	43	4
15. A mãe relata apenas uma ocorrência de punição física que tenha ocorrido durante a semana passada.	27	20
16. A mãe não critica, passa “pito” ou “arrasa” verbalmente com a criança durante a visita.	40	7
17. A mãe não interfere com as ações da criança ou restringe seus movimentos mais do que três vezes durante a visita.	34	13
18. Pelo menos 10 livros estão presentes e visíveis no lar.	9	38
19. A família tem um animal de estimação.	24	23

Na dimensão *Organização* do ambiente físico e temporal (Tabela 6), o item 22 foi o que obteve mais respostas “não” entre todos os outros, no entanto as respostas “sim” neste mesmo item foram praticamente equivalentes, indicando que mais o menos em metade das famílias as crianças costumam sair de casa para passeios com mais frequência, e em seguida, o item 25 recebeu o maior número de respostas “não”, demonstrando que o ambiente de

brincadeiras não esta livre de acidentes, favorecendo ambientes de risco. Já a resposta “sim” foi mais frequente no item “20”, indicando que a criança sempre permanece com os mesmos cuidadores quando a mãe se ausenta de casa, podendo ser este considerado um fator de proteção.

Tabela 6. Frequência de participantes na dimensão *Organização do ambiente físico e temporal* do HOME (f=frequência/ SIM=fator de proteção/NÃO=fator de risco)

Organização do ambiente físico e temporal	SIM (f)	NÃO (f)
<i>Itens HOME</i>		
20. Quando a mãe se ausenta, o cuidado à criança é fornecido por pelo menos uma de três substitutas regulares.	42	5
21. Alguém leva a criança à quitanda, supermercado, etc, pelo menos uma vez por semana.	30	17
22. A criança sai de casa pelo menos quatro vezes por semana.	22	25
23. A criança é levada regularmente ao médico ou clínica para verificação de saúde ou cuidados preventivos.	34	13
24. A criança tem um lugar especial no qual pode guardar seus brinquedos e pequenos “tesouros”.	29	18
25. O ambiente de brinquedo, de jogos da criança parece seguro e livre de acidentes.	27	20

A Tabela 7 descreve os resultados das respostas das mães na dimensão disponibilidade (na casa e não exclusivamente para a criança observada) de *Materiais* que se refere aos brinquedos e jogos apropriados à idade da criança. Esta dimensão foi a que obteve mais respostas “não” em todos os itens avaliados da dimensão e entre às outras dimensões avaliadas. No entanto, o item 29 foi que obteve mais respostas “não” seguidas pelo item 33 e respectivamente pelos itens 31 e 32. Este resultado demonstra que as famílias não possuíam materiais que ajudem a criança a estimular a sua coordenação motora e cognitiva. Pode-se atribuir este resultado principalmente a dois fatores já estudados em outras pesquisas que avaliaram as mesmas variáveis, a baixa renda econômica e a baixa escolaridade dos pais.

Tabela 7. Frequência de participantes na dimensão *disponibilidade de materiais de brinquedos e jogos apropriados à idade da criança* do HOME (f=frequência/SIM=fator de proteção/NÃO=fator de risco)

Disponibilidade de materiais de brinquedos e jogos apropriados	SIM (f)	NÃO (f)
<i>Itens HOME</i>		
26. A criança tem brinquedos ou outros objetos que envolvam atividade muscular.	19	28
27. A criança tem brinquedos de empurrar ou puxar.	21	26
28. A criança tem um patinete, um andador, um triciclo, qualquer carrinho que a criança impulsiona com os pés.	21	26
29. A mãe fornece brinquedos ou sugere atividades interessantes para a criança durante a entrevista.	4	43
30. A mãe fornece objetos apropriados para a aprendizagem e de acordo com a idade da criança: brinquedos de pelúcia ou jogos de faz de conta.	19	28
31. A mãe fornece material de aprendizagem apropriada à idade da criança: móveis, mesas e cadeiras, cadeirões, chiqueirinho.	8	39
32. A mãe fornece brinquedos que favoreçam a coordenação visomotora, por exemplo: peças pra serem introduzidas ou retiradas de orifícios, caixas, contas, contas para enfiar, etc.	8	39
33. A mãe fornece brinquedos que favoreçam a coordenação visomotora e que permitam combinações: jogos de empilhar ou encaixar blocos, etc.	6	41
34. A mãe fornece brinquedos que estimulem a leitura e a música.	8	39

A Tabela 8, por sua vez, apresenta os resultados da dimensão *Envolvimento* materno com a criança observada. O item que obteve mais respostas “não” foi o 39, seguido pelo item 38. Este resultado indica que, em geral, as mães relataram não investir em brinquedos e também não estruturar as brincadeiras da criança, possivelmente pelo mesmo motivo do item anterior, a baixa escolaridade e baixa renda das famílias. No entanto, os itens que mais obtiveram respostas “sim” foram o item 35 seguido pelo item 36. Isso demonstra que as mães tendiam a conversar com a criança dentro de seu campo visual durante a entrevista e declararam conversar com a criança enquanto realizam seu trabalho de casa. Esse resultado descreve como fatores de risco o baixo investimento em brinquedos e a falta da participação da mãe nas brincadeiras com a criança e como fatores de proteção o envolvimento da mãe

em relação ao cuidado de manter a criança em seu campo visual e de conversar com ela, mesmo durante seus trabalhos domésticos.

Tabela 8. Frequência de participantes na dimensão *envolvimento materno com a criança* observada do HOME (f=frequencia/ SIM=fator de proteção/NÃO=fator de risco)

Envolvimento materno com a criança	SIM (f)	NÃO (f)
<i>Itens HOME</i>		
35.A mãe tende a conservar a criança dentro de seu campo visual e a olhá-la frequentemente.	38	9
36.A mãe fala à criança enquanto realiza seu trabalho de casa.	32	15
37.A mãe conscientemente encoraja o desenvolvimento da criança.	15	32
38.A mãe investe em brinquedos mais complexos através de sua atenção.	5	42
39.A mãe estrutura os períodos de brinquedo da criança.	2	45
40.A mãe fornece brinquedos que desafiam a criança a desenvolver novas habilidades.	8	39

A última dimensão avaliada foi a oportunidade de variação na *Estimulação* diária da criança observada, conforme Tabela 9. Nesta dimensão, o item que mais obteve respostas “não” foi o item 42 seguido pelo item 32. Este resultado está de acordo com o resultado do item 18 da dimensão restrição e punição, que avalia a disponibilidade de livros na casa. Ou seja, não foram verificados livros disponíveis na casa, consequentemente as mães, em geral, afirmaram não ler histórias para a criança, Já os itens que mais foram escolhidos com a resposta “sim” pelas mães foram o 44, seguido pelos itens 43 e 41, os dois últimos itens referem-se a presença do pai (não do companheiro) na rotina da criança indicando como fator de proteção o envolvimento da família com a criança.

Tabela 9. Frequência de participantes na dimensão *oportunidade de variação na estimulação diária* do HOME (f=frequência/ SIM=fator de proteção/NÃO=fator de risco)

Oportunidades de variação na estimulação diária	SIM (f)	NÃO (f)
<i>Itens HOME</i>		
41. O pai fornece algum cuidado à criança cada dia.	31	16
42. A mãe lê histórias para a criança pelo menos três vezes por semana.	7	40
43. A criança come pelo menos uma refeição por dia com a mãe e o pai.	38	9
44. A família visita ou recebe a visita de parentes.	45	2
45. A criança possui três ou mais livros.	15	32

Ao correlacionar os resultados das dimensões do HOME com dos dados sociodemográficos (Tabela 10), obteve-se relação positiva entre *Responsividade* e a idade da mãe ($\rho=0,350$; $p<0,05$). A dimensão disponibilidade de *Materiais* apropriados a idade da criança relacionou-se negativamente ao número de pessoas que vivem na casa ($\rho= -0,300$; $p<0,05$) e número total de filhos ($\rho= -0,344$; $p<0,05$). Esta última dimensão também se relacionou de forma positiva às variáveis escolaridade da mãe ($\rho=0,537$; $p<0,01$) e escolaridade do companheiro da mãe ($\rho=0,399$; $p<0,05$). Por sua vez, a dimensão oportunidade de variedade na *Estimulação* diária da criança correlacionou-se de forma positiva ao número de cômodos nas residências ($\rho=0,305$; $p<0,05$). Finalmente, verificou-se uma correlação positiva entre o escore total do HOME e a escolaridade da mãe.

Os resultados descritos anteriormente indicam que quanto maior o número de pessoas na casa e maior o número de filhos, menor é a disponibilidade de materiais no ambiente familiar. No entanto, a disponibilidade de materiais aumenta quando o nível de escolaridade da mãe e de seu companheiro também é mais elevado. A escolaridade da mãe influencia, ainda, numa melhor qualidade geral do ambiente familiar. Já a responsividade da mãe na relação com a criança foi influenciada somente pela maior idade das mães e, por fim, a variedade de estimulação diária demonstrou ser mais elevada quando há mais cômodos nas residências das famílias.

Tabela 10. Relações entre as variáveis sócio-demográficas das participantes e as dimensões do HOME

	RESP	PR	ORG	MAT	ENVOLV	VAR	Escore HOME
Número de pessoas que vivem na casa	-,171	-,090	,135	-,300*	-,097	,023	-,196
Idade da mãe	,350*	,084	,215	-,113	,105	,050	,184
Número de filhos	,098	-,140	-,010	-,344*	,002	,037	-,104
Escolaridade da mãe	,017	,155	,200	,537**	,227	,251	,360*
Escolaridade do parceiro	,074	,228	,049	,399*	,175	-,133	,222
Cômodos na residência	,146	,112	,133	,092	,247	,305*	,220

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$

Para avaliar a relação das dimensões do HOME com o sexo da criança e a composição familiar (família nuclear, nuclear modificada ou estendida e monoparental) foram realizadas análises de comparação de médias para grupos independentes. O Teste *Mann-Whitney* revelou não haver quaisquer diferenças entre os sexos das crianças. Por sua vez, o teste *Kruskal Wallis* revelou haverem diferenças entre as configurações familiares somente na dimensão variedade da estimulação diária. Em famílias nucleares e nucleares modificadas ou estendidas o escore na dimensão variedade da estimulação diária foi maior do que nas famílias monoparentais ($\chi^2 = 9,64$; $p < 0,01$).

5.1.2 Percepção da qualidade do ambiente familiar atual

As respondentes avaliaram a qualidade dos relacionamentos do seu ambiente familiar atual através de questões escalares fechada, segundo uma escala que variava de 1 (nada conflituoso) até 5 (extremamente conflituoso). Além de fornecer um escore numérico total, este instrumento também permitiu que as entrevistadas pudessem exemplificar suas respostas após a opção pelo ponto da escala.

A Tabela 11 mostra as médias e desvios-padrão do instrumento que avaliou a qualidade do ambiente familiar atual. Através dos dados constatou-se que, de modo geral, as mães caracterizaram o ambiente familiar atual e a qualidade de vida conjugal como pouco conflituoso. Isso pode ser constatado através das médias, uma vez os valores estão situados no pólo que indica pouco conflito. Já a qualidade da relação da mãe e do pai com a criança observada foi considerada ainda menos conflituosa, com médias próximas ao ponto 1 da escala. Verificou-se uma ambiguidade das mães ao exemplificarem suas escolhas. Por exemplo, a participante atribuía o valor 1 (nada conflituoso) na pergunta que avalia a qualidade do relacionamento conjugal e quando era solicitado que exemplificasse, afirmaram que o casal brigava apenas quando o esposo estava alcoolizado (em média umas 3 vezes por semana). Com isso, pôde-se perceber que muitas mães julgavam seu relacionamento conjugal como muito bom, mesmo havendo brigas constantemente.

Tabela 11. Médias e desvios-padrão da avaliação da qualidade do ambiente familiar atual pelas participantes

Qualidade do ambiente familiar	Média (DP)	Mediana (min-max)
Qualidade da vida familiar atual da respondente	2,04 (0,98)	2 (1-4)
Qualidade da vida conjugal atual da respondente	2,05 (0,97)	2 (1-5)
Qualidade da relação entre a mãe e a criança observada	1,68 (0,81)	1 (1-4)
Qualidade da relação entre o pai e a criança observada	1,58 (0,74)	1 (1-4)

5.2 Costumes de cuidado

5.2.1 Práticas de criação

As perguntas relacionadas às práticas de criação tiveram como foco a história de nascimento e desenvolvimento da criança, bem como a rotina atual de cuidados que a mãe estabelece com seu filho.

A idade média das mães no nascimento da criança foi de 25,53 (DP= 8,24; m=25 Min=12\Max=41). Já a dos pais (biológico) foi de 30,37 (DP= 9,25; m=28 Min=16\Max=58). O tempo médio de relacionamento entre o casal quando a mãe engravidou foi de 65,65 meses (DP= 77,38; m=36 Min=0\Max=288 meses). Outro dado importante foi relacionado ao planejamento do filho. A maioria das mães (n=27) não planejou, no entanto a maioria (n=38) declara ter desejado, após saber que estava grávida. A questão que obteve o maior número de respostas positivas foi em relação aos exames pré-natais durante a gestação. Todas as mães relataram ter feito os exames no posto de saúde do seu bairro. Ainda, todas as mães disseram ter recebido assistência no parto em hospital e que seus filhos receberam todas as vacinas.

O tempo de amamentação foi avaliado através de duas opções: menos que 6 meses e mais que 6 meses. Cerca da metade do grupo (n=24) afirmou ter amamentado ou estar amamentando por mais de 6 meses. Já as 22 mães restantes afirmam ter amamentado por menos de 6 meses.

A questão que obteve maior frequência de respostas negativas foi em relação à criança frequentar creche ou escolinha (n=36). O resultado indica que a maioria das crianças permanece em casa com suas mães, o que pode ser explicado pela pouca idade das crianças em média 2 anos e sete meses e pelo fato da maioria das mães não trabalharem.

Ainda, foi avaliado com quem a criança dormia nos primeiros seis meses, entre os seis meses e um ano e na época da entrevista. A maior parte das mães afirmou que até um

ano de idade a criança dormia apenas com os pais (n=29) e 13 mães afirmaram que a criança dormia com toda a família. Na época da entrevista a maior parte das crianças dormia apenas com pais (n=35). O resultado indica que devido ao pequeno número de cômodos (n=4,94) na casa as crianças dormem por muito tempo com pais.

Para investigar a rotina de cuidados atual das mães, foi solicitado que respondessem as questões pensando em um dia da semana anterior como referência para suas respostas. A quantidade de horas média que as mães ficavam com as crianças, desde que elas acordavam até a hora de dormir, foi de 8,43 (DP=3,69, m=9; Min=1/Max=15). Em geral, enquanto estavam em casa, as crianças brincavam com seus pares (n=36), e em quase todos os casos algum adulto tomava conta delas enquanto brincava (n=42). A mãe também relatou que enquanto a criança brinca sempre um adulto fica presente no mesmo local, no entanto, não permanece próximo a ela.

5.3 História reprodutiva da mãe

Para investigar a história reprodutiva da mãe foram realizadas perguntas relacionadas ao nascimento do primeiro filho (podendo este ser ou não a criança observada), e aos aspectos da sexualidade da mãe (número de parceiros, casamentos, menarca, idade da primeira relação sexual, entre outros). A análise dos dados mostrou que a idade média das mães no nascimento do primeiro do filho foi de 18,39 (DP=3,59; m=18; Min=13/Max=29). Já a média de filhos que as mães ainda planejavam ter foi de 0,26 (DP=0,5; m=0; Min=0/Max=3), ou seja, grande parte das mães não planejava ter mais filhos. Essa média aumentou um pouco quando se perguntou às mães quantos filhos elas gostariam de ter (M=0,5; DP=0,7; m=0; Min=0\Max=3). Portanto, há uma diferença entre o planejamento das mães e a vontade delas em ter mais filhos.

Na pergunta relacionada a outras gestações, 33 mães afirmaram que não tiveram outras gestações além das declaradas e 14 mães afirmaram ter tido outras gestações, as mães citaram, como motivo do aborto, principalmente a violência física dos seus companheiros. A idade média da menarca foi de 12,52 (DP=1,4; m=13; Min=10\Max=16). O resultado demonstra que em geral as mães tiveram a menarca cedo.

Para investigar a história de relacionamentos afetivos da mãe, foi primeiramente iniciado o assunto com duas questões “quebra gelo”, sendo elas: “Se recebeu informações sobre a menstruação”, “Quem foi a pessoa que informou”. Em seguida para deixar a mãe mais a vontade em relação às perguntas, foi informado que ela poderia responder apenas as questões que se sentisse a vontade. Percebeu-se que a maioria das mães não teve nenhum problema em responder as questões, exceto quando havia o companheiro estava presente.

A idade média que as mães começaram a namorar foi de 14,36 (DP=1,8; m=15; Min=11\Max=18). Sendo que a idade média da primeira relação sexual foi de 15,6 (DP=2,7; m=15; Min=10\Max=25). A idade média dos parceiros na primeira relação sexual foi um pouco maior (M = 20,21; DP=5,86; m=18; Min=13/Max=48). Esse resultado indica que a idade que as mães começaram a namorar é equivalente a idade da primeira relação sexual. Outro dado observado a partir dos resultados foi a relação entre a idade da mulher e do companheiro na primeira relação sexual. Enquanto ela tinha em média 15 anos, o parceiro tinha aproximadamente 20 anos, indicando que a mulher era mais jovem que o parceiro.

Os namoros duraram, para a maioria, poucos meses (n=20) ou poucos dias (n=14). Uma minoria relatou a duração de alguns anos (n=8) ou um ano (n=5). O número médio de parceiros relatado pelas mães foi de 2,8 (DP= 2,06; m=2; Min=1/Max=10). Em relação ao primeiro casamento, a idade média das mães foi de 18,07 (DP=4,68; m=16; Min=12\Max=32) e o número de casamentos, incluindo morar junto, foi de 1,34 (DP=0,52; m=1; Min=1\Max=3).

Para avaliar a relação entre algumas variáveis da história reprodutiva das mães, foram realizadas análise de correlações, utilizando o teste de *Spearman* (Tabela 12). O número de filhos correlacionou-se negativamente à idade da mãe no primeiro casamento, indicando que quanto maior a idade das mães no primeiro casamento, menos filhos elas tiveram ao longo de sua história reprodutiva. A idade da mãe no nascimento do primeiro filho correlacionou-se positivamente a idade no primeiro casamento, indicando que quanto maior a idade da mãe no primeiro casamento, maior a idade no nascimento do primeiro filho. E a quantidade de parceiros sexuais até o momento da entrevista correlacionou-se negativamente ao número de casamentos, indicando que quanto mais parceiros sexuais, mais casamentos.

Tabela 12. Correlações entre as variáveis da história reprodutiva das participantes

	1	2	3	4	5
1. Número de filhos	-				
2. Idade da mãe no nascimento do filho 1	-,286	-			
3. Idade na menarca	,075	,347	-		
4. Quantidade de parceiros sexuais até o momento da entrevista	-,265	,071	,006	-	
5. Idade da respondente no primeiro casamento	-,318*	,780**	,155	,267	-
6. Número de casamentos	,271	-,190	,215	,368*	-,256

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$

Foram realizadas correlações entre as variáveis da Tabela 13 e a escolaridade da mãe e renda familiar. No entanto, não foram verificadas correlações significativas.

5.4 Etnoteorias parentais – crenças e práticas maternas

Os dados obtidos com o questionário sobre crenças e práticas parentais foram analisados de duas formas. Inicialmente, verificou-se o quanto as mães afirmavam realizar as diferentes práticas em relação à criança e o grau de importância que elas atribuíam a essas mesmas práticas (crenças). Posteriormente verificou-se a possibilidade de haver correlação significativa entre as variáveis sociodemográficas da família pesquisada – idade da mãe, idade do companheiro, nível de escolaridade materna e do companheiro, número de filhos e renda familiar - e as dimensões do questionário de crenças e práticas de cuidado maternas – *Estimulação, Apresentação, Responsividade e Vínculo*.

Os resultados indicaram que as mães atribuem maior importância para as práticas pertencentes à dimensão *Apresentação apropriada* (M=4,20; DP=0,60). A segunda dimensão mais valorizada foi a *Estimulação* (M= 3,71; DP=0,65), seguida da dimensão *Responsividade e vínculo* (M= 3,61; DP=0,75). Quanto à frequência de realização das práticas, verificou-se novamente que a dimensão *Apresentação Apropriada* obteve maior média (M=4,07; DP= 0,68). A segunda maior média foi obtida na dimensão *Responsividade* (M=3,71; DP=0,77) e a menor média de realização das práticas na dimensão *Estimulação* (M=3,48; DP=0,61). Essas diferenças verificadas entre as dimensões seja quanto à frequência de realização (Z=25,17), seja quanto ao grau de importância atribuídos as mesmas (Z=23,24), foram estatisticamente significativas. As médias de realização das práticas e importância atribuída as mesmas foram comparadas em cada dimensão, visando verificar se havia ou não coerência entre o comportamento percebido pela mãe e suas crenças. Somente na dimensão *Estimulação* foi verificada diferença significativa, a qual indicou que as mães atribuem maior importância a essas práticas do que afirmam realizá-las.

Tabela 13. Frequência de realização das práticas de cuidado (FRP) e grau de importância atribuído às mesmas (GRP) pelas participantes.

Dimensões	FRP (Média/DP)	GAP (Média/DP)	Z
Estimulação	3,48 (0,61)	3,71 (0,65)	-3,343**
Apresentação apropriada	4,07 (0,68)	4,20 (0,60)	-1,353
Responsividade	3,71 (0,77)	3,61 (0,75)	-1,304
<i>Friedman</i>	25,17**	23,24**	

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$

Para obter informações mais detalhadas acerca das crenças e práticas maternas, foram também calculadas médias e desvios padrões para cada item pertencente às diferentes dimensões. Assim como se procedeu com as médias das dimensões como um todo, também foram comparadas as médias dos itens da escala de frequência de utilizadas e da escala de importância atribuída. As Tabelas 14, 15 e 16 apresentam esses resultados.

Na dimensão *Estimulação* o item de maior média (tanto quanto à frequência de realização, quanto ao grau de importância) foi “Conversar bastante com a criança”. Os itens de menor média foram “Ler histórias para a criança” (quanto à frequência de realização) e “Estimular a criança a brincar com outras de diferentes classes sociais” (quanto ao grau de importância atribuído). Por sua vez, o teste *Wilcoxon* evidenciou que as mães atribuem mais importância do que afirmam realizar as seguintes práticas: “Estimular a criança a brincar com outras de costumes diferentes”, “Estimular a criança a brincar com outras de diferentes classes sociais”, “Oferecer ao bebê brinquedos que estimulem seus sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar)” e “Ler histórias para a criança”. Por fim, em dois itens as mães afirmaram realizá-los mais do que os consideraram importante (“Estimular a criança a brincar sozinha” e “Fazer com que a criança brinque tanto com brinquedos de meninas como de meninos”)

Tabela 14. Frequência de realização (FRP) e grau de importância atribuído às práticas (GAP) na dimensão *Estimulação*

Itens da Dimensão Estimulação	FRP (Média/DP)	GAP (Média/DP)	Z
1. Estimular a criança a brincar com outras de costumes diferentes	2,57 (1,47)	3,29 (1,41)	-3,122**
2. Estimular a criança a brincar com outras de diferentes classes sociais.	2,38 (1,32)	2,80 (1,46)	-2,087*
3. Deixar a criança brincar com outras da mesma idade.	4,08 (1,1)	3,83 (1,08)	-1,533
4. Chamar a atenção do bebê para objetos.	4,29 (1,04)	4,08 (1,01)	-1,447
5. Ensinar a criança a dividir seus brinquedos com as outras.	4,31 (1,14)	4,29 (0,74)	-,491
6. Estimular a criança a brincar em grupo de crianças.	3,53 (1,44)	3,85 (1,21)	-1,752
7. Estimular a criança a brincar sozinha.	3,66 (1,47)	3,06 (1,32)	-2,386*
8. Oferecer ao bebê brinquedos que estimulem seus sentidos	2,89 (1,35)	3,85 (1,04)	-3,853**
9. Chamar a atenção do bebê para interagir com as pessoas.	3,76 (1,12)	4 (0,83)	-1,102
10. Ler histórias para a criança.	2,10 (1,47)	3,78 (1,25)	-4,991**
11. Conversar bastante com a criança.	4,42 (0,94)	4,34 (0,78)	-,676
12. Fazer com que a criança brinque tanto com brinquedos de meninas como de meninos.	3,76 (1,30)	3,32 (1,36)	-2,044*

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$

Na dimensão *Apresentação Apropriada*, a frequência de realização das práticas, o item de maior média foi “Dar banho na criança todos os dias”. Já o item de menor média foi “Fazer massagem no bebê”, tanto na frequência de realização como de grau de importância. O item de maior média, quanto a importância foi “Ensinar a criança a se comportar fora de casa”. A análise dos dados, a partir do teste *Wilcoxon* evidenciou que as mães atribuem mais importância do que realizam as práticas “Não deixar que a criança coloque coisas sujas na

boca”, ”Ensinar a criança a cumprimentar e a agradecer” “Fazer sopinhas e papinhas para o bebê” e “Treinar para usar o pinico o mais cedo possível”. Também foi possível verificar que em dois itens a frequência de realização das práticas é maior do que o grau de importância “Trocar a fralda da criança antes de colocá-la para dormir” e “Intervir para resolver uma discussão ou briga entre a criança e outra da mesma idade”.

Tabela 15. Frequência de realização (FRP) e grau de importância atribuído às práticas (GAP) na dimensão *Apresentação Apropriada*.

Itens da Dimensão Apresentação Apropriada	FRP (Média/DP)	GAP (Média/DP)	Z
13. Fazer massagem no bebê.	3,12 (1,51)	3,57 (1,24)	-2,270*
14. Não deixar que a criança coloque coisas sujas na boca.	4,02 (1,51)	4,31 (1,02)	-1,160
15. Não deixar que a criança veja os pais brigando.	3,47 (1,58)	4,34 (0,96)	-3,552**
16. Trocar a fralda da criança antes de colocá-la para dormir.	4,37 (1,09)	4,34 (0,63)	-,900
17. Dar banho na criança todos os dias.	4,78 (0,5)	4,44 (0,65)	-3,578**
18. Ensinar a criança a cumprimentar e a agradecer.	4,29 (1,23)	4,31 (0,78)	-,218
19. Ensinar a criança a se comportar fora de casa.	4,29 (1,14)	4,48 (0,68)	-1,124
20. Fazer sopinhas ou papinhas (mingaus) para o bebê.	4,19 (1,09)	4,06 (0,98)	-1,080
21. Intervir para resolver uma discussão ou briga entre a criança e outra da mesma idade.	4,14 (1,16)	3,97 (1,05)	-,834
27. Treinar para usar o peniquinho o mais cedo possível.	4,00 (1,26)	4,19 (0,71)	-,754

* p< 0,05; ** p< 0,01

Por fim, na dimensão *Responsividade e vínculo*, o item de maior média quanto a frequência de realização e ao grau de importância foi “Desenvolver uma ligação afetiva forte com o bebê (ficar muito ligado a ele)”. Os itens de maior grau na frequência na realização das práticas em comparação ao grau de importância atribuído foram “Pegar o bebê no colo logo que ele comece a chorar” e “Ser muito tolerante a criança”. Ao contrário, os itens de maior grau de importância atribuído as práticas em comparação a frequência de realização foi “Nunca bater na criança”.

Tabela 16. Frequência de realização (FRP) e Grau de importância atribuído às práticas (GAP) na dimensão *Responsividade e vínculo*

Itens da Dimensão Responsividade e vínculo	FRP (Média/DP)	GAP (Média/DP)	Z
22. Pegar o bebê no colo logo que ele comece a chorar.	3,93 (1,18)	3,61 (1,01)	-2,270*
23. Ficar bastante com o bebê no colo.	3,72 (1,26)	3,48 (1,13)	-1,549
24. Desenvolver uma ligação afetiva forte com o bebê (ficar muito ligado a ele).	4,25 (1,09)	4,14 (1,04)	-,792
25. Ser muito tolerante com a criança.	3,46 (1,19)	3,31 (1,10)	-1,160
26. Nunca bater na criança.	3,19 (1,09)	3,51 (1,17)	-1,493

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$

Ao correlacionar os resultados das dimensões do questionário de crenças e práticas de cuidado com os dados sociodemográficos, obtiveram-se relações positivas entre a dimensão *Estimulação* quanto a frequência de realização e a escolaridade do companheiro ($\rho=0,388$; $p < 0,05$). Já em relação à escolaridade da mãe, houve apenas uma tendência ($\rho=0,282$). Os resultados indicam que quanto maior escolaridade do pai e da respondente, mais a mãe afirma realizar práticas de *Estimulação*.

Outras análises utilizaram como parâmetros de comparação a idade da mãe e do companheiro, o nível de escolaridade materno e do companheiro, número total de filhos,

renda familiar, quantidade de cômodos na residência, idade do filho observado. Contudo, as mães que estavam residindo com companheiro com grau de escolaridade maior ($\rho=0,440$) valorizaram significativamente mais as práticas de cuidado referentes à categoria *Estimulação e Apresentação apropriada*. Os resultados indicam que quanto maior a escolaridade do companheiro, mais a mãe atribuiu importância às práticas de *Estimulação e Apresentação apropriada*.

Para avaliar a relação das dimensões do questionário de crenças (importância) e práticas de cuidado com o sexo da criança e a composição familiar (família nuclear, nuclear modificada ou estendida e monoparental) foram realizadas análises de comparação de médias para grupos independentes. O Teste *Mann-Whitney* revelou não haver quaisquer diferenças entre os sexos das crianças em nenhuma das dimensões de práticas e de crenças. Por sua vez, o teste *Kruskal Wallis* revelou haver diferenças entre as configurações familiares somente na dimensão variedade da *Estimulação*. Em famílias nucleares modificadas ou estendidas, a mãe realiza mais práticas de *Estimulação* do que nas demais famílias. Já em relação as crenças (importância), o teste não evidenciou diferenças significativas.

5.5 Relações entre o Nicho de Desenvolvimento e a História Reprodutiva da mãe.

5.5.1 Relações entre crenças e práticas maternas, práticas de criação e história reprodutiva da mãe

Foram analisadas as correlações entre práticas e crenças de cuidado maternas em relação à criança observada, e as variáveis idade da mãe no nascimento do filho, idade do pai no nascimento do filho, tempo de relacionamento dos pais até o nascimento do filho e peso do filho ao nascer. O teste de *Spearman* não evidenciou diferenças significativas.

Posteriormente foram analisadas correlações entre práticas e crenças de cuidado as questões: “filho foi planejado”, “filho frequenta a creche” e “tempo de amamentação”. Verificou através do teste *Mann-Whitney* que quando os filhos não foram planejados, as mães atribuem maior importância às práticas de *Estimulação* ($U=153$; $p<0,01$). E quando os filhos foram amamentados por mais de seis meses, as mães tendem a realizar mais práticas de *Responsividade* ($U=190,5$; $p<0,1$).

As correlações entre as dimensões de práticas e crenças com aspectos da História Reprodutiva da mãe (Tabela 17), mostraram correlação negativa entre a idade da mãe no nascimento do primeiro filho ($\rho=0,391$; $p<0,05$) e idade da mãe no primeiro casamento ($\rho=0,407$; $p<0,01$) com a dimensão prática de *Responsividade* com a criança-observada, ou seja, quanto maior a idade da mãe no nascimento do primeiro filho (quando a mãe tem mais de um filho) e quanto maior a idade da mãe no primeiro casamento menos a mãe realiza práticas de *Responsividade* com a criança observada. Entretanto, algumas correlações não foram avaliadas, por não apresentarem consistência teórica.

Tabela 17. Correlação entre as dimensões das crenças e práticas de cuidado das respondentes com variáveis da História Reprodutiva.

	Idade da mãe no nascimento do primeiro filho	Idade da menarca	Idade da mãe na primeira relação sexual	Idade da mãe no primeiro casamento
Estimulação (Prática)	,126	,056	,402**	,247
Apresentação (Prática)	-,183	-,041	,241	-,045
Responsividade (Prática)	-,391*	-,119	-,267	-,407**
Estimulação (Crença)	,129	,251	,424**	,226
Apresentação (Crença)	-,040	,261	,352*	,047
Responsividade (Crença)	-,064	,008	-,080	-,134

* $p<0,05$; ** $p<0,01$

5.5.2 Relações entre Qualidade do Ambiente Familiar, Práticas de Criação e História Reprodutiva da mãe.

Também foram realizadas análises de correlação entre a qualidade do ambiente familiar, investigadas pelo instrumento HOME, práticas de criação e História Reprodutiva da mãe. Primeiramente foram relacionados os itens do HOME e os dados da criança observada. Através do teste de *Spearman* foi evidenciado que quanto maior a idade da mãe no nascimento da criança observada, maior a *Responsividade* no HOME ($\rho=0,375$; $p<0,01$). Comparações através do teste *Mann-Whitney* não evidenciaram relações entre “filho foi planejado” e “tempo de amamentação” com as dimensões do HOME. No entanto, o mesmo teste demonstrou relação entre “filho frequenta ou não a creche” com a dimensão *Organização*. Quando os filhos não vão para a creche, o escore na sub-escala *Organização* do ambiente tende a ser mais alto ($U=118,5$; $p<0,1$).

As relações entre as dimensões do HOME e as variáveis da História Reprodutiva da mãe (Tabela 18), demonstram correlação positiva entre a dimensão *Organização* e as variáveis idade da mãe no nascimento do primeiro filho ($\rho=0,553$; $p<0,01$) e idade da respondente no primeiro casamento ($\rho=0,388$; $p<0,01$), ou seja, quanto maior a idade da mãe nas duas variáveis descritas acima, melhor a *Organização* do ambiente.

Tabela 18. Correlações entre as dimensões do HOME e variáveis da História Reprodutiva da respondente.

	Idade da mãe no nascimento do primeiro filho	Idade da mãe no primeiro casamento	Idade da menarca	Idade da mãe na primeira relação sexual
Responsividade	,238	,178	,117	,380*
Aceitação	-,092	,141	-,155	,031
Organização	,553**	,388**	,067	,406**
Materiais	,023	,154	,090	,189
Envolvimento	-,015	,066	,192	,223
Variedade	,099	,037	-,231	,228
Escore HOME	,148	,225	,058	,384**

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$

5.5.3 Relações entre crenças e práticas maternas e qualidade do ambiente familiar

Para avaliar a relação entre crenças e práticas maternas e qualidade do ambiente familiar, foram calculadas médias referentes às primeiras dimensões para os grupos que apresentaram alto e médio risco no escore total do HOME. Nenhuma família atingiu escore de baixo risco. A Tabela 19 apresenta esses valores, bem como o resultado do teste de comparação realizado entre os grupos.

Os resultados indicam que em famílias de médio risco as mães afirmam realizar e atribuem maior importância tanto à *Estimulação*, quanto a *Apresentação apropriada*. Já em relação à dimensão *Responsividade e vínculo*, não foram verificadas diferenças estatisticamente significativas. Este dado indica que quanto melhor a qualidade do ambiente, tanto as práticas como as crenças das mães em relação a *Estimulação e Apresentação* aumentam.

Tabela 19. Relação entre classificação dos escores totais das famílias no HOME e dimensões de crenças e práticas maternas.

		Menor que a quarta parte Med (min-max)	Médio Med (min-max)	U
Estimulação	Práticas	3,52 (1,75 – 4,5)	3,75 (3 -4,7)	155,00*
	Importância	3,45 (2,17 - 4,75)	3,8 (3 -5)	155,5*
Apresentação Apropriada	Práticas	4 (2,4 – 4,9)	4,5 (3,4 – 5)	154,5*
	Importância	4 (2,5 – 5)	4,5 (3,7 – 5)	147,5**
Responsividade e vínculo	Práticas	3,8 (1,6 – 4,8)	4 (2,4 – 5)	235,00
	Importância	3,6 (1,6 – 5)	4,2 (2,2 – 4,8)	192,00

Para melhor visualizar as relações entre as dimensões do HOME e das crenças e práticas de cuidado, foram realizadas análises de correlação utilizando os escores numéricos das subescalas do HOME (Tabela 20). A dimensão *Responsividade* do HOME, correlacionou-se com a dimensão práticas na *Estimulação* ($\rho=0,336$; $p<0,05$), crenças sobre *Estimulação* ($\rho=0,370$; $p<0,01$), crenças sobre *Apresentação* apropriada ($\rho=0,526$; $p<0,01$) e também crenças sobre *Responsividade* ($\rho=0,359$; $p<0,05$). Pode concluir a partir deste dado que quanto maior a *Responsividade* no HOME, mais a mãe afirma realizar práticas de *Estimulação* e dá maior importância à *Estimulação*, à *Apresentação* apropriada e à *Responsividade*.

Também foi possível verificar que a dimensão *Punição e Restrição* no HOME, correlacionou-se com as dimensões de práticas de *Responsividade* e vínculo ($\rho=0,332$; $p<0,05$) crenças na *Apresentação* apropriada ($\rho=0,313$; $p<0,05$) e crenças sobre *Responsividade e vínculo* ($\rho=0,334$; $p<0,05$). Este dado indica que quanto maior o escore na dimensão *Punição e Restrição* no HOME, mais a mãe faz e considera importante à *Responsividade e vínculo*, e também atribui importância à *Apresentação* apropriada. A

dimensão *Materiais* do HOME, correlacionou-se as dimensões prática de *Estimulação* ($\rho=0,474$; $p<0,01$), prática na *Apresentação* apropriada ($\rho=0,347$; $p<0,05$) e crenças na *Estimulação* ($\rho=0,408$; $p<0,01$). Conclui-se a partir deste dado que quanto mais *Materiais* disponíveis no ambiente familiar, mais a mãe realiza práticas de *Estimulação* e a *Apresentação*, e mais a mãe valoriza as práticas de *Estimulação*.

Ainda, a dimensão *Envolvimento* do HOME, correlacionou-se com as dimensões práticas na *Estimulação* ($\rho=0,313$; $p<0,05$), prática na *Apresentação* apropriada ($\rho=0,442$; $p<0,01$), crenças na *Estimulação* ($\rho=0,346$; $p<0,05$), crenças na *Apresentação* apropriada ($\rho=0,519$; $p<0,01$) e crenças na *Responsividade e vínculo* ($\rho=0,475$; $p<0,01$). Percebe-se através deste resultado que quanto mais *Envolvimento* da mãe com a criança no HOME, mais a mãe realiza práticas de *Estimulação* e *Apresentação*, e mais ela dá importância à *Estimulação*, à *Apresentação* e à *Responsividade*. A dimensão *Variedade* do HOME, correlacionou-se com as dimensões prática na *Estimulação* ($\rho=0,410$; $p<0,01$) e prática na *Apresentação* apropriada ($\rho=0,487$; $p<0,01$). O resultado indica que quanto maior a variedade na *Estimulação* diária no HOME, mais a mãe realiza práticas de *Estimulação* e *Apresentação* apropriada. Por fim, o escore total do HOME, correlacionou-se com as dimensões prática na *Estimulação* ($\rho=0,442$; $p<0,01$), prática na *Apresentação* apropriada ($\rho=0,398$; $p<0,01$), crença na *Estimulação* ($\rho=0,408$; $p<0,01$) e crença na *Apresentação* apropriada ($\rho=0,471$; $p<0,01$). A análise deste dado indica que quanto melhor a qualidade no ambiente familiar no HOME (escore total), mais a mãe realiza práticas de *Estimulação* e *Apresentação*, e mais a mãe atribui importância à *Estimulação* e a *Apresentação*.

Tabela 20. Relação entre as dimensões do HOME com as dimensões das crenças e práticas de cuidado.

	RESP	PR	ORG	MAT	ENVOLV	VAR	Escore HOME
Estimulação (Prática)	,336*	0,283	-0,091	,474* *	,313*	,410**	,442**
Apresentação (Prática)	0,278	0,207	-0,165	,347*	,442**	,487**	,398**
Responsividade (Prática)	0,156	,332*	-0,073	0,156	0,269	0,04	0,205
Estimulação (Crenças)	,370**	0,091	-0,157	,408* *	,346*	0,253	,408**
Apresentação (Crenças)	,526**	,313*	-0,211	0,267	,519**	0,158	,471**
Responsividade (Crenças)	,359*	,334*	-0,252	0,148	,475**	0,046	0,303

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$

5.6 Síntese dos Resultados

Pelo grande número de dados descritivos, relacionais e correlacionais existentes neste estudo, optou-se por retomar e sintetizar as informações a partir dos resultados descritos nos sistemas do nicho de desenvolvimento e entre estes, e a estratégia reprodutiva representando-as graficamente (Figura 3). Este procedimento possibilitou situar à direção empregada na discussão dos resultados. As informações utilizadas na figura estão descritas em cada um dos aspectos do nicho de desenvolvimento e da história reprodutiva das mães. Também se apresentam na figura as relações existentes entre o nicho de desenvolvimento e a caracterização da estratégia reprodutiva.

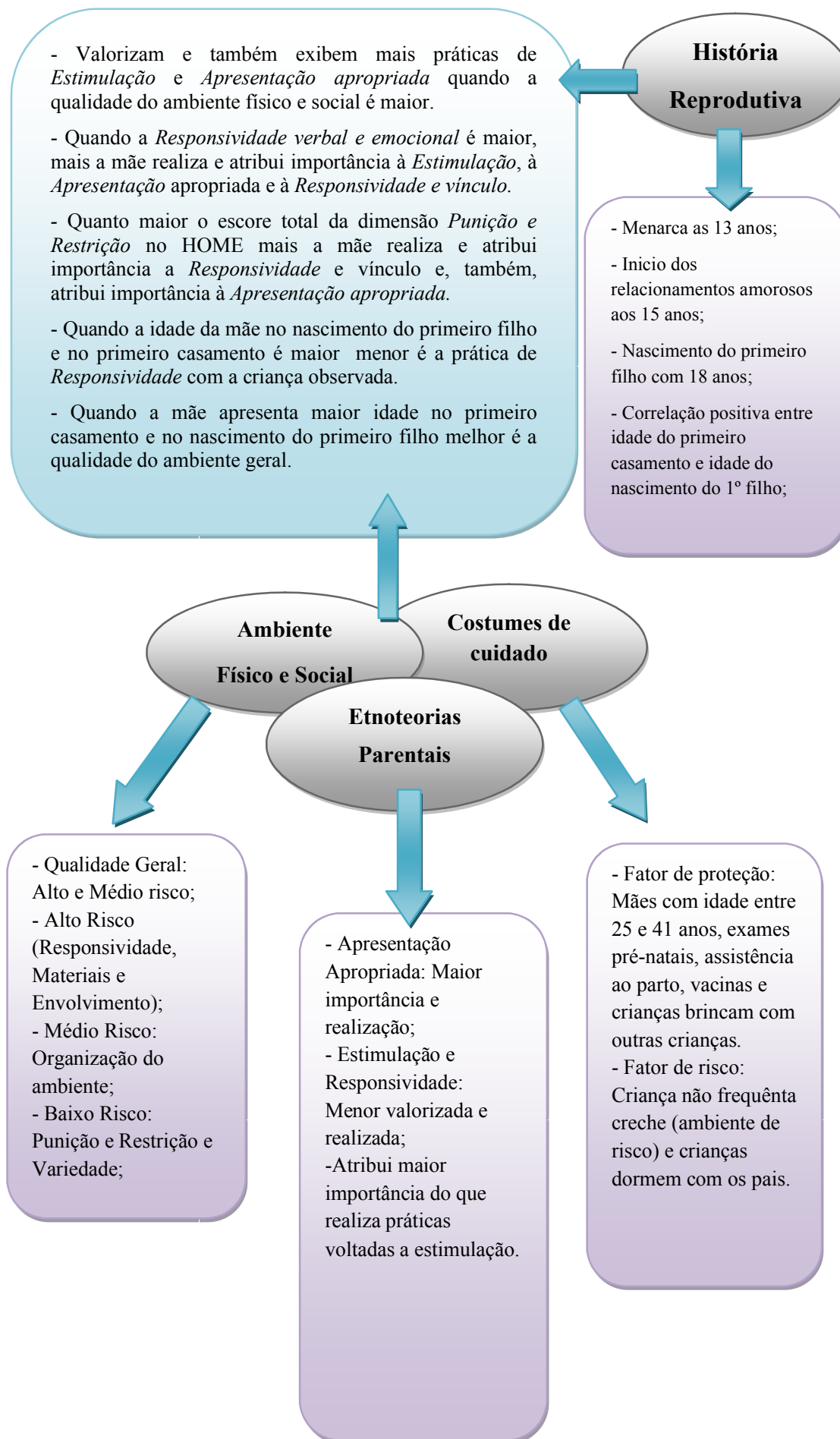


Figura 3: Síntese dos principais resultados

6. DISCUSSÃO

Investigar o ambiente familiar com suas crenças e práticas de cuidado e criação é uma forma de examinar aspectos culturais do nicho de desenvolvimento. Entretanto a cultura e as variáveis pessoais não são arbitrárias: elas devem estar relacionadas com estratégias de adaptação dos organismos, que, por sua vez, estão relacionadas com condições ecológicas específicas. Neste sentido, a Psicologia Evolucionista afirma que as condições ecológicas vigentes parecem estar ligadas aos padrões reprodutivos da mulher, sua história reprodutiva, e estes padrões, por sua vez, estão ligados a resultados no desenvolvimento das crianças. Com base nisso, este estudo buscou investigar o ambiente físico e social das famílias e as possíveis relações entre crenças, práticas de cuidados e costumes de criação estabelecidos dentro de um grupo específico e como estes se relacionam à história reprodutiva da mãe.

O presente estudo foi realizado em um ambiente que se apresentou como homogêneo, onde predominaram famílias de baixa renda e baixa escolaridade. Tal fenômeno contribuiu para verificar relações entre aspectos da história reprodutiva e as crenças e práticas de cuidados com seus filhos. Os itens abaixo estão descritos procurando e responder aos objetivos desta pesquisa,

6.1 Descrição da qualidade do ambiente familiar

Na primeira infância os principais vínculos bem como os cuidados e estímulos necessários ao crescimento e desenvolvimento infantil são fornecidos pela família. A qualidade do cuidado, nos aspectos físicos e afetivo-social, decorre de condições estáveis de vida tanto socioeconômicas quanto psicossociais (Zamberlan & Biasoli-Alves, 1996). Neste estudo, buscou-se caracterizar parte do nicho de desenvolvimento a partir da investigação do

ambiente físico e social das famílias com os instrumentos HOME e percepção da qualidade do ambiente familiar atual. Os resultados apontam que a escolaridade e idade da mãe influenciam na qualidade geral do ambiente familiar, ou seja, as mães com maior idade e maior escolaridade oferecem um ambiente mais favorável ao desenvolvimento de seus filhos.

No entanto, quanto ao companheiro da mãe observou-se apenas uma relação entre maior escolaridade e a disponibilidade de materiais. É possível apontar que a oportunidade de desenvolvimento educacional por parte dos progenitores reflete-se nas possibilidades de incremento em materiais dentro do ambiente familiar, possivelmente relacionado às oportunidades de melhor emprego e remuneração. Portanto existe uma forte relação entre escolaridade dos pais e idade da mãe na qualidade do ambiente familiar, sendo que mães com mais escolaridade e maior idade favorecem ambientes de proteção. Estudos verificaram a mesma associação entre escolaridade e renda com qualidade do ambiente familiar e descrevem que pais com maior escolaridade possuem mais conhecimento sobre a importância de estimular as crianças com materiais apropriados para sua idade (Martins, Costa, Saforcada & Cunha, 2004). Enfim, a escolaridade dos pais os auxilia no entendimento da complexidade do desenvolvimento infantil e a necessidade de contribuição e envolvimento nesse processo. Os pais se tornam mais conscientes da importância de sua contribuição para a qualidade do ambiente familiar.

Ao contrário de outros estudos, não foram verificadas quaisquer diferenças estatísticas em relação ao gênero das crianças observadas e a qualidade do ambiente. Por exemplo, o estudo de Bastos e Almeida (1990), realizado no Brasil, revelou que o sexo masculino estaria mais exposto a ambiente de riscos. Os meninos com idade média de quatro anos foram associados a ambientes negativos pelo fato de possuírem mais de quatro irmãos e de dormir com os pais. Contudo, no presente estudo, não houve relação entre o sexo da criança a ambientes de risco.

Desta forma, as informações acima descritas possibilitam classificar a maioria das famílias com ambiente de alto e médio risco, e nenhuma família foi classificada como de baixo risco. Na classificação por dimensões, constatou-se que tiveram maior contribuição na constituição de um ambiente familiar de risco as dimensões de *Responsividade*, *Materiais* e *Envolvimento*. Já aquelas que apresentaram maiores escores e, conseqüentemente, menor risco foram a *Restrição/punição* e *Variedade*. A dimensão classificada predominantemente como de médio risco foi *Organização* do ambiente.

Um aspecto importante nesta análise é que se mencione, além dos fatores que favoreceram a classificação da maioria das famílias em ambientes de risco, descrever os aspectos que, ao contrário, podem estar relacionadas aos ambientes de proteção e que se apresentaram nesta pesquisa. Afinal, mesmo em ambientes considerados de risco, como aqueles identificados anteriormente, existem fatores que auxiliem a criança no seu desenvolvimento.

Um exemplo é observado quando a mãe se ausenta da casa e a criança precisa ficar aos cuidados de outras pessoas. Nestes casos, os cuidadores sempre são vizinhos ou parentes da mãe. Desta forma a criança sempre permanece aos cuidados das mesmas pessoas. Mesmo em uma situação de descontinuidade com a mãe, outras pessoas relacionadas podem ser entendidas como fatores favoráveis ao desenvolvimento de vínculos afetivos e segurança da criança, pois o prejudicial seria a presença de estranhos como cuidadores. Outro fator importante que favorece ambientes de proteção é observado durante a entrevista. A mãe procura manter a criança em seu campo visual e conversar com ela durante o tempo todo. As respostas das mães mostram que esse tipo de atenção é uma prática frequente no cotidiano, dentro do ambiente de afazeres domésticos.

Também, na dimensão *Variedade* é possível verificar três elementos positivos: a participação do pai nos cuidados diários da criança, a saída para visitas familiares e a realização de, pelo menos, uma refeição conjunta dos cuidadores com a criança. A

participação do pai nos cuidados diários da criança foi considerada pela maioria das mães como práticas de cuidado. A mãe relata que o pai fornece todos os dias algum cuidado a seu filho, principalmente nas atividades de alimentar e hora de dormir.

O papel do pai tem sido discutido por autores do desenvolvimento infantil que consideram que a participação do pai fundamental no desenvolvimento de seus filhos apontando que cada um dos progenitores atua conjuntamente, mas de forma diferente nos cuidados de seus filhos. A mãe teria o papel de cuidadora principal sendo responsável pelos cuidados diários de alimentação e higiene e o pai participaria de forma indireta, contribuindo na harmonização da família, auxiliando para que a mãe se envolva mais afetivamente com seus filhos. Mas também o pai pode contribuir de forma direta se envolvendo nos cuidados básicos dos seus filhos, ou seja, se responsabilizando pela higiene, alimentação e hora de dormir, mantendo desta forma, um contato físico mais próximo e aumentando sua relação de vínculo com seus filhos (Bandeira, Vieira & Pontes, 2005; Crepaldi, Andreani, Hammes, Ristof & Abreu, 2006; Paquette, 2004). Neste estudo, o pai parece contribuir diretamente aos cuidados de seus filhos.

O outro aspecto positivo da análise da dimensão *Variedade*, revela que além de seu lar, as crianças frequentam outros espaços como as casas dos vizinhos, parentes e as ruas do bairro. Nestes espaços eles convivem com diferentes pessoas que não fazem parte de sua família nuclear, entre elas: as avós e os avôs, alguns tios, primos, e os amigos dos pais e os irmãos. As crianças também convivem em grupo de outras pessoas, com uma frequência menor, no qual podem ser incluídas quase todas as pessoas do distrito. Isto ocorre devido às relações de amizade e/ou familiar característicos de locais pequenos, como destacados neste estudo, que os tornam muito próximos. Esta rotina propicia à criança interações com outros adultos e crianças, e mesmo sendo pertencentes da mesma localidade, contribuem para o seu desenvolvimento social, além de oferecer à mãe um recurso muito importante para o cuidado

de seus filhos, uma rede de apoio onde cada um auxilia no cuidado das crianças, principalmente quando elas brincam na rua.

Importante também ressaltar que a dimensão que pontuou negativamente em todos os seus itens “*Materiais e estimulação no ambiente familiar*”, apresentou na análise estatística dos dados aspectos que podem favorecer o aumento da qualidade do ambiente, são eles: maior escolaridade da mãe, disponibilidade de maior número de cômodos na residência e quantidade menor de filhos. Os resultados indicam que mais escolarizadas e com menor número de filhos passam a valorizar mais a estimulação cognitiva e motora através de brinquedos apropriados a idade de seus filhos. Segundo Bastos e Almeida (1990), a variável “estimulação do ambiente” é considerada o fator de maior impacto sobre o desenvolvimento infantil. De acordo com os autores, quanto melhor a qualidade da estimulação disponível para a criança, melhor o seu desempenho cognitivo. Assim, avaliar a estimulação disponível para a criança dentro de uma determinada família pode fornecer elementos importantes para as políticas de saúde e educação a serem programadas pelos órgãos públicos. Nesse sentido a falta de informações sobre desenvolvimento infantil e a condições econômicas desfavoráveis parecem não promover melhores condições físicas do ambiente para o desenvolvimento das crianças. Afinal, é de se esperar que em famílias cuja condição financeira seja insuficiente haja dificuldade em prover à alimentação, o que pode dificultar o investimento em recursos dedicados a estimulação.

Para fins de síntese destacam-se como aspectos que contribuem para a classificação em ambientes de risco: a) a baixa escolaridade e menor idade da mãe; e b) baixa renda familiar. Por outro lado, os aspectos que contribuem para uma melhor qualidade do ambiente são: a) disponibilidade de maior número de cômodos na residência; b) quantidade menor de filhos; e c) a maior escolaridade do companheiro.

6.1.1 Percepção da qualidade do ambiente familiar atual

Estudos sobre os processos familiares indicam que a exposição da criança a ambiente de discórdia familiar compromete o seu desenvolvimento emocional, cognitivo e relacional (De Antoni & Koller, 2000; Fincham, 1994). Para também avaliar a qualidade do ambiente familiar, foi investigada a ocorrência de conflitos nas relações familiares. Na avaliação das mães, a qualidade dos relacionamentos em seu ambiente familiar atual e da vida conjugal foi, de modo geral, caracterizada como pouco conflituosa. A qualidade da relação da mãe com a criança observada foi considerada ainda menos conflituosa, e o relacionamento do pai com a criança observada foi apontado como muito bom pela mãe. No entanto foi possível verificar certa ambiguidade nas afirmações das mães, ao exemplificarem algumas das atribuições. Por exemplo, a participante relatava que o seu relacionamento conjugal era nada conflituoso, mas, ao exemplificar, descrevia seu cônjuge como violento em momentos de abuso do álcool, que ocorriam, em média, 3 vezes por semana, chegando muitas vezes a agredi-la fisicamente.

É possível perceber, a partir da análise deste dado, que as mães avaliam como satisfatório o seu relacionamento conjugal e, ao mesmo tempo, elas não conseguiram exemplificar momentos bons. Talvez, no processo da entrevista, devido a uma expectativa da mãe de avaliação depreciativa por parte do entrevistador, ela evitasse escolher a opção que realmente caracterizasse a condição atual, por constrangimento. Outra hipótese reside na possibilidade que, para as mães entrevistadas, o seu relacionamento conjugal é positivo pelo fato de ela se ver impossibilitada de assumir sozinha os cuidados com a família, mesmo convivendo com situações de violência doméstica. Entretanto as relações conflituosas no ambiente familiar, especialmente entre a mãe e o cônjuge, segundo Benetti (2006), podem prejudicar o desenvolvimento infantil, sendo provável que sejam mais determinantes na qualidade do ambiente do que a ausência de marido ou companheiro.

Portanto, mesmo que as mães afirmem ser seu ambiente familiar não-conflituoso, verificam-se, por meio do HOME, indícios de constantes brigas maritais, com escassez de recursos, tendência a baixo investimento parental em relação ao envolvimento, pouca disposição para investir em materiais e variedade de estimulação afetando a qualidade geral do ambiente, possivelmente insatisfatório para a mãe e a criança. No entanto, para avançar no entendimento das possibilidades dos conflitos conjugais influenciarem negativamente o desenvolvimento das crianças, seria necessária uma investigação mais detalhada do assunto. Dever-se-ia avaliar, além da percepção da mãe, a percepção do pai e, posteriormente comparando os resultados com a análise do desenvolvimento infantil, poder-se-ia verificar mais profundamente as relações a partir do uso de instrumentos que possam medir a relação dos conflitos conjugais e as consequências no desenvolvimento infantil.

6.2 Caracterização das crenças e práticas de cuidados maternas

Investigar relações entre o que pensam e o que fazem mães na criação de seus filhos tem sido de fundamental importância para entender como a cognição afeta o comportamento e promove consequências naqueles diretamente envolvidos. Os dados desta pesquisa permitem comparar as práticas de cuidado que são efetivamente realizadas e a importância atribuída a elas pelas mães com seus filhos, assim como verificar se há relação entre crenças e práticas com os dados sociodemográficos da família.

Os resultados indicaram que as mães atribuem maior importância para as práticas pertencentes primeiramente à dimensão *Apresentação apropriada*, seguida pela *Estimulação* e, por último, pela dimensão *Responsividade e vínculo*. Resultados semelhantes foram encontrados por Ruela (2006) na sua pesquisa a respeito de crenças sobre práticas de cuidado parental, realizadas com mães e avós, e por Piovanotti (2007), que investigou crenças maternas sobre práticas de cuidado parental e metas de socialização e verificou que

as mães menos escolarizadas passam a valorizar mais as práticas voltadas para os aspectos do controle disciplinar rígido e da apresentação social, como, por exemplo, bater na criança quando fizer algo errado ou ensiná-la a não chorar em público.

Na dimensão *Apresentação apropriada*, as mães atribuem mais importância e realizam mais práticas voltadas a esta dimensão. Alguns autores (Piovanotti, 2007; Ruela, 2006) enfatizam que, em população de baixa renda e escolaridade, as práticas de cuidados são mais relacionadas à forma como a criança é apresentada à sociedade. Neste estudo, é possível discutir esta afirmação por meio dos itens mais pontuados pelas mães quanto a importância atribuída a “*Ensinar a criança a se comportar fora de casa*” e a frequência de realização “*Dar banho todos os dias*” da dimensão *Apresentação apropriada*, ou seja, as mães tanto atribuem importância às práticas de cuidado relacionadas à apresentação da criança ao público como as realizam com mais frequência.

Quanto à dimensão *Estimulação*, percebe-se que as mães em geral atribuem grande importância, mas não realizam práticas voltadas à estimulação cognitiva e motora de seus filhos. Valorizar mais do que efetivamente realiza práticas de *Estimulação* também foi confirmado em pesquisa realizada por Sachetti (2007) com mães da capital e do interior. A autora verificou que as mães do interior também os valorizaram significativamente, mais do que, de fato, os realizaram práticas voltadas a *Estimulação*. Um ponto que merece atenção neste estudo é o fato da escolaridade do companheiro ser um aspecto importante para a frequência da prática de estimulação da mãe com seu filho. A escolaridade da mãe apresentou apenas uma tendência. Aparentemente a mãe realiza mais práticas de “*Estimulação*” quando o pai possui maior escolaridade.

Tomando como referência o estudo realizado por Sachetti (2007), descrito anteriormente, a escolaridade da mãe também não se relacionou positivamente a prática de “*Estimulação*” para a amostra do interior estudada por ela. No entanto, não é possível comparar os resultados deste estudo com de Sachetti (2007), devido a caracterização da

amostra de interior se diferenciar da amostra urbana, apresentada neste estudo. Por outro lado, vários autores afirmam que a escolaridade materna, indiferente da amostra (urbana ou interior) tem impacto sobre o desenvolvimento cognitivo de crianças por meio de fatores como organização do ambiente, experiências com materiais para estimulação cognitiva e variação da estimulação diária (Bradley & Corwyn, 2002; Piovanotti, 2007). Possíveis razões apontadas nas diferenças encontradas entre as duas amostras, interior e urbano da pesquisa de Sachetti (2007) sugerem que escolaridade é uma variável que deve ser compreendida em sentido amplo e possivelmente está associada a um ambiente com oportunidades culturais. Neste estudo, a escolaridade da mãe parece não influenciar nas práticas de “*Estimulação*”, mas a escolaridade do pai influencia. Apontam-se diferenças nos resultados das análises que considera a escolaridade materna como uma variável significativa no aumento da qualidade do ambiente familiar e ao contrário, não se mostrou relevante na prática de “*Estimulação*”. Uma possível explicação para esta discrepância pode ser atribuída a alguma variável, não contemplada pelo pesquisador, que possa explicar com propriedade este resultado teoricamente incoerente.

Por fim, na dimensão *Responsividade* e vínculo, houve também uma diferença entre o que pensam e o que fazem as mães em relação aos cuidados de seus filhos. Elas dizem realizar mais práticas voltadas à *Responsividade* e vínculo do que atribuem importância. No entanto, as mães tanto acreditam ser importante como também fazem com mais frequência a prática relacionada ao item “*Desenvolver uma ligação afetiva forte com o bebê*”. Outros itens que favorecem o incremento da dimensão como prática mais frequente são: “*Pegar o bebê no colo logo que ele comece a chorar*” e “*Ser muito tolerante com a criança*”. Tais práticas parecem favorecer uma ligação mais afetiva da mãe com seu filho à medida que ela mantém um contato mais próximo com seu filho, tanto físico como emocional.

Os resultados descritos acima se mostram consoantes com a literatura da área que aponta relação entre o que pensam e o fazem pais na criação de seus filhos (Harkness & Super, 1992; Kobarg, 2006; Prado, 2005; Ruela, 2006). Mas também os resultados apontam que as crenças dos pais sobre o que é importante na criação de seus filhos nem sempre é semelhante à forma como eles agem. Por exemplo, neste estudo, as mães atribuem mais importância do que realiza práticas voltadas a estimulação. Ao contrário, as mães dizem realizar mais práticas voltadas a responsividade do que atribuem importância a ela. Sendo assim, entende-se que as características do ambiente físico e social que é organizado para a criança, as crenças das pessoas que cuidam dela e os comportamentos de cuidado efetivamente realizados, articulados entre si, formam o contexto de desenvolvimento onde a criança está inserida e podem influenciar na escolha das estratégias de criação dos pais com seus filhos.

6.3 Costumes de cuidado

6.3.1 Práticas de criação das mães com seus filhos

Na espécie humana, a mãe é quem fornece, nos primeiros anos, os cuidados essenciais para a sobrevivência da criança. A experiência com os cuidadores primários tem efeito duradouro sobre as esferas mentais e emocionais de seus filhos. De acordo com Bussab (2002), as crianças nascem “prontas para aprender”, como verdadeiras “esponjas” de assimilação ativa do mundo social afetivamente ativo à sua volta. Assim, as práticas de criação que as mães utilizam com seus filhos são componentes do nicho de desenvolvimento da criança e podem ter influência sobre seu crescimento e desenvolvimento.

Algumas práticas de cuidado foram investigadas neste estudo com o objetivo de caracterizar parte do nicho de desenvolvimento. Os dados mostram que todas as mães relatam ter feito os exames pré-natais, terem recebido assistência no parto e vacinado seus

filhos. Provavelmente este resultado se deve ao acesso fácil das famílias ao posto de saúde do bairro, que atende exclusivamente a população estudada. Outra prática utilizada pelas mães foi em relação à amamentação. De acordo com metade das entrevistadas, o tempo de amamentação foi acima de seis meses, sendo que nenhuma mãe declarou não ter amamentado.

Sobre a amamentação, estudiosos do desenvolvimento infantil enfatizam que o contato físico tem papel relevante na manutenção do vínculo entre a mãe e o bebê (Vieira & Prado, 2004). De acordo com os autores, na espécie humana, os filhos são dependentes do leite materno. No entanto ele possui baixo teor de gordura e proteínas, se comparado a outras espécies de animais (veado, cães e cabras). Isso explica por que os bebês necessitam mamar em intervalos muito curtos quando recém-nascidos e diminuem esse intervalo com o passar do tempo. Provavelmente, a proximidade física necessária para amamentação é um dos fatores responsáveis pela manutenção do vínculo mãe-bebê, que foi selecionado ao longo da evolução da espécie. Além disso, existem aspectos reforçados culturalmente em políticas de saúde pública e de costumes de criação.

Devido à idade das crianças e ao fato de as mães entrevistadas não trabalharem, é possível verificar, também, que a maioria das crianças não frequenta creche, permanecendo a maior parte do dia junto com suas mães e ainda, dormem na mesma cama com seus pais, este pelo fato da residência ser pequena e o número de pessoas na casa ser elevado. Também as mães relatam que seus filhos brincam com outras crianças.

Portanto, nas práticas de criação das mães entrevistadas, é possível apontar fatores que favorecem o ambiente de risco e outros que ao contrário, auxiliam em ambientes de proteção. Os exames pré-natais, assistência no parto, vacinas, e brincadeiras com outras crianças, associam-se a ambientes de proteção. Ao contrário, a criança ainda dormir junto com os pais e a permanência dela em casa o dia todo podem ser discutidos com base em ambientes de risco. Estudos mostram que em ambientes “negativos” há prevalência de

crianças que dormem junto aos pais (Martins, Costa & Saforcada, 2004). Por outro lado, esta conduta segundo Ruela (2006) parece fortalecer os laços afetivos e familiares, à medida que promove proximidade, cuidado e dedicação entre pais e filhos. Pela grande maioria das famílias serem classificadas como ambiente de risco, o fato das crianças permanecer a maior parte do tempo em casa, sem frequentar a creche, sugere-se que ela fica exposta por período integral a ambientes de risco.

6.4 Caracterização da história reprodutiva da mãe

Aspectos da história reprodutiva das mães, como idade fértil, iniciação sexual, idade do nascimento do primeiro filho, podem informar sobre o tipo de estratégia reprodutiva e, ainda, sobre a quantidade e qualidade de investimento parental na prole, segundo a teoria da história de vida. Neste sentido, a “biografia” reprodutiva da mulher pode influenciar a cognição e comportamento dela na criação de seus filhos. Segundo Lordelo et al. (2006), o ciclo vital dos indivíduos como um todo está ligado aos seus interesses reprodutivos, e as condições ecológicas em que eles vivem afetam suas estratégias, concebidas na dimensão quantidade/qualidade.

De acordo com Lordelo et al. (2006), diferenças entre os indivíduos permitem caracterizá-los em dois aspectos prototípicos de trajetórias desenvolvimentais. O primeiro estilo caracteriza o indivíduo que, na infância, experimenta um ambiente de escassez de recursos, com baixo investimento parental e clima familiar insatisfatório; o segundo descreve o indivíduo que, ao contrário, vivendo uma situação de abundância de recursos, experimenta um alto investimento parental e um clima familiar positivo.

Além de consequências psicológicas nas relações de apego entre criança e pais, os dois tipos de experiências levariam à diferença no início da puberdade, sendo que o primeiro grupo amadureceria mais cedo e adotaria uma estratégia reprodutiva mais quantitativa, ou

seja, mais filhos com menos espaçamento entre eles e menor investimento parental (Moffit, Caspi, Belsky & Silva, 1992).

Em geral, as mães tiveram a menarca por volta dos 13 anos de idade, começaram a namorar aos 14 anos, sendo que a idade média da primeira relação sexual foi aos 15 anos, do primeiro casamento aos 18 anos e o nascimento do primeiro filho ocorreu quando elas eram ainda adolescentes. Ainda, foi possível verificar que a média de filhos é relativamente alta para a idade das mães. Fica evidente que o início da atividade sexual das mães entrevistadas teve início paralelamente a idade da menarca, sugerindo uma relação entre calendário maturacional e início da reprodução. Estes resultados são parcialmente encontrados em outras pesquisas que estudaram a história reprodutiva de mulheres em amostras brasileiras e internacionais (Lordelo et al., 2006; Moffit, Caspi, Belsky, & Silva, 1992; Vieira, Silveira, Vieira & Prado, artigo submetido para publicação), sugerindo que o estilo reprodutivo pode ser caracterizado como quantitativo (mais filhos, menor espaçamento entre os nascimentos, mais parceiros, menor idade na primeira relação sexual e baixo investimento parental).

No entanto, neste estudo, a quantidade de parceiros sexuais da mãe até o momento da entrevista correlacionou-se negativamente ao número de casamentos. Possíveis razões para a discrepância entre os resultados deste estudo com os de pesquisas anteriores podem ser explicadas com base no contexto onde as mães estão inseridas. Uma possibilidade de explicação poderia ser descrita pela caracterização e localidade da população. Em geral o contato entre a comunidade e outros locais é restrito pela distância entre eles e pela falta de acesso aos meios de comunicação (telefone, computador, internet). Desta forma, as pessoas que convivem neste ambiente, relacionam-se basicamente com os do seu grupo, o que levaria as mulheres a um número reduzido de parceiros sexuais. Outra possibilidade deve-se ao fato das mães não terem informado corretamente o número de parceiros.

Outro dado importante é observado nas relações entre as variáveis da história reprodutiva. A maior idade da mãe na primeira união conjugal apresentou uma correlação positiva com a idade mais tardia no nascimento do primeiro filho. Por sua vez, o número de filhos correlacionou-se negativamente à idade da mãe no primeiro casamento, indicando que quanto maior a idade das mães no primeiro casamento, menos filhos elas tiveram ao longo de sua história reprodutiva confirmando situações em que a estratégia adotada seria qualitativa.

Um dado interessante é observado entre o desejo e o planejamento das mães em ter mais filhos. Em sua maioria, as respondentes declaram não planejar mais ter filhos, e o motivo relacionado é, em geral, baixa condição financeira. Entretanto elas relatam que gostariam de voltar a ter filhos. Parece haver uma diferença entre o planejamento das mães e a vontade delas em ter mais filhos. Apesar deste resultado, segundo Keller e Chasiostis (no prelo) o sucesso reprodutivo é a meta última das estratégias de vida humana, nas quais os indivíduos necessitam selecionar a alternativa comportamental que promova melhor resultado reprodutivo dentro das condições ecológicas presentes. Estudos neste âmbito discutem a relação entre condições socioeconômicas da mãe e a estratégia reprodutiva dela (Lordelo et al., 2006, Vieira, Silveira, Vieira & Prado, artigo submetido para publicação). Assim, neste estudo, as condições ecológicas atuais da mãe poderiam influenciar o número de filhos que elas planejavam ter, mas não o que elas desejariam ter, mesmo percebendo as condições econômicas adversas ao aumento do número de filhos.

Contrariamente a resultados encontrados em outros estudos, na análise estatística deste estudo, não foram verificadas correlações significativas entre as variáveis da história reprodutiva e a escolaridade e renda da mãe. Uma explicação possível para este dado pode ser devido à homogeneidade da amostra. Como todas as participantes apresentam as mesmas características, o teste de correlação não conseguiu verificar diferenças, já que as comparações são realizadas entre grupos.

Portanto os resultados encontrados sugerem uma explicação que apontam uma sequência de relações entre eventos em diferentes momentos do ciclo vital, afetados pelas condições ecológicas vigentes, como verificadas nos dados deste estudo. Desta forma, com base na análise dos dados e o referencial teórico da psicologia evolucionista, é possível caracterizar a estratégia reprodutiva da maioria das mães como quantitativa. No entanto para avançar nas explicações a respeito das relações entre condições ecológicas da mãe e estratégia reprodutiva seria necessária uma investigação das situações vivenciadas pela mãe na sua infância (conflitos familiares, condições socioeconômicas, etc.). Contudo, destaca-se que o ambiente de criação da mãe daria, do mesmo modo, indícios quanto à estratégia reprodutiva adotada. É possível inferir, a partir dos dados socioeconômicos analisados nesta pesquisa, que as mães podem, do mesmo modo que seus filhos ter experimentado um ambiente de escassez de recursos, pois ainda o vivenciam, e baixo investimento parental.

De acordo com Lordelo et al. (2006), os indivíduos que experimentam ambientes como descritos anteriormente, escolhem inconscientemente uma estratégia reprodutiva quantitativa, apresentando puberdade precoce, idade do nascimento do primeiro filho ainda na adolescência, maior número de filhos com espaçamento menor entre eles, e, conseqüentemente, menor investimento parental. O que é mantido por Belsky, Steinberg e Braper (1991) também, ao afirmar que a puberdade precoce pode ser, sob algumas circunstâncias, parte de uma estratégia reprodutiva que enfatiza a reprodução precoce e quantitativa em ambientes estressantes ou em situações em que o macho está comprometido e o investimento paterno não é esperado. Essa maximização da prole pode ocorrer por meio de um aumento no número de parceiros, limitação do investimento parental e a extensão do período reprodutivo ao longo do curso da vida, quando a menarca ocorre mais cedo (Hoier, 2003), como verificado em alguns aspectos no contexto estudado, mencionado nesta sessão.

6.5 Relações entre os subsistemas do Nicho de Desenvolvimento e destes com a História Reprodutiva da mãe

Os resultados finais deste estudo podem ser vistos com base nas relações existentes entre os componentes do nicho de desenvolvimento que envolve o ambiente físico e social, as etnoteorias parentais em seus três aspectos: 1, metas de socialização; 2, crenças sobre desenvolvimento; e 3, crenças sobre práticas de cuidado, e o último sistema, os costumes de criação. No entanto, em relação as etnoteorias o presente estudo centra-se no terceiro aspecto do modelo: Ideias sobre práticas de cuidados e as práticas maternas, especificamente em relação à primeira infância. Procurou-se, também caracterizar a história reprodutiva das mães buscando possíveis relações entre este e o nicho de desenvolvimento,

É possível perceber que as mães valorizam e também exibem mais práticas de *Estimulação e Apresentação apropriada* quando a qualidade do ambiente físico e social é maior. Portanto, nos ambientes onde existe uma variedade maior de materiais, as mães realizam com mais frequência práticas de estimulação, pela disponibilidade destes recursos no seu ambiente.

Igualmente, quando a *Responsividade verbal e emocional* é maior, mais a mãe realiza e atribui importância à *Estimulação*, à *Apresentação* apropriada e à *Responsividade e vínculo*. Verificou-se também, que quanto maior o escore total da dimensão *Punição e Restrição* no HOME mais a mãe realiza e atribui importância a *Responsividade* e vínculo e, também, atribui importância à *Apresentação apropriada*.

Contudo, os aspectos dos sistemas do nicho de desenvolvimento aparecem relacionados a aspectos da história reprodutiva das mães, indicando que as condições ecológicas vigentes parecem estar ligadas aos padrões reprodutivos da mulher, e estes padrões, por sua vez, estão ligados a resultados no desenvolvimento das crianças.

Desta forma, alguns aspectos relacionados da história reprodutiva da mãe com as crenças e práticas de cuidado podem ser destacados. Percebe-se que quando a idade da mãe no nascimento do primeiro filho e no primeiro casamento é maior menos ela realiza prática de *Responsividade* com a criança observada.

Outro resultado observado a partir da relação entre a qualidade do ambiente familiar e a história reprodutiva das mães é a organização do ambiente geral. Quando a mãe apresenta maior idade no primeiro casamento e no nascimento do primeiro filho, a qualidade geral do ambiente tende a melhorar. Fica evidente a relação entre a maior idade da mãe no nascimento do primeiro filho, ou seja, a criança terá um ambiente com mais qualidade, quando a mãe tiver mais idade. Embora a estratégia reprodutiva das mães estudadas seja predominantemente quantitativa, é a estratégia qualitativa que apresentou diferenças significativas para a melhora da qualidade do ambiente familiar da criança, sendo a primeira a indicar ambiente de risco para o desenvolvimento da mesma. Esses dados são consoantes com outros resultados de pesquisas neste âmbito que enfatizam a estratégia reprodutiva quantitativa a baixos recursos de investimento parental (Geary & Flinn, 2001; Hrdy, 2001; Voland, 1998), ou seja, quando a progênie é grande a mãe terá menos recursos para investir na qualidade do ambiente em termos de materiais e estimulação, pois despende energia para garantir a sobrevivência de seus filhos em termos de cuidados primários como a alimentação (Prado & Vieira 2003). Desta forma, as características da estratégia reprodutiva quantitativa podem interferir na dinâmica do cuidado parental e na alocação de tempo e recursos que os cuidadores dispõem aos seus filhos. Sendo que mães muito jovens poderiam estar associadas a ambientes com baixos recursos físicos no ambiente.

Importante apontar que as estratégias adotadas não ocorrem ao acaso, mas que fatores das condições ecológicas da vida do indivíduo são elementos que exercem influência direta sobre essas escolhas, ou seja, o ambiente estaria relacionado com a estratégia reprodutiva adotada. A partir desses resultados, fica evidente a importância do investimento

no cuidado parental na infância, pois é nesse período que o indivíduo tem a oportunidade de acurar o potencial reprodutivo que repercutirá na qualidade do ambiente futuro de seus filhos (Hill e Kaplan, 1999; Quinlan, 2003; Lordelo et al., 2006).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa a busca se deu em torno do objetivo de caracterizar o nicho de desenvolvimento da criança avaliando parte do ambiente físico e social, as crenças sobre práticas de cuidado e os costumes de cuidado das mães com seus filhos. Procurou-se, igualmente, caracterizar a história reprodutiva das mães buscando relacionar ao nicho de desenvolvimento, buscando possíveis relações que pudessem auxiliar na compreensão dos aspectos envolvidos no comportamento parental. Nos primeiros anos de vida da criança é fundamental que os cuidadores propiciem um ambiente que a estimule tanto cognitivamente como também ofereça um clima familiar afetivo, contribuindo assim, para a formação intelectual e emocional de seus filhos. No geral as pessoas não analisam os impactos de suas crenças sobre suas ações. No entanto é sabido que o sistema de crenças e valores possui forte influência sobre nossos comportamentos. Segundo Harkness e Super (1996), as crenças estão implícitas na experiência da vida diária que os pais tem com sua própria criança e resultam da sua história de interação e da cultura acumulada na comunidade ou grupo de referência. Suizzo (2002) afirma que os padrões e valores culturais constituem deste modo, um elemento essencial do ambiente, no qual os pais criam seus filhos e se manifestam tanto nos comportamentos e costumes da interação social, quanto nas representações, metas e crenças parentais. Portanto, a forma como os pais organizam o ambiente físico e social e as práticas de cuidados utilizadas por eles com seus filhos fazem parte do complexo sistema de crenças dos cuidadores que resultam da sua história de interação individual com a cultura onde vivem.

A partir dos resultados, foi possível caracterizar o nicho de desenvolvimento da criança em seu aspecto físico e social como um ambiente de risco. Constatou-se que a baixa escolaridade e mães muito jovens influenciam negativamente na qualidade geral do

ambiente familiar. Por outro lado, quando a mãe possui maior escolaridade e idade, demonstra ser mais responsiva. A escolaridade e renda também parecem influenciar a forma como os pais pensam e agem na criação de seus filhos. Os resultados apontam que as mães com baixa escolaridade e baixa renda familiar tanto valorizam como também utilizam mais práticas de apresentação apropriada do que na estimulação. No entanto, a escolaridade materna não se mostrou associada a prática de estimulação. Diversos estudos tem demonstrado a importância do contexto sociocultural e das variáveis sociodemográficas, em especial a escolaridade, como preditores de crenças parentais, e dentre estes se destacam os estudos internacionais (Keller, 2002a; Leyendecker et al., 2002; Miller & Harwood, 2001; Suizzo, 2002) e nacionais (Kobarg, 2006; Piovanotti, 2007; Ruela, 2006)

No entanto, outros estudos mostram a influência da estratégia reprodutiva na qualidade do ambiente familiar (Geary & Flinn, 2001; Hrdy, 2001; Lordelo et al., 2006; Volland, 1998). Uma das hipóteses dos autores que assumem esta perspectiva está baseada no fundamento de que o sucesso reprodutivo é a meta última das estratégias de vida humana, nas quais os indivíduos necessitam selecionar a alternativa comportamental que promova melhor resultado reprodutivo dentro das condições ecológicas presentes do indivíduo (Keller & Chasiotis, no prelo). Entretanto, segundo os autores, a reprodução individual não é o “produto final” da evolução, mas reflete o padrão específico da espécie quanto às fases distintas de desenvolvimento, ou seja, ao período de vida que corresponde à fase bebê, infância, adolescência, idade adulta e velhice. Entende-se que os recursos podem ser colocados no crescimento e desenvolvimento ou na reprodução, e podem ser físicos (comida), sociais (acasalamento) ou emocionais (cuidado parental). Portanto, uma progênie grande aumenta o sucesso reprodutivo e uma prole pequena seria mais adequada quando as condições do progenitor e os recursos do ambiente são limitados. No entanto, percebe-se

que, por vezes, a falta de recursos do ambiente faz com que o indivíduo opte³, devido ao sucesso reprodutivo, a uma progênie em termos quantitativos, ou seja, com maior número de descendentes.

Na caracterização da história reprodutiva das mães, foi possível perceber relações positivas entre início da menarca e o início das relações amorosas e do nascimento do primeiro filho das mães, ou seja, mães que iniciaram a menarca com idade aproximada dos 13 anos, também começaram a namorar, tiveram sua primeira relação sexual e engravidaram com idade aproximada de 15 anos. A partir dos resultados deste estudo e com base na teoria da história de vida, é possível caracterizar a estratégia reprodutiva das mães como quantitativa. No entanto, ao contrário de outros estudos, não há evidências empíricas que relacionem a baixa escolaridade e baixa renda aos dados da história reprodutiva das mães neste estudo. A exemplo, pode-se citar a pesquisa realizada por Vieira, Silveira, Vieira & Prado (submetido a publicação) que encontraram relação positiva entre a maior escolaridade e maior níveis de renda com a estratégia reprodutiva qualitativa das mães. Neste estudo, devido à falta de obtenção de informação sobre condições vivenciadas na infância da mãe, as análises se restringiram aos dados sociodemográficas atuais, não permitindo análises mais aprofundadas das relações entre a estratégia reprodutiva e condições vivenciadas na infância. Contudo, a escolaridade amplia a consciência da mulher sobre si mesmo e a sua consciência sobre as necessidades afetivas sentimentais, que envolvem a escolha de companheiros e de controle reprodutivo.

Fica evidente a importância em ampliar estudos que venham a investigar aspectos filogenéticos em relação com o comportamento parental e, por conseguinte, no desenvolvimento infantil.

³ Nesse caso, o termo “opte” não consiste de um processo logicamente consciente, como se poderia pensar pelo sentido da palavra. Na verdade é consequência de um processo em função de inúmeros fatores biológicos, ecológicos, sociais etc.

Os resultados do presente estudo vem se somar aos dados da literatura nacional como uma contribuição para a caracterização sociodemográfica das mães brasileiras e para a compreensão de suas crenças acerca de práticas de cuidado (Piovanotti, 2007; Ruela 2006; Ruela & Seidl de Moura, 2007; Vieira, Seidl de Moura, Lordelo, Piccinnini, Martins, Macarini, et al., no prelo), bem como sobre a influencia da estratégia reprodutiva das mães no comportamento parental (Lordelo, Chalhub, Guirra, & Carvalho, 2007).

Entretanto destaca-se as limitações do estudo para a dificuldade na generalização dos resultados, considerando que o mesmo investigou uma amostra relativamente pequena proveniente de um contexto brasileiro, não foi possível a comparação entre grupos, caracterizando a amostra a certa homogeneidade. Por outro lado, esta característica foi positiva à medida que possibilitou a descrição de uma população em específico. Outras limitações deste estudo são identificadas no instrumento de crenças e práticas de cuidado. O acesso às crenças de uma pessoa é sempre indireto, mediado pelo relato verbal. Assim, todos os resultados foram baseados em respostas das mães, em crenças sobre práticas e não em observações das práticas efetivamente realizadas. Embora os instrumentos sejam elaborados levando isto em consideração e vários instrumentos combinados tenham sido aplicados, a questão da expectativa social do participante em relação ao entrevistador no momento de responder as questões tem que ser assinalada. Outra dificuldade reside na aplicação do mesmo instrumento em suas escalas de “*Likert*”. Em muitos momentos fica difícil conseguir representar o nível de concordância exposta em números, principalmente no que diz respeito às crenças sobre os comportamentos, mesmo utilizando a figura da escada, utilizada neste estudo.

Por fim, destaca-se uma dificuldade tanto na aplicação como na análise dos resultados obtidos através do HOME. Este instrumento não possui validação para o contexto brasileiro, o que pode trazer diferenças no entendimento de ambientes no Brasil quando comparados com outros contextos, ou seja, a realidade no local onde o HOME foi

desenvolvido pode avaliar a quantidade ou qualidade de certas variáveis presentes no ambiente familiar e caracterizar o mesmo ambiente como de risco. No entanto, pensando em outros contextos, por exemplo, no Brasil, as mesmas variáveis podem caracterizar o ambiente com de proteção. Nesse sentido, sugere-se estudos que possam contribuir para a validação de instrumentos que avaliem a qualidade do ambiente familiar no contexto brasileiro.

Enfatiza-se a necessidade de mais estudos que possam investigar a forma como pais cuidam de seus filhos e as consequências para o desenvolvimento infantil, visto que, muitos dos estudos neste aspecto, investigam o ambiente, as crenças e as práticas de cuidados parentais, havendo poucos dados empíricos que investigam as consequências do cuidado parental no desenvolvimento infantil.

Por fim, a compreensão das variáveis que influenciam as crenças parentais em diversos contextos, bem como dos efeitos que estas exercem sobre os cuidados parentais e dos efeitos deste sobre o desenvolvimento infantil, podem auxiliar no melhor planejamento de políticas educacionais tanto em âmbito formal como em âmbito familiar.

8. REFERÊNCIAS

- Andraca, I., Pino, P., La Parra, A., Rivera, F., & Castilo, M. (1998). Risk factors for psychomotor development among infants born under optimal biological conditions. *Revista de Saúde Pública, 32*, 138-147.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Bandeira, M. G. E., Vieira, M., & Pontes, F. (2005). O cuidado parental e o papel do pai no contexto familiar. Em F. A. R. Pontes, C. M. C. Magalhães, R. S. C. Brito & W. L. B. Martin (Orgs.), *Temas pertinentes à construção da Psicologia contemporânea* (pp 191-230). Belém: Edufpa.
- Bastos, A. C. S., & Almeida, N. M. (1990). Variables económicosociales, ambiente familiar y salud mental infantil en un área urbana de Salvador (Bahía), Brasil. *Acta Psiquiátrica y Psicológica de América Latina, 36*, 147-154.
- Baum, W. (2006) *Compreender o Behaviorismo: ciência, comportamento e cultura*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed.
- Belsky, J., Steinberg, L., & Draper, P. (1991). Childhood experience, interpersonal development, and reproductive strategy: an evolutionary theory of socialization. *Child Development, 62*(4), 682-685.
- Benetti, S. P. C. (2006). Conflito Conjugal: impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 19*(2), 261-268.
- Bornstein, M. H., Tamis-LeMonda, C. S., Parcuál, L., Haynes, O. M., Painter, K. M., Galperín, C. Z., & Pêcheux, M. G. (1996). Ideas about parenting in Argentina, France, and the United States. *International Journal of Behavioral Development, 19*, 347-367.
- Bradley, R. H., & Corwyn RF. (2002). Socioeconomic status and child development. *Annual Review Psychology, 53*, 371-99.
- Bussab, V. S. R. (2000). Fatores hereditários e ambientais no desenvolvimento: a adoção de uma perspectiva interacionista. *Psicologia Reflexão e Crítica, 13*, 233-243.

- Bussab, V. S. R. (2002) Resenha do livro Mãe Natureza. *Interação em Psicologia*, 6(1), 117-123.
- Caldwell, B. M., & R. H. Bradley. 1984. *Home Observation for Measurement of the Environment*. Little Rock, Ark.: University of Arkansas.
- Cole, M., & Cole, S. (2003). *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed.
- Crepaldi A. M., Andreani G., Hammes S. P., Ristof D. C. I, Abreu R. S. (2006). A participação do pai nos cuidados da criança segundo a concepção de mães. *Psicologia em Estudo*, 11(3).
- Darwin, C. *Origem das Espécies*. (1871/1985). São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo.
- Davis, J. N., & Daly, M. (1997). Evolutionary theory and the human family. *The Quarterly Review of Biology*, 72, 407-435.
- De Antoni, C., & Koller, S. H. (2000). A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. *Estudos de Psicologia*, 2, 347-381.
- Dessen, M. A. (2005). Construindo uma ciência do desenvolvimento humano: passado, presente e futuro. Em M. A. Dessen & A. L. Costa Junior (Orgs.), *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras*. Porto Alegre: Artmed.
- Fincham, F. D. (2003). Marital conflict: Correlates, structure and context. *Current Directions in Psychological Science*, 12, 23- 27.
- Geary, D. C.; Flinn, M. V. (2001). Evolution of human parental behavior and human family. Parenting: Science and Practice, 1, (1/2), 5-61.
- Gil, A. C. (1991). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Harkness, S., & Super, C. (1992). Parental ethnotheories in action. Em J. E. Sigel, A. V. McGillicuddy, & J. J. Goodnow, Parental belief systems: The psychological consequences for children (2 ed., pp. 373-391). Hillsdale: LEA.

- Harkness, S., & Super, C. M. (1994). The developmental niche: A theoretical framework for analyzing the household production of health. *Social Science & Medicine*, 38 (2), 217-226.
- Harkness, S., & Super, C. M. (1996). Introdução. Em S. Harkness, & C. M. Super, Parents' cultural beliefs systems: their origins expressions, and consequences (pp. 1-23). New York: The Guilford Press.
- Hill, K., & Klapan, H. (1999). Life History Traits in Humans: Theory and Empirical Studies. *Annu. Rev. Anthropol*, 28, 397-430.
- Hrdy, S. B. (1999/2001). *Mãe Natureza – uma visão feminina da evolução: maternidade e seleção natural*. Rio de Janeiro: Editora Campos. Trad. de Álvaro Cabral.
- Hoier, S. (2003). Father absence and age at menarche: A test of four evolutionary models. *Human Nature*, 14(3), 209-233.
- Keller, H. (1998). Diferentes caminhos de socialização até a adolescência. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 8 (1/2), 1-14.
- Keller, H. (2002a). Culture and Development: Developmental pathways to individualism and interrelatedness. Em W. J. Lonner, D. L. Dinnel, S. A. Hayes & D. N. Sattler (Orgs.), *Online Readings in Psychology and Culture* (Unidade 11, Cap. 1). Center for Cross-Cultural Research. Western Washington University, Bellingham, Washington. Disponível: <http://www.wvu.edu/~culture>
- Keller, H. (2002b). Development as the interface between biology and culture: A conceptualization of early ontogenetic experiences. Em H. Keller, Y. H. Poortinga & A Schölmerich (Orgs.), *Between culture and biology: Perspectives on ontogenetic development* (pp. 215-235). Cambridge: Cambridge Press University.
- Keller, H. (2005). The dynamic interplay of culture and development. *Newsletter of International Society for the Study of Behavioral Development*, 1 Serial n. 47, 19-20.
- Keller, H. (2007). *Cultures of infancy*. Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates.
- Keller, H. & Greenfield, P. M. (2000). History and future of development in cross-cultural psychology. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 31(1), 52-62.

- Keller, H., & Chasiotis, A. (no prelo). *Maternal investment*. University of Osnabruck, Germany
- Keller, H., Abels, M., Borke, J., Lamm, B., Lo, W., Su, Y., & Wang, Y. (2007). Socialization environments of Chinese and Euro-American middle-class babies: Parenting behaviors, verbal discourses and ethnotheories. *International Journal of Behavioral Development*, 31(3), 210-217.
- Keller, H., Hentschel, E., Yovsi, R. D., Lamm, B., Abels, M. & Haas, V. (2004). The psycho-linguistic embodiment of parental ethnotheories: A new avenue to understanding cultural processes in parental reasoning. *Culture & Psychology*, 10 (3), 293-330.
- Keller, H., Papaligoura, Z., Kuensemuller, P., Voelker, S., Papaeliou, C., Lohaus, A., Lamm, B., Kokkinaki, T., Chryssikou, E. & Mousouli, V. (2003). Concepts of motherinfant interaction in Greece and Germany. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 34 (6), 677-689.
- Kobarg, A. P. R. (2006). *Crenças e práticas de mães sobre o desenvolvimento infantil nos contextos rural e urbano*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós- Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Lamb, M. E. (1997). *The Role of the Father in Child Development*. 3a. ed. New York, Chichester, Brisbane, Toronto, Singapore: John Wiley & Sons.
- Leyendecker, B., Harwood, R. L., Lamb, M. E., & Scholmerich, A. (2002). Mother's socialization goals and evaluations of desirable and undesirable everyday situations in two diverse cultural groups. *International Journal of Behavioral Development*, 26, 248-258.
- Lordelo, E. R.; Chalhub, A. A.; Guirra, R. C., & Carvalho, C. S. (2007) Contexto e desenvolvimento cognitivo: frequencia à creche e evolução do desenvolvimento mental. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 20(2), 324-334.
- Lordelo, E. R., Franca, C. B.; & Lopes, L. M. S. (2006). Investimento parental e desenvolvimento da criança. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 11(3), 257-264.

- Lordelo, E., Fonseca, A., & Araújo, M. (2000). Responsividade do ambiente de desenvolvimento: crenças e práticas como sistema cultural de criação de filhos. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 13 (1), 73-80.
- Martins, M. F. D., Costa, J. S. D., Saforcada, E. (2004). Qualidade do ambiente e fatores associados: um estudo em crianças de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, 20(3), 710-718.
- Miller, A. M. & Harwood, R. L. (2001). Long-term socialization goals and the construction of infants' social networks among middle class Anglo and Puerto Rico mothers. *International Journal of Behavioral Development*, 25(5), 450-457.
- Moffit, T. E., Caspi, A., Belsky, J., & Silva, P. A. (1992). Childhood experience and the onset of menarche: a test of a sociobiological model. *Child Development*, 63(1), 47-58.
- Morais, R.P. (2007). *Estatísticas para psicólogos*. São Paulo: Esetec
- Paquette, D. (2004). Theorizing the Father-Child Relationship: Mechanisms and Developmental Outcomes. *Human Development*, 47, 193–219.
- Pinker, S. (2004). *Tábula Rasa: a negação contemporânea da natureza humana*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Piovanotti, M. (2007). *Crenças maternas sobre práticas de cuidado parental e metas de socialização infantil*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Prado, A. B. (2005). *Semelhanças e diferenças entre homens e mulheres na compreensão do comportamento paterno*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Prado, A. B., & Vieira, M. L. (2003). Bases biológicas e influências culturais relacionadas ao comportamento parental. *Revista de Ciências Humanas*, 34, 313-334.
- Quinlan, Robert J. (2003). Father absence, parental care, and female reproductive development. *Evolution and human Behavior*, 24, 376-390.
- Rohner, R. P.; & Veneziano, R. A. (2001). The importance of father love history and contemporary evidence. *Review of General Psychology*, 5, 382-405.

- Ruela, S. F. (2006). *Um estudo intergeracional de crenças valorizadas por mães em uma comunidade rural do estado do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Ruela, S. F., & Seidl de Moura, M. L. (2007). Um estudo do nicho de desenvolvimento de um grupode de criança em uma comunidade rural. *Psicologia em Estudo (Maringá)*, 12 (2), 315-324.
- Sachetti, V. (2008). *Um estudo das crenças maternas sobre cuidados com crianças em dois contextos culturais do Estado de Santa Catarina*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Schor, N. (1990). Investigação sobre ocorrência de aborto em pacientes de hospital de centro urbano do Estado de São Paulo, Brasil. *Rev. Saúde Pública*, 24 (2), 144-151.
- Seidl de Moura, M. L., Ribas Jr., R. C., Piccinini, C. A., Bastos, A. C., Magalhães, C. M., Vieira, M. L., et al. (2004). Conhecimento sobre desenvolvimento infantil em mães primíparas de diferentes centros urbanos do Brasil. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9 (3), 421-429.
- Seifer, R., Sameroff, A.J., Dickstein, S., Keitner, G., Miller, I., & Rasmussen, S. (1996). Parental psychopathology, multiple contextual risks, and one-year outcomes in children. *J Clin Child Psychol*, 25, 423-435.
- Silva, A. K., Vieira, M. L., Seidl de Moura, M. L., & Ribas Jr., R. C. (2005). Conhecimento de mães primíparas sobre desenvolvimento infantil: um estudo em Itajaí, SC. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 15(3), 01-10.
- Suizzo, M. A. (2002). French parents' cultural models and childrearing beliefs. *International Journal of Behavioral Development*, 26(4), 292-307.
- Vieira, M. L., & Prado, A. B. (2004). Abordagem evolucionista sobre a relação entre filogênese e ontogênese no desenvolvimento infantil. Em M. L. Seidl de Moura, *O bebê do século XXI: a psicologia em desenvolvimento* (pp. 155-203). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Vieira, M. L., Martins, G. D. F., & Macarini, S. M. Comunicação pessoal. Universidade Federal de Santa Catarina
- Vieira, M. L., Seidl-de-Moura, M. L., Lordelo, E., Piccinnini, C. A., Martins, G. D., Macarini, S. M., et al. (no prelo). Brazilian mother's beliefs about childrearing practices. *Journal of Cross Cultural Psychology* .
- Vieira, V., Silveira, L.C., Vieira, M.L., & Prado, A.B. Modulação das estratégias reprodutivas em função da história de vida em três contextos catarinenses. *Artigo enviado para a avaliação na revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*
- Voland E. (1998) Evolutionary ecology of human reproduction. *Annual Review of Anthropology* ; 27: 347-74.
- Yamamoto, M. E., & Lopes, F. A. (2004). Dize-me o que falas e te direi o que comes: aquisição da linguagem e composição da dieta em crianças. Em M. L. Seidl de Moura, *O bebê do século XXI: a psicologia em desenvolvimento* (pp. 155-203). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Zamberlan, M.A.T., & Biasoli-Alves Z. M. M. (1996). *Interações familiares: teoria, pesquisa e subsídios à intervenção*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

9. ANEXOS

ANEXO A



**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado**



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é Edi Cristina Manfroi e estou desenvolvendo a pesquisa **“O QUE PENSAM E O QUE FAZEM MÃES NA CRIAÇÃO DE SEUS FILHOS COM IDADE DE 1 A 3 ANOS EM RELAÇÃO AO AMBIENTE FAMILIAR”** com o objetivo de Investigar a relação crenças e práticas de cuidados com o ambiente familiar de mães com seus filhos.

Este estudo é importante, pois poderá ajudar em intervenções mais consistentes de profissionais da área de saúde e também aos pais em suas práticas de criação com seus filhos. Serão realizadas entrevista com você e observação de seu filho no momento da entrevista. Isto não trará nenhum risco para você ou para seu filho, mas esperamos que este trabalho possa trazer muitos benefícios para todas as crianças e famílias. Para melhor elaboração e transcrição das entrevistas, será utilizado um gravador digital. Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo ou não quiser mais fazer parte do mesmo, poderá falar conosco pessoalmente ou pelo telefone 3320-3000 ou 048-8836-1588 ou por e-mail edicristinam@hotmail.com. Informamos, também, que a qualquer momento você poderá desistir da participação da mesma.

Se você estiver de acordo em participar, posso garantir que as informações fornecidas (ou material coletado e gravado) serão confidenciais e só serão usadas para fins científicos.

Pesquisadoras: Prof. Dr. Mauro Luis Vieira e Edi Cristina Manfroi.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____, fui esclarecido sobre a pesquisa **“O QUE PENSAM E O QUE FAZEM MÃES NA CRIAÇÃO DE SEUS FILHOS COM IDADE DE 1 A 3 ANOS EM RELAÇÃO AO AMBIENTE FAMILIAR”** e concordo que meus dados e de meu (minha) filho (a) sejam utilizados na realização da mesma.

_____, ____ de _____ de 200_.

Assinatura: _____ RG: _____

ANEXO B**INVENTÁRIO HOME PARA OBSERVAÇÃO E MEDIDA DO AMBIENTE**

Bettye M. Caldwell & Robert H. Bradley, 1984
University of Arkansas at little Rock
(0 a 3 anos)

Folha de Registro

Nome da criança Data da Visita.....
Data de Nascimento Entrevistador.....
Relação da pessoa entrevistada com a criança.....
Local da entrevista
Pessoas presentes no local no momento da entrevista.....
Comentários.....

I - Responsividade emocional e verbal da mãe	SIM	NÃO
A mãe vocaliza espontaneamente em relação à criança pelo menos duas vezes durante a visita (exclui-se chamar atenção ou passar “pito”).		
A mãe responde as vocalizações da criança com uma resposta vocal ou verbal.		
A mãe diz a criança o nome de algum objeto durante a visita ou diz o nome de uma pessoa ou objeto num estilo “didático”.		
A fala da mãe é distinta, clara e audível para o entrevistador-observador.		
A mãe inicia intercâmbio verbal com o observador - faz perguntas ou comentários espontâneos.		
A mãe expressa ideias livre e facilmente, e usa frases de tamanho adequado para conversar (por exemplo; apresenta mais do que meras e breves respostas).		
A mãe permite à criança ocasionalmente envolver-se em jogos e brincadeiras que sujam o ambiente ou a própria criança.		
A mãe espontaneamente elogia as qualidades ou comportamentos da criança pelo menos duas vezes durante a visita.		
Quando falando sobre ou para a criança a voz da mãe transmite um sentimento positivo.		
A mãe acaricia ou beija a criança pelo menos uma vez durante a visita.		
A mãe mostra alguma resposta emocional positiva frente a elogios feitos à criança pelo observador.		
SUBESCORE		

II Restrição e punição	SIM	NÃO
A mãe não grita com a criança durante a visita.		
A mãe não expressa irritação aborrecimento ou hostilidade aberta em relação à criança.		
A mãe não esbofeteia a criança durante a visita.		
A mãe relata apenas uma ocorrência de punição física que tenha ocorrido durante a semana passada.*		
A mãe não critica, passa “pito” ou “arrasa” verbalmente com a criança durante a visita.		
A mãe não interfere com as ações da criança ou restringe seus movimentos mais do que três vezes durante a visita.		
Pelo menos 10 livros estão presentes e visíveis no lar.		
A família tem um animal de estimação.*		
SUBESCORE		

III - Organização do ambiente físico e temporal	SIM	NÃO
Quando a mãe se ausenta, o cuidado à criança é fornecido por pelo menos uma de três substitutas regulares.		
Alguém leva a criança à quitanda, supermercado, etc, pelo menos uma vez por semana.		
A criança sai de casa pelo menos quatro vezes por semana.		
A criança é levada regularmente ao médico ou clínica para verificação de saúde ou cuidados preventivos.		
A criança tem um lugar especial no qual pode guardar seus brinquedos e pequenos “tesouros”.		
O ambiente de brinquedo, de jogos da criança parece seguro e livre de acidentes.		
SUBSCORE		

IV - Disponibilidade de materiais de brinquedos e jogos apropriados	SIM	NÃO
A criança tem brinquedos ou outros objetos que envolvam atividade muscular.		
A criança tem brinquedos de empurrar ou puxar.		
A criança tem um patinete, um andador, um triciclo, qualquer carrinho que a criança impulsiona com os pés.		
A mãe fornece brinquedos ou sugere atividades interessantes para a criança durante a entrevista.		
A mãe fornece objetos apropriados para a aprendizagem e de acordo com a idade da criança: brinquedos de pelúcia ou jogos de faz de conta.		
A mãe fornece material de aprendizagem apropriada à idade da criança: móveis, mesas e cadeiras, cadeirões, chiqueirinho.		
A mãe fornece brinquedos que favoreçam a coordenação viso-motora- por exemplo: peças pra serem introduzidas ou retiradas de orifícios, caixas, contas, contas para enfiar, etc.		
A mãe fornece brinquedos que favoreçam a coordenação viso-motora e que permitam combinações: jogos de empilhar ou encaixar blocos, etc.		
A mãe fornece brinquedos que estimulem a leitura e a música.		
SUBSCORE		

V - Envolvimento materno com a criança	SIM	NÃO
A mãe tende a conservar a criança dentro de seu campo visual e a olhá-la frequentemente.		
A mãe fala à criança enquanto realiza seu trabalho de casa.		
A mãe conscientemente encoraja o desenvolvimento da criança.		
A mãe investe em brinquedos mais complexos através de sua atenção.		
A mãe estrutura os períodos de brinquedo da criança.		
A mãe fornece brinquedos que desafiam a criança a desenvolver novas habilidades.		
SUBSCORE		

VI - Oportunidades de variação na estimulação diária	SIM	NÃO
O pai fornece algum cuidado à criança cada dia.		
A mãe lê histórias para a criança pelo menos três vezes por semana.		
A criança come pelo menos uma refeição por dia com a mãe e o pai.		
A família visita ou recebe a visita de parentes.		
A criança possui três ou mais livros.		
SUBSCORE		

Subescala	Escore	Menor que a 4ª parte	Médio	Superior à 4ª parte
I. Responsividade		0 – 6	7 – 9	10 – 11
II. Aceitação		0 – 4	5 – 6	7 – 8
III. Organização		0 – 3	4 – 5	6
IV. Materiais		0 – 4	5 – 7	8 – 9
V. Envolvimento		0 – 2	3 – 4	5 – 6
VI. Variedade		0 – 1	2 – 3	4 – 5
Escore Total		0 – 25	26 – 36	37 – 45

Para um rápido perfil de uma família, coloque um X na coluna que corresponde ao escore bruto em cada subescala e o escore total.

10. APÊNDICE

APÊNDICE A

Instrumento utilizado na aplicação dos inventários com opção de escolha de resposta em escalas de “*Likert*”.

